

Cadernos do
LEPAARQ

VOL. VIII

Nº. 15/16

2011

ISSN 2316-8412



**Textos de
Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**

Instituto de Ciências Humanas
Universidade Federal de Pelotas

Cadernos do
Lepaarq

Textos de

Antropologia, Arqueologia e Patrimônio

Vol. VIII | nº15/16 | 2011 | ISSN 2316 - 8412



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Reitor:

Prof. Antonio Cesar Gonçalves Borges

Vice-Reitor:

Prof. Manoel Luiz Brenner de Moraes

Pró-Reitora de Graduação:

Prof.^a. Eliana Póvoas

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Manoel Maia

Pró-Reitor de Extensão e Cultura:

Prof. Luiz Ernani Ávila

Pró-Reitor Administrativo:

Prof. Élio Paulo Zonta

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento:

Prof. Rogério Knuth

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor:

Prof. Sidney Gonçalves Vieira

Vice-Diretora:

Prof.^a. Lorena Almeida Gil

LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

Coordenador:

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira



Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS

CEP 96010-150

Fone/fax: (53)227 3677

e-mail: editoraufpel@uol.com.br

Ficha catalográfica: Ayde Andrade de Oliveira –
CRB 10/864

EDITORIA – CADERNOS DO LEPAARQ

Editoria:

Editores Responsáveis

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Dr. Rafael Guedes Milheira

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (UNICAMP)

Prof. Dr. Charles Orser Jr.

(Illinois State University, EEUU)

Prof.^a. Dr.^a. Lourdes S. Dominguez (Pesquisadora da Oficina del Historiador de La Habana e integrante da Academia de Ciencias de Cuba)

Prof. Dr. Luiz Oosterbeek (IPT – Portugal)

Prof. Dr. Saul Milder (UFSM)

Prof.^a. Dr.^a. Adriana Schmidt Dias (UFRGS)

Prof. Dr. Francisco Pereira Neto (UFJF)

Prof.^a. Dr.^a. Zulmira Newlands Borges (UFSM)

Prof. Dr. Airtton Luis Jungblut (PUC-RS)

Prof.^a. Dr.^a. Katya Vietta

Profa. Dra. Helen Gonçalves (UFPEL)

Conselho Consultivo:

Prof.^a. Dr.^a. Nirce Saffer Medvedovski (UFPEL)

Prof.^a. Dr.^a. Neiva Bohns (UFPEL)

Prof.^a. Dr.^a. Ana Rosa Cruz (IPT – Portugal)

Prof. Dr. Arno Kern (PUC-RS)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Helena Sant'Ana (UNISC)

Prof. Me. Walmir Pereira (MARS)

Secretaria Editorial:

Rafael Guedes Milheira

Editoração e Projeto Gráfico:

Chaiane Alves Quadrado

Cadernos do LEPAARQ - Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia. Pelotas, RS: Editora da Universidade Federal de Pelotas, v.8, n.15/16, 2011.

Semestral

ISSN impresso 1806-9118

ISSN eletrônico 2316-8412

1. Arqueologia - Periódico. 2. Antropologia - Periódico. 3. Patrimônio - Periódico. I. Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia.

CDD 930.1

SUMÁRIO

PÁGINA

EDITORIAL

Rafael Guedes Milheira

7

POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO PARA ACERVOS ARQUEOLÓGICOS

Rafaela Nunes Ramos

11

UM SISTEMA DOCUMENTAL PARA ACERVOS ARQUEOLÓGICOS APLICADO AO LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS/UFSM

Luciana Oliveira Messeder Ballardó e Saul Eduardo Seiguer Milder

27

AS CADEIAS OPERATÓRIAS LÍTICAS DO SÍTIO PT-02 (CERRITO DA SOTÉIA), ILHA DA FEITORIA, PELOTAS-RS: UMA HIPÓTESE INTERPRETATIVA REFERENTE AO APROVEITAMENTO LITOLÓGICO NO LITORAL SUDOESTE DA LAGUNA DOS PATOS

Anderson Marques Garcia e Rafael Guedes Milheira

41

A TRADIÇÃO CERAMISTA TUPIGUARANI NA PLANÍCIE COSTEIRA CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Marlon Borges Pestana

83

ETNOARQUEOLOGIA DA PESCA. UM ESTUDO SOBRE AS ÁREAS DE ATIVIDADE E PRÁTICAS DE PESCA DOS PESCADORES DA BARRA DO JOÃO PEDRO, RS

Lucas Antonio Da Silva

113

CULTURA MATERIAL E ICONOGRAFIA: UM ESTUDO DAS ÂNFORAS GREGAS DO FESTIVAL DAS PANATENEIAS

Camilla Miranda Martins

129

A ARQUITETURA PRODUZIDA PELOS DESCENDENTES DE POMERANOS NA SERRA DOS TAPES

Vanessa Patzlaff Bosenbecker

153

A FESTA DE NAVEGANTES NA COLÔNIA Z-3 DE PELOTAS: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE E FÉ

Alessandra Buriol Farinha, Jerusa Oliveira Michel e Claudio Baptista Carle

179

**RELATÓRIO DE PESQUISA DO PROJETO ARQUEOLOGIA E
HISTÓRIA INDÍGENA DO PAMPA: ESTUDO DAS POPULAÇÕES
PRÉ-COLONIAIS NA BACIA HIDROGRÁFICA DA LAGUNA DOS
PATOS E LAGOA MIRIM**

Rafael Guedes Milheira

199

E D I T O R I A L

No oitavo volume dos Cadernos do LEPAARQ as contribuições às áreas de arqueologia, antropologia e patrimônio são bastante variadas e atingem a diferentes interesses do público acadêmico. Entre as temáticas valorizadas nesse volume, iniciamos com os artigos sobre gestão de acervos arqueológicos, cujo tema tem chamado a atenção de muitos pesquisadores preocupados com o bom acondicionamento das coleções em diversos centros de pesquisa. Com o advento da arqueologia de contrato ou empresarial, cresce de maneira exorbitante o número de acervos arqueológicos em todo território nacional, de maneira que as práticas administrativas dos centros de pesquisa, museus e demais instituições de memória, nem sempre atendem a demandas corretas de preservação e acondicionamento.

Com essa preocupação que o primeiro artigo de Rafaela Nunes Ramos trata da política de gestão do acervo arqueológico do LEPAARQ-UFPEL. Nesse artigo, a autora descreve o modo como as coleções são inseridas na reserva técnica do LEPAARQ, demonstrando uma preocupação grande com as articulação entre campo e laboratório, para que as informações sejam preservadas, garantindo assim, que as fontes documentais arqueológicas possam servir adequadamente para o entendimento da história.

Na mesma lógica o trabalho de Luciana Oliveira Messeder Ballardo e Saul Eduardo Seiguer Milder apresenta a implantação de um sistema de documentação para o acervo arqueológico sob administração do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA/UFSM). Os autores constituíram esse sistema buscando atender exigências técnicas, procurando fazer com que o mesmo garanta praticidade na organização e identificação dos objetos no acervo. Destaca-se que esse tipo de abordagem é uma contribuição significativa para a área de arqueologia, servindo como um referencial na elaboração de

novos sistemas para documentação de Patrimônio Material Arqueológico.

Os dois trabalhos que seguem versam sobre as populações pré-coloniais da laguna dos Patos. Primeiramente, o artigo de Anderson Marques Garcia e Rafael Guedes Milheira apresenta um estudo sobre a indústria lítica do sítio PT-02 Cerrito da Sotéia, localizado na ilha da Feitoria, Pelotas-RS. Esse cerrito com datações de aproximadamente 1000 A.P. tem uma indústria lítica composta basicamente pela utilização do quartzo como principal matéria-prima, cuja técnica de lascamento bipolar permite a exploração dos recursos litológicos da maneira mais eficiente. Além do estudo das técnicas de lascamento a partir de uma perspectiva de cadeia operatória, os autores buscaram identificar as áreas de captação de recursos e, com isso, pensar em dimensões territoriais.

O artigo de Marlon Borges Pestana trata da tradição ceramista tupiguarani que ocupou a planície costeira central em data ainda não definida por métodos absolutos. Os vestígios dessa tradição arqueológica na região da restinga da laguna dos Patos indicam se tratar de ocupações que habitaram e dominaram esse ambiente, constituindo suas aldeias e áreas de acampamentos. Nesse sentido, contribuíram para um panorama multi-cultural que se estende a toda margem da laguna dos Patos.

Na interface entre arqueologia e antropologia, Lucas Antonio Da Silva apresenta um trabalho etnoarqueológico sobre as práticas de pesca dos pescadores da Barra do João Pedro, litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul. Com esse trabalho o autor busca contribuir para o enriquecimento da etnoarqueologia na região da pesquisa, uma vez que a riqueza histórica é pouco explorada por esse tipo de abordagem teórica. Através de observações etnográficas ficam evidentes as relações entre práticas atuais de pesca e áreas de atividade.

Com o artigo de Camilla Miranda Martins os Cadernos do LEPAARQ, mais uma vez, abrem as portas para a arqueológica clássica no Brasil. Numa visão interdisciplinar, o classicismo tem sido

marcado por uma frutífera integração entre história, arqueologia e estudos visuais. Esse é o ponto de partida do trabalho da autora, a iconografia de cerâmicas panatenaicas como suporte arqueológico, cujos esquemas figurativos interpretados conjuntamente apontam traços da história antiga.

Vanessa Patzlaff Bosenbecker identifica a contribuição centro-europeia na arquitetura da serra do Tapes, município de Pelotas-RS. Debruçando-se sobre sítios rurais, a autora pensa as características da arquitetura produzida pelos pomeranos em suas terras de origem e as adaptações, permanências e rupturas dessa arquitetura nas novas colônias ocupadas ainda no século XIX.

Ainda sob um enfoque antropológico e buscando entender fenômenos sociais correntes no município de Pelotas, Alessandra Buriol Farinha, Jerusa Oliveira Michel e Claudio Baptista Carle estudam aspectos da identidade religiosa dos moradores da Colônia Z-3, a partir de artigos publicados no jornal comunitário “O Pescador”. Festa de Navegantes, identidade religiosa e território são elementos culturais que compõem o patrimônio imaterial dessa Colônia, merecendo destaque no cenário social da cidade.

O trabalho final desse volume é um relatório de mapeamento de campo da região da lagoa do Fragata, município de Pelotas, onde foram identificados, até o momento, cinco novos cerritos na região, enriquecendo o cenário do patrimônio arqueológico regional.

Boa leitura!

Rafael Guedes Milheira
Pesquisador do LEPAARQ
Editor dos cadernos do LEPAARQ

Políticas de preservação para acervos arqueológicos

Rafaela Nunes Ramos¹

RESUMO: Este estudo procura evidenciar que os vestígios culturais humanos são documentos fundamentais no desenvolvimento da pesquisa arqueológica e museológica, bem como são ferramentas de estudo importantes para o entendimento da história. A partir desta constatação, demonstra-se a necessidade da aplicação de metodologias de gestão de acervos estruturadas de forma apropriada para proporcionar a preservação desses remanescentes arqueológicos, dessas fontes de pesquisa em potencial. Desta forma, este trabalho apresenta as políticas de preservação direcionadas ao acervo e à documentação arqueológica salvaguardados no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/ UFPel).

PALAVRAS-CHAVE: *Arqueologia, cultura material, gerenciamento de acervos.*

ABSTRACT: This study aims to demonstrate that human cultural remains are key documents for the development of archaeological and museum researches, this objects are also important to the understanding of history. Within this context, it's demonstrated the need to apply structured collections management methodologies to provide archaeological remains preservation. Therefore, this paper presents the preservation policies that are used on the archeological collection and it's documentation, which are safeguarded at the Laboratory of Teaching and Research in Anthropology and Archaeology at the Federal University of Pelotas (LEPAARQ / UFPel).

KEY-WORDS: *Archaeology, cultural material, management of collections.*

Introdução

A cultura material sempre esteve presente na história da humanidade, sempre fez parte da dinâmica social dos diferentes

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil; e mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela mesma universidade; bem como pesquisadora associada ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/ UFPel), Brasil.

grupos humanos, portanto são indispensáveis à construção do conhecimento arqueológico, histórico e à gestão de coleções em museus.

Segundo Meneses (1983), entende-se como vestígios culturais os segmentos do meio físico que são socialmente apropriados pelo homem. Os indivíduos interveem e modelam os recursos naturais segundo propósitos e normas culturais. Ainda a partir desse autor, afirma-se que essa ação não é aleatória, ocorre conforme certos padrões culturais, e nesse contexto se incluem os artefatos, as construções civis, as modificações da paisagem, as cerimônias simbólicas e ritualísticas, assim como o próprio corpo, já que este é passível de vários tipos de manipulações.

Os remanescentes culturais vinculados às pessoas possuem, além das propriedades inerentes da natureza, um valor pragmático (o valor de uso do material), e um valor imaterial, ou simbólico (Ramos, 2010). No entanto, não existe uma oposição entre os elementos materiais e imateriais da cultura material, não se pode separá-los, “a cultura refere-se, a um só tempo, ao mundo material e espiritual” (Funari, 2006, p. 13).

As representações culturais não são apenas produtos humanos, mas sim vetores de relações sociais. As pessoas vivem em um mundo de coisas materiais indispensáveis para a sobrevivência social, biológica e psíquica, a cultura material participa decisivamente na produção e reprodução social (Meneses, 1994), a partir dela entendemos o complexo fenômeno da apropriação de segmentos da natureza física (Meneses, 1983 *apud* Meneses, 1994). Desta maneira, admite-se que sendo esta forjada, concebida, materializada, e utilizada entre os grupos sociais, ela pode ser lida para a compreensão do desenvolvimento das regras culturais desses grupos (Funari; Carvalho, 2009). Nessa perspectiva, admite-se a sua grande importância como fonte de pesquisa para as ciências humanas.

Em vista desta questão, pode-se afirmar que a cultura material é documento histórico e, por consequência disso, faz-se

necessário a sua preservação. Os objetos são verdadeiros suportes de significação, são veículos de informações que geram conhecimento (Ferrez, 1994). Esse conhecimento pode ser desencadeado através de pesquisas desenvolvidas por diferentes áreas científicas, como por exemplo, as pesquisas arqueológicas e museológicas, as quais estão, de certa forma, vinculadas à história.

A arqueologia vincula-se à antropologia e faz parte da história, compreende o gênero humano, constitui uma disciplina humanística, e como se ocupa do passado do homem, é uma disciplina histórica (Renfrew; Bahn, 1993). Percebe-se o vínculo entre a arqueologia e a história tendo em vista que “a arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico” (Funari, 2006, p.15).

Para a museologia, os objetos culturais são também as principais ferramentas de trabalho. Esse campo de investigação tem o museu como um lugar de memória, uma “instituição voltada para a comunicação do patrimônio cultural preservado” (Cury, 2005, p. 366) e a cultura material como “vetor de conhecimento, comunicação e de construção de significados culturais” (Cury, 2005, p. 367).

Partindo destas constatações iniciais, torna-se evidente a relevância da utilização de métodos para a preservação da cultura material, e de suas informações, tendo em vista que ela é carregada de sentido memorial, é responsável não apenas pelo desenvolvimento de estudos arqueológicos e museológicos, mas também pela constituição do patrimônio histórico e cultural.

Metodologias de Gestão

A instituição LEPAARQ/UFPel, assim como todas as instituições arqueológicas, possui algumas políticas de preservação

direcionadas ao acervo arqueológico e a documentação vinculada a este.

As constantes intervenções arqueológicas influenciam muito na gestão dos acervos originados por meio destes trabalhos, bem como do acervo geral do laboratório, visto que, a reserva técnica está em constante crescimento e, conseqüentemente, aumentam as demandas e também as dificuldades de administrar o acervo arqueológico. Vejamos a seguir uma breve descrição de como se desenvolvem as políticas de gestão de acervos na instituição em questão:

Nomenclatura dos Sítios Arqueológicos

Os sítios arqueológicos têm seus nomes compostos em duas partes, uma parte relativa aos principais limites geográficos circundantes aos sítios (neste caso os recursos hídricos) e outra mais convencional (a forma como a localidade do sítio é conhecida). Para demonstrar a formação da nomenclatura formal, vejamos o exemplo do sítio PSGPe-01 Casa 8², derivada dos corpos hídricos no entorno do sítio: Laguna dos Patos, Canal São Gonçalo e Arroio Pepino (FIGURA 01).

Número de Catálogo

Para a identificação tanto dos sítios como das doações feitas ao laboratório existe o número de catálogo. Esse número é estipulado pela ordem dos sítios trabalhados e às doações realizadas. O catálogo numero 1, por exemplo, foi atribuído à primeira doação feita ao LEPAARQ por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, e a partir de então, os números de catálogos foram aumentando de acordo com as doações e os trabalhos arqueológicos de campo.

² Este sítio encontra-se no centro histórico de Pelotas.

Até a presente data, há uma média de 100 catálogos registrados no laboratório. Cada sítio e cada doação possui um número de catálogo correspondente, contudo, pode haver a possibilidade de um único sítio conter mais de um número de catálogo, em vista que, o número é estipulado pela campanha da intervenção arqueológica. Como exemplo, pode-se verificar isso no sítio PSGPe-03 Praça cel. Pedro Osório, o qual possui quatro números de catálogos distintos (Cat. 25 para a campanha 2003, Cat. 27 para a campanha 2004, Cat. 32 para a campanha 2005 e Cat. 36 para a campanha 2006).

Livros Tombo

Quando um sítio arqueológico é identificado e vai sofrer algum tipo de intervenção, ele é registrado em um livro tomo denominado *Livro de Registro de Sítios e Doações*. Neste livro são registradas algumas informações referentes ao sítio a ser trabalhado, como o nome do sítio, código, local, município, tipo de sítio (histórico ou pré-histórico), data da campanha, bem como observações. São registradas nesse livro também as doações que são realizadas ao laboratório, mediante a assinatura de um termo de doação. Assim que o material arqueológico chega ao laboratório após o trabalho de campo, ou quando uma doação é realizada, imediatamente é atribuído um número de catálogo para esse material em outro livro chamado de *Livro de Catálogo*. Neste livro os dados contidos são basicamente as mesmas do *Livro de Registro de Sítios e Doações*, porém com algumas informações a mais, o número de catálogo e algumas outras observações relacionadas ao material arqueológico.

Inventário

O processo de inventário de peças e documentos é empregado por variadas instituições, sejam instituições

arqueológicas, museus ou arquivos em geral. Qualquer instituição que possuir uma reserva técnica utiliza-se da constituição de inventários.

O inventário dos vestígios arqueológicos pertencentes ao acervo do LEPAARQ é composto por uma junção de três números de identificação. Esses números são inscritos nas próprias peças (FIGURA 02) e correspondem às informações contextuais dos objetos, isto é, o número de catálogo, o número correspondente à área de escavação onde o material foi encontrado e por fim o número da peça em si (dentro de determinado catálogo).

Utiliza-se para a aplicação dos números nos materiais uma camada de esmalte incolor em um local que não prejudique a análise posterior da peça. Assim que o esmalte seca, são aplicados os números com caneta nanquim preta ou branca, dependendo da coloração do material. Todavia, alguns objetos não têm os números inscritos em sua superfície. Isso, no caso de materiais muito pequenos ou com formas que impossibilitem essa ação. Sendo assim, o número de inventário é escrito na etiqueta que posteriormente será adicionada ao vestígio na hora da sua guarda.

O caso aqui abordado, ou seja, a forma de inventariar é padrão do LEPAARQ. Cada instituição possui critérios diversos para o inventário, no laboratório de arqueologia da UFPel, faz-se uso do sistema dos três números já apontados, pois tem esse método como uma forma de preservação das informações de localização das peças.

Organização da Reserva Técnica

De forma geral, a gestão do acervo é processada da seguinte maneira: após serem feitos os devidos registros de procedência do material, este passa pelo processo de higienização, inventário, acondicionamento e registro, em um banco de dados adaptado à informática, das informações geradas no decorrer dessas atividades.

A organização das peças começa a partir da elaboração de fichas de descrições básicas dos materiais denominadas *ficha de registro de inventário*³ (FIGURA 03), nas quais são informados dados específicos dos objetos. Essas fichas também servem, posteriormente, como base para a inclusão de informações no banco de dados digital.

Depois da criação das fichas, os processos que envolvem o gerenciamento do acervo acontecem de forma concomitante. O primeiro passo consiste na retirada do material, que ainda não tenha passado pelos devidos processos curatoriais, da caixa onde ele estava acondicionado. Em seguida, é realizado o preenchimento das fichas, onde são relatadas, além das informações dos materiais, a futura localização destes dentro da reserva técnica. Ter acesso à localização exata dos materiais na reserva é um dos principais objetivos dessa operação, pois esse tipo de informação é essencial quando o pesquisador faz uso dos objetos como fonte para a sua pesquisa. “A surpresa de solicitar uma caixa e depois descobrir que o conteúdo não condiz com a identificação do rótulo e do instrumento de pesquisa não costuma ser incomum” (Bacellar, 2006, p. 53). Quando temos disponível a localização certa dos componentes do acervo, a pesquisa é menos desgastante, e ao mesmo tempo os objetos estão sendo preservados, já que, assim não haverá a necessidade de procurá-los vasculhando a reserva técnica e manuseando muitos materiais em busca do seu objeto de pesquisa.

Posteriormente, o material é embalado novamente, e aqueles que não possuíam etiquetas de identificação (FIGURA 04) as têm adicionadas aos seus invólucros. Então esses objetos são reacondicionados em uma nova caixa arquivo de cor branca, nas quais são fixadas etiquetas padrão de identificação na sua lombada (FIGURA 05-A), e regressam à reserva técnica (FIGURA 05-B).

³ Basicamente utiliza-se apenas um tipo de ficha de registro de inventário, porém esta é passível de adaptações dependendo do material que está sendo trabalhado, e de sua procedência.

Assim que o material é acondicionado na reserva técnica, as fichas de registro de inventário são digitalizadas e impressas (FIGURA 06) a fim de serem arquivadas.

Essa documentação também é arquivada em suporte digital, para depois servir de base para o processamento de dados no software de gestão digital.

A documentação arqueológica exerce um papel fundamental na gestão dos acervos.

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar (...) as coleções dos museus de fontes de informações em fonte de pesquisa científica (...) (Ferrez, 1994, p. 65).

A etapa final do gerenciamento do material de determinado catálogo se verifica quando todas as informações geradas com esse processo são digitalizadas no banco de dados do acervo.

Banco de Dados Digital - PGAArq (Programa para o Gerenciamento de Acervo Arqueológico).

Esta ferramenta metodológica (FIGURA 07) de gestão tem como principal função a organização e a gestão das informações relativas ao material arqueológico sob a guarda do laboratório. O Software foi desenvolvido em parceria com a empresa de consultoria ANPH, adaptando “o sistema documental às exigências da linguagem informatizada” (Bottallo, 1998, p. 263), com a

intenção de, futuramente, disponibilizar a consulta de dados referentes ao acervo arqueológico via internet.

O iniciar de uma pesquisa exige a localização de fontes. De modo geral, é preciso verificar, ao se propor um tema qualquer, quais conjuntos documentais poderiam ser investigados em busca de dados. Poucas são as instituições arquivísticas, a exemplo do Arquivo Nacional, onde uma observação básica e preliminar pode ser realizada via internet, sugerindo possibilidades por meio da consulta das palavras chave e datas. A maioria dos arquivos públicos pouco disponibiliza via rede, tornando necessário o deslocamento físico (Bacellar, 2006, p.51).

A instituição LEPAARQ/UFPel conta com um acervo bastante representativo, o que acabou exigindo o desenvolvimento de um programa de gestão que possibilitasse, ao mesmo tempo, armazenar dados e os dispor com rapidez e facilidade. Esse programa permite que os dados relativos tanto aos sítios, quanto às doações, bem como ao acervo arqueológico, sejam armazenados de forma padronizada (sistematizada), permitindo, assim, a disponibilização de relatórios completos a qualquer momento.

O programa permite, basicamente, o registro de sítios arqueológicos com base nos formulários do IPHAN; registro de doação de material arqueológico; inventário de peças arqueológicas em formulários específicos; controle da reserva técnica com localização de peças por caixa; controle da movimentação do acervo arqueológico; cruzamento de dados com geração de tabelas e

gráficos; consulta de dados; entre outras funções⁴ (Ramos *et al.*, 2007). Além de reunir e preservar dados, o programa agiliza a troca e a recuperação de informações para fins de pesquisa e curadoria de exposições museológicas.

Considerações Finais

Por meio do presente trabalho procurou-se demonstrar que, uma vez que, a cultura material é essencial para o entendimento da arqueologia, da museologia, e também da história, ela, como documento histórico, necessita passar por processos de gestão apropriados para a sua preservação. Assim como as fontes escritas, visuais, audiovisuais, etc., são organizadas e arquivadas, bem como são utilizadas como fontes para pesquisas históricas, os vestígios arqueológicos também devem ter os mesmos cuidados, e ser aproveitados da mesma forma.

Desta maneira, evidencia-se a importância da utilização de métodos de gestão de acervos bem estruturados e padronizados que permitam a preservação dos vestígios arqueológicos que compõem a reserva técnica do laboratório, um acervo que remonta às pesquisas desenvolvidas ao longo dos últimos 11 anos (no município de Pelotas e região) e às doações realizadas à instituição desde a sua criação, e o qual encontra-se em processo de análise e organização.

Conclui-se, então, que a decisão pelos tipos de metodologias destinadas à gestão de acervos arqueológicos descritas neste estudo, é fundamental para a preservação do acervo arqueológico sob a guarda do LEPAARQ.

⁴ Em relação às etapas de funcionamento do programa, ver detalhes em Ramos (2010).

Figuras

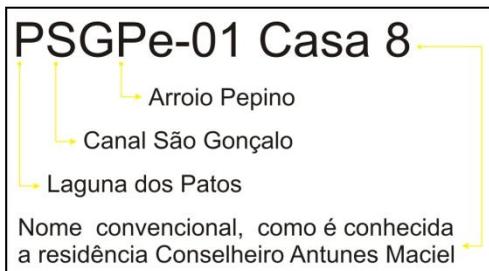


Figura 01

Esquema ilustrativo da nomenclatura dos sítios arqueológicos.

Fonte: Ramos (2010)

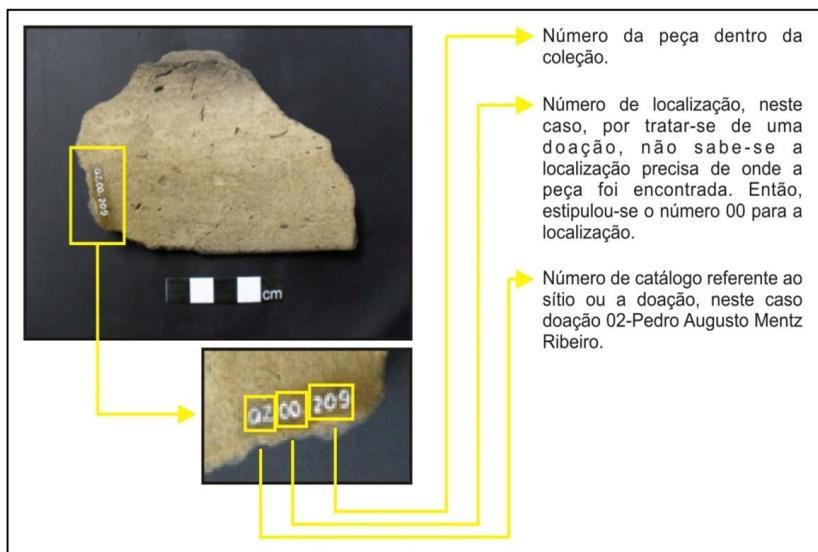


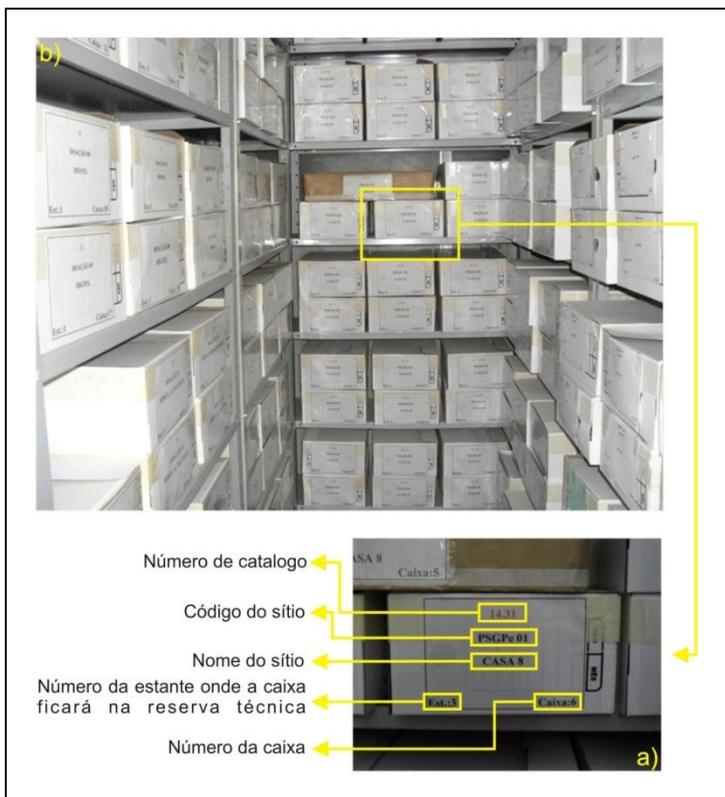
Figura 02

Esquema ilustrativo da metodologia utilizada para o inventário das peças. Fragmento de cerâmica indígena Guarani.

Fonte: Ramos (2010)

Sítio:	Nº da peça:
Quadrícula:	Norte:
Nível:	Leste:
Data:	Altura:
Local:	Observações:
Registrado por:	
LEPAARQ - LABORATÓRIO DE ENS. E PÉSQ. EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA-ICH/UFPEI	

Figura 04
Etiqueta de
identificação
padrão do
LEPAARO⁵.



⁵ Esta etiqueta é adicionada ao saco onde o material arqueológico é acondicionado assim que ele é retirado do solo. Depois que o material passa pelos processos de limpeza e inventário, essa etiqueta é refeita e continua acondicionada com os objetos quando estes são guardados na reserva técnica.

Figura 05 (pág. anterior)

Caixa de arquivo nova onde o material arqueológico fica acondicionado na reserva técnica (a). Parte da reserva onde estão os objetos que já passaram pelo processo de reorganização do acervo (b). Fonte: Ramos (2010)

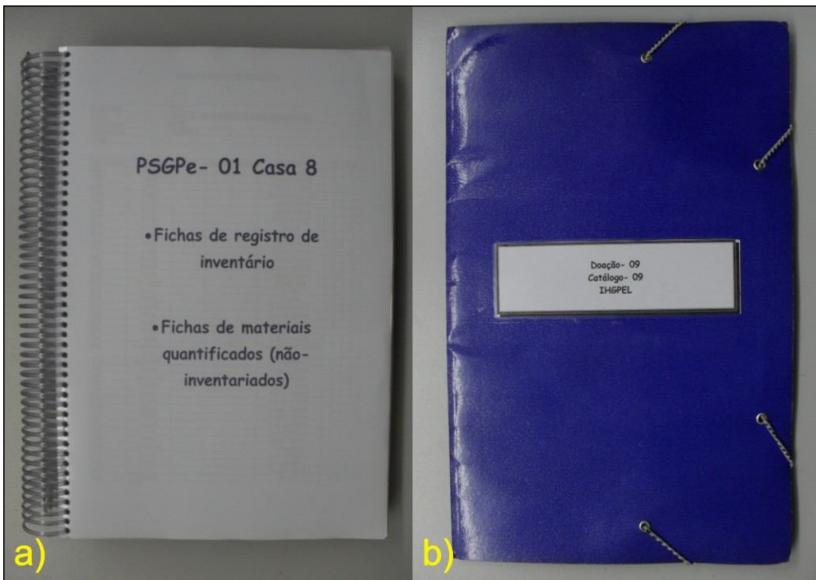


Figura 06

Fichas de registro de inventário referentes ao sítio PSGPe-01 Casa 8 (a) e à doação 09 IHGPEL (b). Fonte: Ramos (2010)

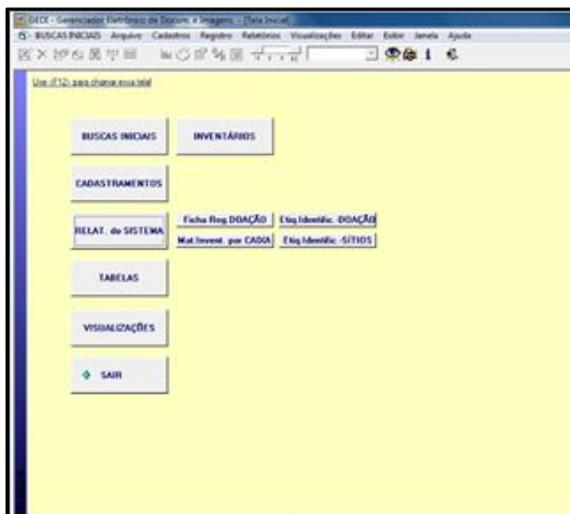


Figura 07
Janela inicial do banco de dados adaptado à informática⁶.

Bibliografia

- BACELLAR, C. Fontes documentais: Uso e Mau Uso dos Arquivos. In: *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-79.
- BOTTALLO, M. As Coleções de Arqueologia Pré-Colonial Brasileira do MAE/USP: Um exercício de Documentação Museológica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.8, p.257-268, 1998.
- CURY, M. Comunicação e pesquisa de recepção: Uma perspectiva teórico- metodológico para os museus. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v.12 (suplemento), p.365-380, 2005.
- FERREZ, H. D. Documentação Museológica: Teoria para uma boa Prática. *Cadernos de Ensaio: Estudos de Museologia*, Rio de Janeiro: Mic. IPHAN, n.2, p.64-74, 1994.
- FUNARI, P. P.. *Arqueologia*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

⁶ O layout deste software já sofreu algumas adaptações, esta é a versão que está sendo utilizada atualmente. Porém essas adaptações não interferem no seu funcionamento.

- FUNARI, P. P.; CARVALHO, A. V. Cultura material e patrimônio científico: discussões atuais. In: II Seminário Internacional - Cultura Material e Patrimônio da Ciência e da Tecnologia - Mast, 2009, Rio de Janeiro. Cultura Material e Patrimônio da Ciência e da Tecnologia. Rio de Janeiro : MAST, 2009. v. 1. p. 1-13.
- MENESES, U. T. A Cultura Material no Estuda das Sociedades Antigas. *Revista de História*, São Paulo, n.115, p.103-117, 1983.
- MENESES, U. T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do museu Paulista*, São Paulo, v.2, n. ser, p.9-42, jan./dez. 1994.
- RAMOS, R. N. Gestão, Preservação e Informação: Uma Proposta Digital para o Gerenciamento do Acervo Arqueológico do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARO) da Universidade Federal de Pelotas. 2010. 59f. Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
- RAMOS, R. N.; PEIXOTO, L.; ZORZI, M. PGAARQ-Programa de Gerenciamento de Acervo Arqueológico. In: *Anais do I Congresso Internacional da SAB, XIV Congresso da SAB, III Encontro Nacional do IPHAN e Arqueólogos*. Florianópolis: UFSC, 2007. p. 223-224.
- RENFREW, C.; BAHN, P. *Arqueologia: teorias, métodos y prática*. Madrid: Akal,1993.

Recebido em: 28/06/2011

Aprovado em: 23/10/2011

Publicado em: 06/12/2011

Um sistema documental para acervos arqueológicos aplicado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFSM

Luciana Oliveira Messeder Ballardo¹
Saul Eduardo Seiguer Milder²

RESUMO: Este artigo apresenta a implantação de um sistema de documentação para o patrimônio material abrigado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA/UFSM). O sistema procura atender as necessidades documentais do acervo seguindo parâmetros técnicos e utilizando mecanismos que auxiliem na organização e recuperação dos objetos, tanto fisicamente como as informações a eles relacionadas. Previamente, o artigo apresenta uma análise bibliográfica acerca da documentação museológica em acervos de Patrimônio Material de forma geral, e também, especificamente a documentação de patrimônio arqueológico. Em seguida, o processo de documentação que está sendo utilizado no laboratório. E por fim, aponta as contribuições para esta área de estudo, que podem ser usadas como referencial na elaboração de novos sistemas para documentação de Patrimônio Material Arqueológico.

PALAVRAS-CHAVE: *patrimônio material, arqueologia, documentação museológica.*

ABSTRACT: This article presents the implantation of a documentation system for Laboratory of Archaeological Studies and Research from the Federal University of Santa Maria (LEPA/UFSM). The system seeks to attend the needs from collection, following technical parameters and using mechanisms that assist in the organization and find the objects and the information about them. Previously, the article shows a bibliography analysis about museological documentation of Material Patrimony in general and archaeological heritage documentation. Right away, the documentation process is being used in the laboratory. In conclusion, it shows the contributions to be a referential in future work in this thematic.

KEY-WORDS: *material patrimony, archaeology, museological documentation.*

¹ Mestranda em Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (PPGPPC/UFSM), Brasil; Bacharel em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil; Museóloga pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil.

² Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil; Professor do Mestrado em Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (PPGPPC/UFSM), Brasil.

Introdução

Nos últimos anos tem havido muitos avanços na área de Documentação Museológica, pois os diferentes acervos que antes eram analisados com uma metodologia mais geral e abrangente, usando sistemas que muitas vezes não atendiam as especificidades, hoje são abordados considerando as características que os diferenciam de qualquer outro acervo, inclusive os de mesma tipologia.

As primeiras discussões sobre Documentação Museológica, por volta da década de 1970, focavam-se em criar uma ferramenta que preservasse um conjunto de informações relativas à descrição das peças no museu (ICOM/UNESCO, 1970, p. 19).

Apenas na década de 1980 é que a documentação museológica passa a se relacionar com a pesquisa científica a partir de duas vertentes: a francesa, que se preocupa com o objeto como fonte de informação e “portadores de informações intrínsecas e extrínsecas que, para uma abordagem museológica, precisam ser identificadas”; e a americana, cujo objetivo maior é a eficiência na organização e indexação dos objetos e os dados registrados (Yassuda, 2009, p. 35), tornado a documentação...

“(...) um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento... que, sobretudo na literatura produzida nos Estados Unidos, confunde-se com o que denominam Registration” (Ferrez, 1994, p. 65).

Na década seguinte, o enfoque passa a se concentrar na questão da terminologia e na criação de uma padronização no uso de vocábulos e também no aspecto descritivo do objeto que culmina na criação do Thesaurus para acervos museológicos consolidados, como...

"(...) instrumento de controle da terminologia utilizada para designar os documentos/objetos criados pelo homem e existentes nos museus, em particular os de caráter histórico. Elaborado para atender, sobretudo, à recuperação de acervos museológicos, seja ela manual ou automatizada, procura apresentar um sistema internamente consistente para a classificação e denominação de artefatos." (Ferrez, 1987, p. 17).

Atualmente, o principal interesse dos organismos internacionais como o CIDOC/ICOM é a criação de normas de inventário que viabilize a padronização das práticas nesse campo e o intercâmbio de conhecimento nessa área. A recomendação é que as instituições que abrigam acervos de Patrimônio Material passem a basear-se "em ideias desenvolvidas por cinco projectos existentes, aplicados pela maioria dos museus. A abordagem global baseia-se no Manual de Procedimentos da AFRICOM, desenvolvido pelo ICOM e pelo Comité Coordenador da AFRICOM, para utilização nos museus em África" (ICOM, 2004, p. 35-36).

Esse por sua vez...

"(...) foi muito baseado num conjunto de directrizes mais gerais desenvolvidas pelo Comité Internacional para a Documentação do ICOM (CIDOC) (Conselho

Internacional de Museus. Comité Internacional para a Documentação, 1995). O terceiro modelo geral é o padrão ESPECTRO, desenvolvido pela Associação de Documentação para Museus do Reino Unido (MDA). Todo o padrão ESPECTRO é uma publicação significativa (Associação de Documentação do Museu, 1997; Ashby, McKenna e Stiff, 2001), mas o MDA também emitiu um manual de catalogação que incorpora os campos principais (Holm, 2002). O quarto padrão é o Objecto ID, desenvolvido como um guia específico para a informação, muito útil no caso de um objecto roubado (ver o capítulo sobre Tráfico Ilícito) (Thornes, 1999). O padrão final é o Dublin Core (DC), desenvolvido como meio para obter recursos de informação na Internet (Dublin Core, 2004).” (ICOM/UNESCO, 2004, p. 36).

Além disso, organismos em contexto nacional também têm se preocupado com a normatização da documentação museológica. O IPM (Instituto Português de Museus) criou normas de inventário a fim de padronizar os sistemas de documentação museológica acordando com a tipologia de acervo. Dessa forma, todos os procedimentos práticos e de organização das informações são elaborados de forma a atender especificamente acervos etnográficos, arqueológicos, de artes, de mobiliário, de esculturas, tratando-os de acordo com as necessidades (Pinho, 2000, p. 7 e 8).

O IPM criou um Programa Matriz que após submeter-se ao processamento de acervo no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu Monográfico de Conímbriga, os induziu a elaborar uma nova estrutura dentro do Programa, utilizando a escolha da subcategoria

como item identificador da tipologia do acervo arqueológico e, portanto, gerando campos específicos para este tipo de objeto. Itens como contexto arqueológico e datação passaram a ser inseridos. Após análise das importantes informações que o sistema Endovellicus, criado pelo Instituto Português de Arqueologia, preserva e gerencia, estas foram consideradas e adicionadas ao sistema utilizado pelo Instituto Português de Museus (Raposo, 2000, p. 27).

O CIDOC/ICOM promove um trabalho focado na padronização de normas de documentação, “no que concerne aos temas do processamento técnico da informação, das linguagens documentárias, das terminologias, dos padrões, normas, modelos e formas de ação em variados meios comunicacionais etc.” utilizando como ferramenta diferentes grupos de trabalho, a exemplo do *Conceptual Reference Model Special Interest Group*, Grupo de Interesse Especial Modelo Conceitual de Referência criado em 2000 (Lima, 2003, p. 139). No entanto, em nosso país, esse organismo tem uma atuação pouco consistente, e, portanto, diferentemente da sua influência na Europa, exime-se da criação de normas e padronização em sistemas documentais.

No Brasil, a criação de normas padronizadas para sistemas de documentação está limitada a catalogação e a terminologia adotada, no entanto, experiências que estão funcionando em instituições que trabalham com acervos museológicos e o desenvolvimento de pesquisas com base em trabalhos bem sucedidos já estão sendo compartilhados no meio técnico e acadêmico.

Neste caso, podemos citar o trabalho desenvolvido pelo MAE-UFPR que organizou o acervo em banco de dados a partir dos sítios onde os objetos foram coletados. As coleções foram organizadas a partir dos sítios e da tipologia do acervo, cujos objetos são processados de maneira individual ou em conjunto. Este trabalho foi desenvolvido de acordo com as necessidades da

instituição e da experiência dos profissionais que conhecem as questões relacionadas a este acervo (Leal, 2011, p. 39 e 40).

Há ainda, a experiência desenvolvida no LEPAARQ – Laboratório de Antropologia e Arqueologia da UFPel – que criou um sistema de banco de dados, o PGAARq com a finalidade de realizar o registro não apenas das informações concernentes aos objetos mas também com respeito aos sítios arqueológicos onde estes foram coletados. O programa viabiliza não apenas a organização e preservação das informações, mas também, permite uma eficiente indexação desses dados (Ramos, 2010, p. 30 e 31).

O IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus - tem se preocupado em estabelecer uma normatização para o desenvolvimento dos trabalhos na área museológica, inclusive no âmbito da documentação, visto que uma das competências do órgão é “estabelecer e divulgar normas, padrões e procedimentos, com vistas em aperfeiçoar o desempenho das instituições museológicas no país e promover seu desenvolvimento” (DECRETO Nº 6.845, 2009. Art 2 , Inciso II), no entanto, apesar dos esforços, devido ao pouco tempo de criação e atuação do órgão, este sistema ainda não foi totalmente viabilizada em âmbito nacional.

Ao contrário do que ocorria nas primeiras discussões sobre a documentação museológica, que estavam centralizadas em expor as dificuldades em desenvolver sistemas de documentação eficientes e condizentes com as necessidades técnicas das instituições museológicas, atualmente, a preocupação tem sido em apontar e apresentar soluções utilizadas nos espaços museológicos buscando a maior eficiência nas técnicas de documentação, principalmente no que tange a salvaguarda, indexação e transmissão da informação (Yassuda, 2009, p. 39).

O LEPA/UFSM

A importância patrimonial do acervo constituído pelo LEPA é indiscutível, não apenas porque remonta pesquisas efetuadas

desde a década de 60 e que geraram as coleções salvaguardadas atualmente, mas também por serem fontes constantemente estudadas por pesquisadores de diferentes áreas, como arqueólogos, geólogos, historiadores e outros profissionais que desenvolvem projetos vinculados ao acervo do laboratório.

Todo este acervo, embora com documentação arqueológica e registro de campo, não possui uma documentação tratando-o de forma patrimonial que garante a preservação não apenas das informações de coleta, como também as informações físicas e atualizadas dos objetos.

Neste sentido, assim como as demais instituições que possuem acervos patrimoniais com necessidades acerca da documentação museológica, é relevante e necessário o sistema que está sendo implantado para o LEPA-UFSM buscando soluções práticas para as especificidades das suas coleções.

Além disso, a documentação arqueológica não é padronizada e a recuperação de informação, ou seja, a indexação era impraticável, já que cada pesquisador tem seu próprio sistema de coleta e de informação. Também, o fato de que o acervo não possuía um sistema de classificação e catalogação para as coleções como um todo dificultava tanto a organização física como a de dados e conseqüentemente a posterior localização do objeto e das informações sobre o mesmo.

Outro aspecto importante considerado na implantação do sistema LEPA está no fato de registrar trajetória do objeto, não apenas no seu contexto histórico e no percurso de tempo da saída do sítio para a inserção no acervo, mas também dentro do laboratório, porque ao deixar o contexto onde foi originalmente encontrada, a peça adquire sentidos e funções diferentes daquelas para os quais foram criadas, pois *“(...) o objeto continua sua história de vida, estando sujeito permanentemente a transformações de toda a espécie, em particular de morfologia, função e sentido, as quais devem ser sistematicamente documentadas e agregadas à sua trajetória”* (Cândido, 2002, p. 36).

Os procedimentos metodológicos que estão sendo aqui apontados como soluções para a implantação do sistema de documentação do LEPA têm como referencial o padrão de Normas de Inventário do IPM para Acervos Arqueológicos, por se tratar de um padrão internacional já estabelecido e uma experiência bem sucedida em seu aspecto prático.

Antes de adentrarmos na implantação do sistema documental foi necessário efetuarmos o arrolamento de todo o acervo, procedendo à organização física por coleção e tipologia, padronizando o acondicionamento e identificação de todo o material, facilitando sua localização física, através da criação de uma Reserva Técnica.

A finalidade desse acondicionamento inicial e organização física de forma mais geral é simplificar a instalação do processo documental, ao mesmo tempo em que permite o andamento das pesquisas que são efetuadas no acervo do laboratório por pesquisadores da graduação e pós-graduação, e que passarão por tratamento de documentação museológica posteriormente.

Concomitantemente, foram levantados dados a partir do próprio acervo que pertence ao LEPA, efetuando-se o diagnóstico das necessidades da instituição. Em seguida, procedeu-se à análise do referencial teórico sobre o trabalho desenvolvido em acervos arqueológicos em instituições internacionais e nacionais, para compreender as dificuldades e soluções encontradas por técnicos que tratam desta tipologia patrimonial. De posse desse conhecimento foi estabelecido um sistema documental que já está em andamento, para atender as necessidades específicas do laboratório. A execução deste processo está atrelada à utilização de tecnologia em banco de dados.

Para implantar o sistema documental é imprescindível entender as coleções que compõem o acervo e então apresentar um método de identificação de conjunto de objetos, e, para isso, optamos pela Classificação em Categorias e Subcategorias. Cada uma das coleções corresponde a uma categoria, a exemplo, a

coleção do Professor Vitor Hugo, a do Projeto São Martinho e a do Projeto Salamanca, que são as maiores coleções.

As subcategorias estão relacionadas com as tipologias que determinam o agrupamento de objetos a partir da composição, ou seja, o tipo de material que compõe a peça, seja metal, vidro, cerâmica, ou qualquer outro.

Também, uma parte da ficha de registro está sendo adaptada para ter o espaço de identificação das campanhas em que foram coletadas as peças, localizando temporalmente as coleções que compõem o LEPA, enquanto outro campo da ficha está sendo criado para registrar o Contexto Arqueológico, ou seja, o local exato onde a peça foi encontrada.

A proposta tem como objetivo a delimitação das peças, efetuando o registro individual e em conjunto, de acordo com o sistema implantado, procedendo à indexação, através da marcação física, e à salvaguarda das informações – intrínsecas ao objeto e coletadas a partir de pesquisa – numa base de dados, preservando tanto o objeto como as informações acerca do mesmo.

No processo de Classificação é importante decidir o tipo de sistema de numeração mais adequado para o acervo. No caso do LEPA, por se tratar em sua maioria de objetos obtidos a partir de coleta realizada dentro de projetos de pesquisa arqueológica, o sistema que está sendo adotado utilizará especificamente uma sigla para identificar a coleção, um número em algarismo romano para determinar a tipologia do objeto correspondente à Subcategoria e um número corrido para identificar o próprio objeto ou conjunto de objetos, a depender do caso, podendo receber uma subdivisão numérica para identificar os objetos individualmente quando pertencentes a um determinado conjunto.

A título de exemplo, ao determinar o número de inventário de um objeto lítico da Coleção Vitor Hugo, supondo que ele seja o primeiro objeto a ser inventariado, teremos: VH/I/0001. Sendo VH a sigla da coleção, I é o número em algarismo romano que determina a tipologia da coleção, neste caso material lítico, e o número corrido

que corresponde à unidade única do objeto, que terá a quantidade de casas decimais consistente com o quantitativo da coleção.

Quanto ao Registro, o programa utilizado para a sistematização é um software livre conhecido como OpenOffice Base com download disponível no endereço www.openoffice.org/download e pode ser configurado de acordo com as necessidades de cada usuário.

Cada um dos campos da base de dados corresponde a um dos itens contidos na Ficha de Registro, que consta não apenas dos itens comuns a demais fichas de documentação, como data de entrada, denominação, peso, dimensões, histórico, mas principalmente as referências quanto à localização tempo/espaço da coleta do material, na preocupação de manter o registro arqueológico preciso.

O cadastramento de todo o acervo em forma digital ocorre através do preenchimento dos formulários gerados no banco de dados, simultaneamente ao processo documental de cada peça, incluindo o processamento físico como o recolhimento de medidas, peso, registro fotográfico e posterior acondicionamento correto para cada uma das peças, dentro do espaço criado no laboratório exclusivamente para este fim, já citado anteriormente.

Conclusão

Embora a documentação museológica tenha avançado muito nos últimos anos, em nosso país ainda não existe um modelo que padronize os sistemas documentais para as diferentes tipologias de acervo. O mais recorrente é a criação de sistemas por cada instituição, normalmente de forma empírica, para atender as especificidades relativas ao acervo.

Atualmente, há uma grande produção de sistemas para tratamento de acervos arqueológicos, tanto internacionalmente, como é o caso do sistema de normatização para acervos arqueológicos em Portugal, quanto nacionalmente, com as

experiências isoladas de instituições brasileiras que trabalham com este tipo de acervo.

A implantação do sistema documental do LEPA constitui uma experiência específica e peculiar criando um sistema próprio para o laboratório, produzido para a melhor preservação das informações, pois promove a localização do acervo no tempo (quando da coleta) e espaço (contexto arqueológico) dentro de cada coleção.

Outros projetos têm sido criados no nosso país e na região sul, no entanto, como já ressaltado, no caso do museu da Universidade do Paraná, o acervo já possuía uma documentação anterior que precisou ser reformulada por problemas no sistema projetado anteriormente. No caso do LEPAARQ - UFPel foi gerado um sistema de banco de dados próprio por um analista de sistemas.

No LEPA, o sistema é criado para um acervo que nunca foi processado, e ao mesmo tempo, o banco de dados gerado em um software livre por um profissional museólogo com conhecimento mediano de informática, suficiente para criar a própria ficha de Registro na Base de Dados.

Todos esses aspectos considerados são fatores importantes que endossam e fundamentam a relevância da elaboração e execução do processo de documentação museológica e organização do acervo do LEPA, que poderá servir como base para a construção de novos sistemas e modelos que poderão ser usados em projetos futuros nessa área de estudo.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 4. ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BOTTALLO, Marilúcia. "A gestão documental do Patrimônio Arqueológico e Etnográfico". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: EDUSP, nº 6, p. 287-292, 1996.
- BOTTALLO, Marilúcia "As coleções de Arqueologia Pré-Colonial Brasileira do MAE/USP: um exercício de documentação Museológica". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: EDUSP, nº 8, p.257-268, 1998.
- BOTTALLO, Marilúcia "O papel da Documentação Museológica nos processos de Salvaguarda Patrimonial: a montagem da exposição temporária" Brasil 50.000 anos. Uma viagem ao passado Pré-colonial. São Paulo: MAE/USP, EDUSP, 2001.
- CAMARGO-MORO, Fernanda. *Museu: aquisição-documentação*. Tecnologias apropriadas para a preservação de bens culturais. 1. ed., Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.
- CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: *Caderno de diretrizes museológicas I*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, p. 33-92, 2002.
- CARVALHO, Maria João Vilhena de. *Escultura: Normas de Inventário*. 1. ed., Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Museália*. 1. ed., Rio de Janeiro: J C Editora, 1996.
- CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do Documento perdido: a Problemática da Construção Teórica na Área da Documentação. In *Cadernos de Ensaio*. Estudos de Museologia. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN, n. 2, p. 41-53, 1994.
- COSTA, Evanise Páscoa. *Princípios Básicos da Museologia*. 1. ed., Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

- CRUZ, Maria das Dores & CORREIA, Virgílio Hipólito. *Cerâmica Utilitária: Arqueologia*. 1. ed., Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2007.
- DECRETO-LEI Nº 25, de 30 de novembro de 1937.
- DIVISÃO DE INVENTÁRIO DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ARQUEOLOGIA. *Endovélico: Sistema de Gestão e Informação Arqueológica*. Lisboa, Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 5, número 1., 2002, p.277-283.
- ICOM/UNESCO. *Ética de Aquisições*. Paris: International Council of Museums, 1970.
- ICOM/UNESCO. *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. Paris: ICOM – Conselho Internacional de Museus, 2004.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: *Cadernos de Ensaio*. Estudos de Museologia. n. 2, Rio de Janeiro: Minc/IPHAN, p. 65-74, 1994.
- FERREZ, Helena Dodd & BIANCHINI, Maria Helena. S. *Thesaurus para acervos musicológicos*. 2v., Rio de Janeiro: Minc/SPHAN/Fundação Nacional Pró-Memória/MHN. Coordenadoria geral de Acervos Museológicos, 1987.
- HERRERA, A.H. Arquivos, Documentos e Informação. O Direito à Memória. In: *Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: DPH, p. 113-120, 1992.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LEAL, Ana Paula da Rosa. *Musealização da Arqueologia: Documentação e Gerenciamento no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná*. Monografia, Pelotas: UFPel, 2011.
- LIMA, Diana Farjalla Correia. *Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar: informação em Arte um novo campo do saber*. Tese, Rio de Janeiro: IBIPC/PPGCI – UFRJ/ECO, 2003.
- PINHO, Elsa Garrett & FREITAS, Inês da Cunha. *Normas Gerais. Normas de Inventário*. 1.ed., Lisboa: Instituto Português de Museus, 2000.

- RAMOS, Rafaela Nunes. *Gestão, Preservação e Informação: Uma Proposta Digital para o Gerenciamento do Acervo Arqueológico do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARO) da Universidade Federal de Pelotas*. Monografia: Pelotas: UFPel, 2010.
- RAPOSO, Luís; MARTINS, Adolfo Silveira & CORREIA, Virgílio. *Arqueologia. Normas de Inventário*. 1.ed., Lisboa: Instituto Português de Museus, 2000.
- YASSUDA, Sílvia Nathaly. *Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*. Dissertação. Marília: Unesp, 2009.

Recebido em: 16/07/2011

Aprovado em: 21/10/2011

Publicado em: 06/12/2011

As cadeias operatórias líticas do Sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da laguna dos Patos

Anderson Marques Garcia¹
Rafael Guedes Milheira²

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise tecnológica de materiais líticos de escavações arqueológicas conduzidas no Cerrito PT-02 (Cerrito da Sotéia) e suas áreas arredores, localizado na Ilha da Feitoria, Pelotas-RS. Esse sítio arqueológico foi datado pelo método radiocarbônico AMS-standard entre 1010 ± 40 A.P. (topo do cerrito) e 990 ± 40 A.P. (base). Essa pesquisa foca na análise tecnológica, buscando entender diferentes cadeias operatórias relativas à obtenção de matéria-prima lítica. Em seguida, essa indústria lítica foi estudada através de uma perspectiva gestual, apresentando duas diferentes técnicas de debitage na produção dos artefatos, que envolve diferentes formas de lascamento e mapeamento de fontes de matérias-primas próximas ao Cerrito, conduzindo a inferências sobre o território explorado pelos construtores de Cerritos.

PALAVRAS-CHAVE: *Cerrito; Material Lítico; Cadeia Operatória; Gesto Técnico; Tecnologia Lítica.*

ABSTRACT: This paper shows a technological analysis of lithic materials from archaeological excavations conducted at the Cerrito PT-02 (Cerrito da Sotéia) and its surrounding areas, located on the Feitoria Island, Pelotas-RS. This archaeological site was dated by AMS-Standard radiocarbon method between 1010 ± 40 A.P. (top of the mound) and 990 ± 40 A.P. (base). This research focuses on a technological analysis, seeking to understand different Operative Chains related to the lithic raw material obtainment. Thus, that lithic industry was studied through a gestural perspective, presenting two different debitage techniques on the artifacts production, that involves different ways of chipping techniques and mapping the

¹ Mestrando em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil; licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), Brasil; e pesquisador associado ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPeL), Brasil; e Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA/UFSM), Brasil. E-mail: garcia_anderson@ymail.com.

² Dr. em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil; e pesquisador associado ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPeL), Brasil. E-mail: milheirarafael@gmail.com

sources of raw materials closer to the mound, conducting inferences about the territory explored by these mound builders societies.

KEY-WORDS: *Cerrito; Lithic Material; Operative Chain; Technical Gesture; Lithic Technology.*

Introdução

Este artigo tem como objetivo enriquecer o conhecimento sobre a indústria lítica do PT-02 (Cerrito da Sotéia)³, com a adição de recentes discussões sobre as técnicas líticas de produção artefactual. Desta maneira, esta pesquisa traz novas interpretações relativas às Cadeias Operatórias de duas das séries de instrumentos identificados (furadores e furadores / raspadores) e também, discute as demais séries, possibilitando o pensamento sobre as estratégias de aquisição de matéria-prima, técnicas de lascamento e marcas de uso presentes nos artefatos. Foi visto frente à pesquisa bibliográfica que este tema raramente foi discutido de forma aprofundada nos trabalhos referentes à pesquisa de Cerritos (Naué *et al*, 1971; Rùthschilling, 1987; Caporale, 1997; Iriarte, 2000; López Mazz & Gascue, 2005; Silva Jr., 2005; Lima *et al*, 2007). Logo, esta pesquisa busca gerar dados sobre o comportamento operatório dos construtores de Cerritos, diante da captação de recursos líticos e empenhos de técnicas de produção artefactual na área da pesquisa. Além de gerar dados a partir da indústria lítica do PT-02, ainda pretende-se estimular o desenvolvimento desta temática em outras áreas de ocorrência do fenômeno Cerrito, para que seja possível uma visualização de forma ampla sobre os modos como estes construtores se relacionavam com os afloramentos litológicos.

O fenômeno Cerrito, de uma forma geral, pode ser visto como estruturas antrópicas monticulares construídas pelo acúmulo de terra e instrumentos arqueológicos. Geograficamente este fenômeno ocorre em uma área periférica no Nordeste da Argentina,

³ O primeiro estudo sobre as Cadeias Operatórias deste sítio arqueológico trata-se de uma monografia de graduação (Garcia, 2010).

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

no Leste e Norte do Uruguai e no Sul do Brasil (Rio Grande do Sul). Os Cerritos são interpretados quanto a sua função de várias maneiras, sendo tratados como áreas de enterramento, de habitação, de acúmulo de refugio, demarcadores territoriais, além de outras possibilidades historicamente debatidas por diferentes autores (Schmitz, 1976; Basile-Becker, 1992; Cabrera Pérez & Marozzi, 1997; Pintos Blanco, 1999; Lopez Mazz, 1999; 2000; Iriarte, 2000; Suárez Villagrán, 2004; Gianotti García *et al*, 2005; Oliveira, 2005; Silva Jr., 2006; Loureiro, 2008).

Para a realização do trabalho foram adaptados métodos e ideias de alguns autores que versam sobre a temática das Cadeias Operatórias e os processos comportamentais processuais que envolvem as tecnologias líticas, servindo aqui como referências importantes para a atual pesquisa (Tixier *et al*, 1980; Rùthschilling, 1987; Prous, 1986/90; Hameister *et al*, 1997; Dias & Hoeltz 1997; Dias & Silva, 2001; Mello & Viana, 2001; Fogaça, 2003; 2006; Lemes, 2008; Figueiredo, 2008).

Localização geográfica e Temporal do Cerrito Da Sotéia

O PT-02 está localizado na Ilha da Feitoria, no município de Pelotas-RS (coordenadas UTM de 22J 4035110 / 6500979) (FIGURA 01). Este sítio foi identificado no ano de 2005 através do Projeto de Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região, sob coordenação do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira. Após sua identificação, foram realizadas intervenções intra-sítio que permitiram a coleta de amostras para datar o contexto pelo método radiocarbônico *AMS-Standard* (Loureiro, 2008).

Esta análise gerou as datas convencionais de 1400 ± 40 A.P. para a base do Cerrito e de 1360 ± 40 A.P. para o topo. A partir destes dados, hoje estas datas puderam ser revistas por meio de calibragem com 1 sigma, indicando o intervalo de datas para a base 990 à 901 A.P. (995 à 1092 d.C.) e para o topo de 955 à 858 A.P. (960 à 1049 d.C.). Assim, o intervalo temporal entre topo e base

pode ser visto tanto como momentos contemporâneos ou ainda com o intervalo máximo de 132 anos entre os dois momentos⁴.

Aspectos geográficos e geomorfológicos

A ilha da Feitoria é um Esporão Arenoso com ambiente de Restinga, no entanto, devido à existência do Arroio Corrientes ao Norte, da Laguna dos Patos ao Leste e da Lagoa Pequena ao Oeste (sendo estas últimas interligadas ao Sul) a área fica cercada por corpos hídricos. O Cerrito fica em uma área coberta por vegetação do tipo gramínea herbácea e com seus arredores (Leste e Oeste) cobertos pela Vegetação Pioneira, típica de solos recentes como os da Planície Costeira (Radam Brasil, 1986). A Ilha tem seu processo de formação ligado aos eventos de deposição de sedimentos da Planície Costeira, iniciado a cerca de 400.000 A.P. conhecido como Sistema Laguna-Barreira, este sistema é marcado por quatro barreiras constituídas de sedimentos transportados durante as últimas transgressões e regressões marinhas ocorridas no Período Quaternário. O fenômeno transgressivo-regressivo deixou como testemunhos terraços distribuído ao longo da Planície Costeira que também é responsável pela formação das lagoas e lagunas desta província geomorfológica (Villwock & Tomazelli, 1995).

Esta área da Planície Costeira faz parte da subdivisão Sistema Lagunar Patos-Mirim (Delaney, 1965; Villwock, 1984 *apud* Calliari, 1998). De acordo com o mapa geológico do município de Pelotas, fazendo parte da Barreira IV, a qual, por datação relativa é a mais recente (Marth *et al*, 2008). Por outro lado, a Barreira I (mais antiga) é a mais interiorizada, seguindo uma sequência cronológica de eventos transgressivos-regressivos até a formação da costa atual. Essa sequência cronológica é percebida através das planícies de

⁴ As datas convencionais foram obtidas a partir do Laboratório *Beta Analytic Radiocarbon Dating Laboratory* (protocolos 234206 e 234207) por meio de otólitos de Miraguaia. As datas calibradas foram estipuladas com auxílio do *software Calib Rev 6.0.1* (programa de calibração radiocarbônica) com base em Marine 09 e sem utilização de um valor Delta R.

inundação das formações destas barreiras, deixando, a Oeste de cada uma, um pico testemunho do evento de sua formação, e também através das similaridades físicas e químicas da composição dos sedimentos de cada uma. Em virtude da formação arenosa da região litorânea, não existem afloramentos rochosos nas proximidades da Ilha da Feitoria, porém, é possível que depósitos aluviais de seixos provenientes da Serra do Sudeste ocorram ao longo dos corpos hídricos, chegando à planície litorânea junto à deposição de sedimentos que poderiam ser explorados em períodos pré-históricos pelos grupos construtores de Cerritos, questão esta que será discutida neste texto.

Pensando a abordagem processual das cadeias operatórias

Distinguem-se a partir da literatura arqueológica pelo menos dois métodos gerais para a realização de estudos sobre indústrias líticas. O primeiro, mais tradicional e difundido entre os arqueólogos em nível internacional, é o método tipológico. O segundo é o método tecnológico, menos utilizado e que busca uma operacionalização processual da Cadeia Operatória de confecção dos instrumentos. Por acreditar ser mais adequado para a realização desta pesquisa, escolheu-se analisar esta indústria lítica com enfoque nos processos tecnológicos, assim optou-se pelo estudo de Cadeia Operatória.

O método tecnológico de análise, neste caso, adequado ao estudo dos materiais líticos de um Cerrito no sul do Brasil, provém da remontagem das Cadeias Operatórias necessárias para a produção artefactual. Cadeia Operatória, na visão de Lemonnier (1992), trata-se de “uma sequência de operações tecnológicas que incidem sobre a matéria-prima bruta, transformando-a de seu estado natural a condição de objeto manufaturado” (Figueiredo, 2008, p. 31). Desta forma, Cadeia Operatória pode ser pensada como uma série de atividades desenvolvidas durante a realização de

uma atividade, que é repleta de símbolos e escolhas, tanto culturais como individuais, desde seu exercício inicial até o final.

O conceito de Cadeia Operatória não se limita apenas ao estudo dos artefatos em si, mas permeia o pensamento arqueológico como um todo. A partir da visão processualista da arqueologia, iniciada e mais profundamente difundida nos anos 1960 com os trabalhos de Binford (1962), o Conceito de Cadeia Operatória passou a ser aplicado também ao estudo da formação do registro arqueológico em que o sítio arqueológico e todos os processos que formam o seu contexto são o resultado de um encadeamento de acontecimentos culturais e naturais. Um exemplo da aplicação desta lógica processual pode ser vista no trabalho de Schiffer (1972), quando o mesmo aborda a formação do registro arqueológico a partir da apresentação do ciclo de vida dos objetos no processo de formação do registro arqueológico.

A Cadeia Operatória de artefatos líticos, de modo geral, pode ser dividida em quatro estágios no contexto sistêmico (Renfrew & Bahn, 1993; Schiffer, 1972): o primeiro refere-se ao momento em que a matéria-prima dispersa no ambiente torna-se massa inicial com a aquisição humana do bem mineral; o segundo estágio é o de manufatura, momento em que o homem desempenha uma série de gestos com a finalidade de obter um instrumento usual; o terceiro é o momento em que o homem faz uso do instrumento produzido e o quarto é o descarte deste, devido a fatores como quebra e desgaste, tornando-se refugo e parte de um contexto arqueológico.

Estes quatro estágios da Cadeia Operatória (aquisição, manufatura, uso e descarte) ainda podem ser acrescidos pelo de reciclagem. Quando ocorre a quebra ou desgaste de um instrumento, ao invés deste ser diretamente abandonado, ele pode ser reciclado pelo artesão, de modo que lhe possa ser útil novamente, assim as etapas de manufatura e uso são desenvolvidas novamente. O estágio de reciclagem durante uma Cadeia Operatória pode ser pensado em alusão ao terceiro plano do

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

comportamento operatório humano⁵: “comportamento lúcido no qual a linguagem intervém de forma preponderante, quer reparando uma ruptura acidental no desenrolar da operação, quer conduzindo à criação de novas cadeias operatórias” (Leroi-Gourhan, 1987, p.25). Deste modo, o terceiro plano do comportamento operatório humano, referente ao momento de confronto com uma dada situação problema, pode ser pensado também como uma escolha de não abandonar e sim de recuperar um instrumento diante da perda do potencial de uso deste quanto à atividade antes designada, indicando uma possibilidade cíclica entre reciclagem, manufatura e uso.

Acredita-se ser o conceito de Cadeia Operatória fundamental para inferir sobre os processos de fabricação dos instrumentos líticos do Cerrito da Ilha da Feitoria, que levaram à produção dos artefatos, bem como pensar sobre os processos comportamentais coletivos que também influenciaram no fabrico dos instrumentos líticos. Ao trazer como foco de pesquisa as sociedades pré-históricas construtoras de Cerritos da fronteira Brasil-Uruguaí, mais precisamente no atual município de Pelotas, são possíveis estudos de tal natureza a partir dos vestígios deixados por esta população. Este tipo de investigação pode ser feito através da interpretação dos significados intrínsecos da cultura material presente nos Cerritos, neste caso, tido aqui como problema de pesquisa: o material lítico do Cerrito da Sotéia.

Identificação e interpretação lítica

Com base no referencial teórico apresentado almejou-se aplicar o método discutido para somar na construção do conhecimento a respeito dos construtores de Cerritos por meio de

⁵ A ideia de comportamento operatório faz parte da obra “O gesto e a palavra” (Leroi-Gourhan. 1985; 1987). Este conceito é dividido em três planos, onde o primeiro é diretamente relacionado com as atividades realizadas de forma instintiva e o segundo relaciona-se com consciência do exercício de uma ação pretendida.

uma análise tecnológica dos materiais líticos do PT-02. Assim, analisou-se a totalidade de 501 materiais procedentes das diferentes intervenções arqueológicas realizadas nos anos de 2005, 2006 e 2007 no Cerrito e em suas áreas adjacentes. Os objetos líticos, recuperados nas campanhas arqueológicas tiveram como matéria-prima mais representativa o quartzo (364 peças, equivalente a 74%), além de índices menores de granito (36 peças, equivalente a 6%), andesito (46 peças, equivalente a 9%), basalto A⁶ (21 peças, equivalente a 4%), basalto B⁷, (28 peças, equivalente a 6%), riolito (5 peças, equivalente a 1%), e quartzito (1 peça, equivalente a 0%).

A partir da identificação destas matérias-primas supuseram-se três Cadeias Operatórias de modo geral, a primeira própria ao quartzo; a segunda própria ao granito e a terceira própria as rochas vulcânicas (andesito, basalto A, basalto B e riolito). Quanto ao quartzito, não puderam ser inferidas cadeias, pois apenas um objeto foi encontrado desta matéria-prima.

Cadeia operatória de exploração de quartzo

O quartzo foi a matéria-prima mais utilizada pelos construtores de Cerritos da Ilha da Feitoria, correspondendo a uma totalidade de 364 unidades. É possível de ser levantada uma primeira questão interpretativa para a etapa de aquisição de quartzo nesta Cadeia Operatória, a partir da quantidade de córtex presente nos objetos analisados. Por meio da quantidade significativa de córtex entre os objetos de quartzo (70%), acredita-se que aquisição do material estava associada ao recolhimento de seixos e blocos em corpos hídricos e suas planícies de inundação. Soma-se a isso, o fato de o embasamento geológico, onde foi

⁶ Apresenta coloração entre cinza escura e preta, possuindo textura afanítica homogênea, relativa, possivelmente, a porções próximas da superfície formada pelos derrames vulcânicos.

⁷ Apresenta coloração próxima ao marrom escuro, com textura afanítica menos homogênea que o basalto A, podendo ser relativo a porções mais internas dos derrames vulcânicos.

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

construído o Cerrito ser bastante jovem, composto basicamente por areias quartzosas de formações sedimentares recentes, portanto, sem a ocorrência de rochas constituídas. Além disso, sabe-se, através dos mapas geológicos regionais (Carraro *et al*, 1974; Marth *et al*, 2008), que os afloramentos mais próximos ao Cerrito da Sotéia estão no Escudo Sul Rio-Grandense, província geomorfológica a Oeste da Planície Costeira por onde nascem e correm os corpos hídricos que deságuam na Lagoa Pequena e na Laguna dos Patos.

Uma segunda questão interpretativa está relacionada à possibilidade de aquisição de matéria-prima a qual fosse gasto o mínimo possível de energia para se chegar até as fontes (Noelli, 1997; Civalero & Franco, 2003; Garcia & Ulguim, 2008; Milheira, 2008). Ao traçar um raio do Cerrito até a fonte mais próxima de quartzo, tem-se o Arroio Corrientes a uma distância de 24 km em linha reta. Para averiguar esta hipótese realizou-se uma atividade de campo para conferir a possível ocorrência de seixos nos rios que nascem no Escudo Sul-Rio-Grandense e que deságuam próximos da Ilha da Feitoria, os quais poderiam estar sendo explorados por estes construtores de Cerritos. Ao verificar superficialmente um pacote sedimentar depositado na margem esquerda (Norte) do Corrientes foram recolhidos pequenos seixos e blocos de quartzo com dimensões máximas de 4,2 cm de comprimento 2,3 cm de largura e 1,6 cm de espessura e clastos de granito com dimensões de 9,5 cm de comprimento, 6,7 cm de largura e 2,6 cm de espessura. Tais dimensões do quartzo e granito encontrados indicam que em épocas de grande fluxo de águas no Corrientes, seixos e blocos com as dimensões encontradas e ainda superiores poderiam ser deslocados e depositados em pacotes sedimentares como o averiguado, de tal maneira, podendo ter servido como fonte para a produção de instrumentos. Esta hipótese corroboraria então a ideia de que o acesso às fontes de quartzo não ultrapassariam um raio de 24 km, sendo, por consequência, de fácil aquisição.

Em relação à etapa de manufatura dos materiais em quartzo no Cerrito, pode ser acrescentado que a principal técnica utilizada

foi a bipolar, onde da totalidade de materiais apresentados, 196 unidades dizem respeito diretamente a esta técnica (lascas, núcleos, nucleiformes e resíduos de lascamento), 70 a técnica unipolar (lascas), 87 podem ser referentes a ambas as técnicas (estilhas) e 11 são naturais ou não referentes a nenhuma destas técnicas (percutores, artefatos brutos, fragmentos naturais e lascas térmicas). Assim, vê-se que os produtos da técnica bipolar superam percentualmente a totalidade das demais classificações somadas. Ainda em relação à manufatura de instrumentos, se faz possível também distinguir as etapas da técnica bipolar em relação à unipolar dentro da Cadeia Operatória do quartzo, que, por sua vez, retrata uma variabilidade artefactual frente a estas técnicas de debitagem.

A técnica bipolar para o quartzo parece ter tido um papel principal frente à utilização da técnica unipolar, essa técnica parece ter sido aplicada para melhor aproveitar seixos e blocos de tamanho reduzido, já que para estes, a técnica unipolar torna-se limitada. Coloca-se como hipótese também que a técnica bipolar tenha sido eleita eventualmente para redução inicial de seixos e blocos de maiores proporções, criando-se assim plataformas de percussão para em segundo momento trabalhar o quartzo por técnica unipolar (Rüthschilling, 1987) e ou ainda, também, como uma forma de verificar a possibilidade de uso de algumas massas iniciais através de possíveis testes de matéria-prima (Mello & Viana, 2001). Tais hipóteses preferenciais para o empenho da técnica bipolar com esta matéria-prima no Cerrito da Sotéia são possíveis frente à grande quantidade de elementos desta gênese: dezessete nucleiformes, dez núcleos, cento e trinta e três resíduos de lascamento e trinta e seis lascas, estando entres estes últimos elementos doze instrumentos (2 raspadores, 7 furadores e 3 furadores / raspadores). Diante destas evidências, percebe-se então ter sido a técnica bipolar a mais desenvolvida como modo de produção artefactual nesta matéria-prima.

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

Observando os núcleos bipolares presentes, é possível distinguir dois tipos nos objetos de quartzo. O primeiro tipo deles é representado por três exemplares de maiores proporções que os demais desta técnica, esses sem padrão entre si e sem possibilidade de estabelecer relação direta com as lascas ou com os instrumentos. O segundo tipo destes núcleos parece estar diretamente relacionados com a produção de furadores e furadores/raspadores⁸. Embora não tenha sido possível a realização de remontagens entre estes núcleos e instrumentos, a hipótese torna-se plausível por meio de comparações entre os negativos dos furadores com os dos núcleos, onde ambos apresentam negativo de debitagem com formato triangular e de mesmas proporções.

Quanto à produção de instrumentos pela técnica bipolar sobre quartzo, os furadores e furadores/raspadores parecem ter tido relação direta com a exploração destes núcleos identificados, de maneira que não parece ser coincidência estes (núcleos e instrumentos) terem representatividade destacada em suas categorias. Estes instrumentos parecem ter sido preparados inicialmente por percussão bipolar controlada em núcleos como os identificados, removendo-se lascas laminares⁹ com morfologias já próximas a configuração final dos produtos deste processo, onde em último estágio de produção eram removidas por pressão estilhas destas lascas tornando-as bifaciais, morfologicamente triangulares e pontiagudas. Tal cuidado no processo de produção destes instrumentos pode ser percebido ainda na leitura da FIGURA 02, onde é possível ver um padrão crescente nas proporções das peças produzidas para tais finalidades.

Por outro lado, quando os furadores e furadores/raspadores são incluídos junto à totalidade das lascas bipolares é possível

⁸ Estes instrumentos são subdivididos em duas categorias por haverem três instrumentos que possuem evidências de terem sido utilizados além de como furadores, também como raspadores, possuindo assim estes duas UTFs (Unidades Tecno-Funcionais) (Fogaça, 2006).

⁹ Considera-se lâmina uma lasca cujo eixo tecnológico longitudinal seja pelo menos duas vezes superior ao latitudinal (Prous, 1986/1990).

perceber que o conjunto geral está reservado a uma variação bem definida, estando a maior parte dos produtos entre dois e quatro centímetros de comprimento e um e três centímetros de largura. Estas dimensões verificadas não ultrapassam as dos pequenos seixos do Arroio Corrientes, o que credita a hipótese levantada para o estágio inicial desta Cadeia Operatória e também, demonstra a curadoria no processo de produção destes instrumentos problematizados.

Embora não tenham sido possíveis a realização de remontagens entre estes instrumentos e os núcleos apresentados, a associação entre os mesmos se faz possível, podendo ser identificada a presença de um estilo tecnológico padrão para os furadores e raspadores/furadores ao se observar a relação existente entre um exemplar de cada uma destas categorias apresentadas através do desenho desta realidade¹⁰ (FIGURA 03). Ver a semelhança entre o negativo existente na quarta face do núcleo ilustrado e a parte interna da lasca utilizada como furador.

Quanto à categoria “raspador”, esta foi classificada com base em Dias & Hoeltz (1997), sendo esta classe de instrumentos lascas com estigmas que indicam a provável utilização da lasca para atividades de raspagens. Estas características de estigmas serão apresentadas adiante quando forem também apresentados os raspadores e as facas sobre lascas unipolares, que foram diferenciados por distinções nas marcas de uso destes instrumentos. Para visualização esquematizada sobre a interpretação da manufatura da técnica bipolar a partir do quartzo ver FIGURA 04.

Comparativamente a técnica bipolar, tem-se na unipolar uma variabilidade equivalente de categorias de artefatos, no entanto, a baixa representatividade numérica de instrumentos e de produtos que evidenciem a manufatura por esta técnica, parece

¹⁰ Todos os desenhos presentes neste artigo foram produzidos a partir de uma adaptação da proposta de Hameister *et al* (1997).

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

confirmar a menor utilização do trabalho unipolar na confecção de instrumentos de quartzo. Sobre núcleos derivados desta técnica, não foram identificados quaisquer representantes que possibilitassem inferências em relação às lascas e os instrumentos.

Quanto às lascas unipolares, estas estão distribuídas dentro das três variações apresentadas por Dias e Hoeltz (1997), não só no quartzo como também nas demais matérias-primas presentes na análise. Estas variações são: lascas iniciais ou corticais, lascas primárias ou de preparação e lascas secundárias ou de redução. Cada uma destas variações, além de possuir características cronológicas relativas à presença e quantidade de córtex como indicativo da ordem de debitagem, ainda permite uma análise da dispersão destas variações unipolares através da relação entre comprimento e largura. Tem-se assim a possibilidade de interpretar o conjunto das lascas de mesmo tipo como um todo.

Em relação às lascas iniciais ou corticais há uma pequena representatividade de exemplares inteiros, não gerando uma possibilidade ampla de observação de padrões definidos. No entanto, através do gráfico de dispersão gerado (FIGURA 05) pode-se ver que as amostras presentes não parecem ter uma relação entre suas medidas. Uma possibilidade desta baixa semelhança entre as proporções destas lascas pode ser uma debitagem inicial com a intenção de, em um primeiro momento, apenas remover o córtex da massa inicial para após debitar lascas usuais. Porém, por ser a amostra escassa e os núcleos inexistentes, quaisquer afirmações em relação a padrões tornam-se mais suscetíveis a estarem equivocadas.

Sobre as lascas primárias ou de preparação, do mesmo modo que para as iniciais ou corticais, não existe uma quantia que possibilite a percepção de um padrão definido entre estas lascas. No entanto, ainda assim pode-se perceber a existência de uma variação proporcional entre a largura e o comprimento das lascas, o que possivelmente não ocorre por um mero acaso, mas sim devido a

uma escolha tecnológica de produzir lascas com estas características proporcionais.

Por fim, as lascas secundárias ou de redução, também apresentam um padrão entre suas dimensões, no entanto, esta categoria possibilita uma visão mais qualificada que as demais devido a maior quantidade de amostra deste tipo para a construção da análise. O padrão visto para estes exemplares demonstra que estas lascas estão agrupadas, em maior parte, entre as dimensões de um e três centímetros de comprimento e um dois centímetros de largura, havendo uma leve variação proporcional entre as dimensões das mesmas. Estas dimensões menores, em geral, que as primárias ou de preparação, se justificam, pois são consequências da debitagem de núcleos já explorados, que naturalmente deviam ter proporções, possivelmente não muito superiores à dos núcleos bipolares anteriormente expostos. Pensa-se desta maneira por estar o Cerrito em uma planície sedimentar sem rochas e por não haver grandes competências de transporte nos cursos hídricos nas proximidades do sítio.

Como resultados destes processos de debitagens apresentados foram produzidos dezoito instrumentos por técnicas de lascamento. Entre estes instrumentos estão os anteriormente relatados e outros seis confeccionados por técnica unipolar (2 pontas, 2 facas e 2 raspadores). Além dos instrumentos lascados que tiveram como suporte diversos tipos de lascas, ainda fazem parte dos instrumentos sobre esta matéria-prima dois percutores pequenos.

As categorias “raspador” e “faca” foram diferenciadas com base no contraste entre as marcas de uso identificadas nas lascas como proposto por Dias & Hoeltz (1997). Os raspadores (FIGURA 06a) apresentam seus gumes desgastes perpendicularmente no bordo ativo, o que parece indicar que estes instrumentos tenham sido utilizados para raspar determinados tipos de materiais. Já as facas (FIGURA 06b) apresentam seus bordos ativo estilizados com marcas de uso em forma de meia-lua, o que parece indicar que

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

estes instrumentos tenham sido empregados para cortar determinados materiais. Em relação ao estilo tecnológico de produção de ambas as categorias de instrumentos, pode-se afirmar não ter havido um padrão determinado, pois estes parecem ter sido apenas lascas que foram utilizadas sem existir uma notória preferência por um tipo cronológico ou morfológico específico, já que, para estas categorias utilizaram-se lascas bastante distintas quanto à forma e à técnica de produção.

Sobre a ocorrência de pontas em quartzo, pode-se afirmar terem sido estas elaboradas a partir de lascas unipolares de pelo menos duas das categorias apresentadas (primária ou de preparação e secundária ou de redução), com a única predeterminação de que fossem do tipo larga¹¹. Também assim apresentam-se as pontas sobre rochas vulcânicas. Porém, o quartzo parece ter uma importância auxiliar no que se refere à manufatura destes instrumentos, pois de um total de 13 pontas apenas duas foram feitas desta matéria-prima. Para visualização esquematizada sobre a interpretação da manufatura da técnica unipolar a partir do quartzo ver FIGURA 07.

Cadeia operatória de exploração do granito

O granito, assim como o quartzo, também não apresenta boas características de debitagem, logo, esta não foi uma matéria-prima largamente utilizada por populações pré-históricas, de modo, que no Cerrito da Sotéia poucos objetos de granito prestaram-se a talha. Por características químicas, as variedades de granito existentes na região do município de Pelotas podem ser geologicamente divididas através da sua coloração, percentual de minerais constituintes e pelo tamanho médio de seus grãos. São estas: Granito Arroio Moinho, Granitos da Suíte Dom Feliciano

¹¹ Convencionou-se chamar de lasca larga todas as lascas cujo eixo latitudinal fosse superior ao eixo tecnológico longitudinal, conforme citado em Fogaça (2003).

(Fácies Serra do Herval e Fácies Cerro Grande), Granitos da Suíte Intrusiva Pinheiro Machado e Granito Pinheiro Machado Deformado (Marth *et al*, 2008). É possível que estejam entre os objetos analisados todas estas variações apresentadas, no entanto devido à ocorrência de peças intemperizadas e cobertas por córtex esta matéria-prima não sofreu subdivisões. A aquisição do granito teve sua Cadeia Operatória em fase inicial relacionada à exploração de seixos e blocos, desta forma, há a probabilidade de o granito também ter sido coletado em corpos hídricos e planícies de inundação.

O Escudo Sul-Rio-Grandense propriamente dito representa uma vasta área propícia à exploração do granito, no entanto ao se pensar sobre a ocorrência de fontes de matérias-primas locais, tem-se também no Arroio Corrientes um meio potencial de transporte e captação. Como relatado na Cadeia Operatória do quartzo, neste local foram encontrados seixos e clastos com dimensões que qualificariam o Corrientes como um possível meio de coleta deste tipo de material, indicando para esta matéria-prima, também, um raio máximo de 24 km. Os vestígios dos processos de manufatura, bem como das demais etapas da Cadeia Operatória, são escassos devido ao baixo número de objetos desta matéria-prima, havendo apenas seis lascas de forma geral no material analisado, destas, quatro bipolares e duas unipolares, estas últimas divididas em uma inicial ou cortical e outra secundária ou de redução. Quanto à ocorrência de núcleos, apenas três de técnica bipolar foram identificados, e ainda mais seis nucleiformes.

Embora haja uma superioridade numérica da técnica bipolar nestes vestígios escassos, tal recorte não pode ser considerado de forma ampla para o Cerrito, pois a amostra é muito reduzida para se fazer qualquer tipo de afirmação. Além de que, muitos destes materiais podem ser fragmentos da utilização do granito, dentre outras possibilidades, como bigorna ou percutor. Quanto à preferência desta matéria-prima para produção de alguma categoria de instrumentos, também pouco pode ser dito, pois

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

apenas foram encontradas uma unidade de cada um destes: raspador, pedra com depressão semi-esférica, bigorna e pedra com depressão semi-esférica/polidor manual/bigorna. A ocorrência do intemperismo físico e químico (este último principalmente) pode ser um dos motivos de apenas um instrumento sobre lasca estar presente nesta indústria, já que este fenômeno também foi constatado em ainda outros seis objetos. Talvez por este motivo, os demais instrumentos não foram manufaturados por lascamento, os quais foram picoteados, polidos ou ainda apenas utilizados de forma natural.

Como representante destes, pode ser destacada a presença de uma pedra com depressão semi-esférica (FIGURA 08), artefato que aparece nos Cerritos em larga escala, tanto no Brasil como no Uruguai. Porém, as discussões sobre sua funcionalidade não são ainda claras. O exemplar deste tipo presente tem quatro depressões semi-esféricas, duas em cada face, onde a primeira depressão tem 9x3 mm (9 mm de diâmetro por 3 mm de profundidade), a segunda 13x6 mm, a terceira 12x2 mm e a quarta 7x2 mm. Tais incisões foram, provavelmente, produzidas por picoteamento seguido de polimento. Este instrumento foi produzido a partir de um bloco, tendo em sua face ventral (a) a presença de uma fratura.

A finalidade deste tipo de instrumento (de modo geral) ainda representa uma incógnita, de maneira que apenas por meio de experimentação associada a análises microscópicas tornar-se-ia possível indicar com maior precisão a sua funcionalidade. Com base em Silva Jr. (2005) pondera-se que além da clássica função de quebrar coquinhos remetida a estes instrumentos, os mesmos tenham sido utilizados como apoios para a produção de fogo, hipótese esta levantada a partir da visualização por meio de fotomicrografias de estrias espirais presentes em um artefato arqueológico deste tipo estudado pelo autor.

Cadeia operatória de exploração de rochas vulcânicas

Dentre as rochas vulcânicas se identificou as matérias-primas andesito, basalto A, basalto B e riolito, no entanto estas são vistas de maneira integrada, pois se acredita que a Cadeia Operatória, exceto o momento de aquisição fosse semelhante, porque com a exceção do riolito que se dispõe de um número inferior de objetos. As demais matérias-primas se equivalem quanto à quantidade e semelhança de produtos de debitage e instrumentos produzidos. Estes objetos assim como os das demais matérias-primas, provavelmente também eram adquiridos através de coleta de seixos e blocos, pois proporcionalmente, a quantidade de córtex existente no material analisado é ainda superior aos de quartzo e granito.

No entanto, a Cadeia Operatória das rochas vulcânicas em fase inicial é vista de maneira desintegrada, porque estas matérias-primas podem ser encontradas em uma parte em localidades próximas a área de estudo e em outra, somente em lugares relativamente mais distantes. As fontes das matérias-primas andesito e riolito não são locais, pois estas somente podem ser encontradas a longas distâncias do Cerrito da Sotéia. Primeiramente, em relação ao andesito este fato é visto por as fontes mais próximas estarem nos municípios gaúchos de São Leopoldo, Novo Hamburgo e Dois irmãos, com as distâncias respectivas de 220 km, 230 km e 242 km. Quanto ao riolito as fontes mais próximas estão em Porto Alegre a 195 km e em Caçapava do Sul a 155 km.

Para o basalto, a maior parte dos afloramentos que genericamente se sabe existem no Rio Grande do Sul estão relacionadas com a Formação Serra Geral a Norte (Nova Prata – 319 km) e a Sul com afloramentos menos expressivos em volume, localizados na região do município de Jaguarão, 162 km. Porém, foram possíveis a identificação de fontes de basalto mais próximas em relação a Ilha da Feitoria do que se supunha existirem, todas

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

estas dentro do município de Pelotas¹². A primeira distante em 49 km no Arroio Kaster; a segunda em 49 km na Cachoeira do Imigrante e a terceira em 43 km na Pedreira Pelotense. Desta forma vê-se que as rochas vulcânicas são em sua maior parte não locais, com exceção do tipo específico de basalto local identificado em Pelotas.

Sobre a etapa de manufatura dos materiais vulcânicos no Cerrito, pode ser acrescentado que para estas, em oposição ao quartzo, a principal técnica utilizada foi a unipolar, pois de cinquenta e oito lascas quarenta são unipolares e apenas dezoito são bipolares. Tal hipótese também se sustenta pelo fato de haverem apenas três núcleos presentes e os mesmos serem compostos por negativos de lascas unipolares, todos poliédricos ou sem plataformas definidas (andesito, basalto A e basalto B). Existem três nucleiformes de rocha vulcânica, um de andesito, um de riolito e outro de basalto A.

Primeiramente, no que se refere à técnica bipolar, pode ser visto que entre as rochas vulcânicas esta talha foi desempenhada de maneira complementar, pois deste processo foram encontrados apenas oito instrumentos, quatro raspadores (dois de andesito e dois de basalto B), uma faca (basalto A), dois furadores (andesito e riolito) e um furador/raspador (andesito). Estes raspadores assim como os demais, são frutos da utilização de lascas em geral, sem ter havido para esta série de instrumentos uma escolha significativa por um determinado tipo de suporte, tendo sido os raspadores, dos construtores de Cerritos da Ilha da Feitoria, lascas que naturalmente foram produzidas para as necessidades cotidianas do grupo. Para a faca, as mesmas características quanto lascas se procedem, sendo estes diferenciados apenas pelos tipos de desgastes percebidos. Sobre o furador e o furador/raspador, não se pode inferir diretamente uma cadeia, pois não foram encontrados núcleos com

¹² Atividade desenvolvida em parceria junto ao Núcleo de Estudos da Terra/UFPEL (NET/UFPEL), coordenado até Dezembro de 2009 pelo professor Dr. Edinei Koester.

possibilidades de se fazer uma associação, porém é possível que estes tenham sido produzidos eventualmente de maneira semelhante à exposta em relação ao quartzo. Para visualização esquematizada sobre a interpretação da manufatura da técnica bipolar a partir das rochas vulcânicas ver FIGURA 09.

Em um segundo momento, em relação técnica unipolar, assim como no quartzo podem ser vistas as lascas partir de uma relação entre comprimento e largura (FIGURA 10). Entre as lascas unipolares iniciais ou corticais existem poucos exemplares inteiros, impossibilitando de forma ampla a observação de padrões definidos, no entanto, assim como as iniciais ou corticais de quartzo, estas parecem ser distintas em relação às proporções observadas. Esta amostragem pode dever-se ao fato de primeiramente terem sido removidas lascas da massa inicial, para em um momento seguinte debitar lascas com melhores características para o uso. Contudo, do mesmo modo que esta categoria em quartzo, apenas inferências superficiais podem ser feitas. Nas lascas primárias ou de preparação o número de exemplares já é superior, possibilitando uma interpretação qualificada, nestas vê-se um padrão proporcionalmente crescente de lascas localizadas entre as medidas 2 cm e 3 cm de largura e 1 cm e 3 cm de comprimento com uma pequena concentração com larguras entre 3 cm e 5 cm e comprimentos entre 4 cm e 6 cm. Por fim, as lascas secundárias ou de redução, assim como as primárias ou de preparação, possibilitam, também, uma percepção qualificada de um padrão existente, com a leitura do gráfico gerado pode-se perceber que estas lascas apresentam uma clara relação proporcional. O estabelecimento de padrões pode ser inferido com base no gráfico gerado, onde se vê que estas lascas poderiam “crescer” proporcionalmente, isto é, de forma linear. Tais divergências comparativamente entre as lascas unipolares se fazem compreensíveis, quando se tem a presença de lascas secundárias maiores do que as primárias, pois neste caso os núcleos também

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

são maiores, onde o maior deles tem suas proporções com 8,4 cm de comprimento, 6,8 cm de largura e 3,9 cm de espessura.

Já sobre os núcleos, os poliédricos ou sem plataforma definida, com exceção do em basalto A, são primeiramente lascas grandes que desempenharam o papel de núcleo. Estes núcleos suportes de maneira geral devem ter sido retirados da rocha matriz ou de blocos grandes de modo a melhor selecionar as matérias-primas a serem levadas até o local de manufatura de instrumentos. Um exemplar destes, núcleo de andesito (FIGURA 11), teve pelo menos nove lascas debitadas de sua massa em várias direções e em três de suas faces, estando entre elas lascas largas e laminares. Este, assim como os demais sobre lascas, foi também utilizado como raspador, tendo a porção distal de sua face externa quatro negativos de estilhas que apontam para uma possibilidade de atrito com alguma superfície.

O exemplar de basalto A (FIGURA 12), ao contrário dos demais, foi talhado sobre um seixo e podem ser identificados cinco negativos de lascas ao longo de suas faces. Na primeira face há um negativo de uma lasca larga originado por um impacto que ainda retirou outras duas estilhas. Na parte central desta face há várias marcas de picoteamento, aparecendo ainda pequenas depressões picoteadas que evidenciam a provável utilização desta superfície como percutor ou ainda como bigorna (apoio bipolar). Ainda nesta superfície percebe-se também áreas onde a superfície encontra-se polida, o que pode indicar que este objeto pode ter sido abandonado e desta forma polido naturalmente ou, o que parece mais plausível (embora esta matéria-prima não esteja entre as mais adequadas para esta utilização) que é o empenho também como um polidor manual.

Girando a peça em um ângulo de 90° em sentido horário, veem-se na porção proximal e distal da segunda face, marcas de picoteamento e de polimento na porção distal (mesmos eventos da primeira face). Ainda nesta face, na porção mesial existem dois negativos de debitação, o primeiro cronologicamente, com plano

de percussão no lado esquerdo e o segundo no lado direito, este último invadindo parte do negativo anterior. Girando mais uma vez a peça nos mesmos ângulo e sentido, vê-se na porção mesial esquerda o negativo de retirada de uma lasca, onde o impacto ainda esta associado ao desprendimento de uma estilha. Nesta mesma porção e face, principalmente na parte central, a peça encontra-se polida e com algumas marcas de picoteamento na porção proximal que são referentes as mesmas das atividades vistas para as faces um e dois, e na porção distal um outro negativo de lasca.

É importante destacar o papel multifuncional visto neste artefato utilizado primeiramente como núcleo de debitagem, em um segundo momento como percutor ou bigorna e em um terceiro momento como polidor, atividade esta última que atingiu também as áreas utilizadas anteriormente. Sobre o uso deste, o relativo ao empenho como núcleo merece maior atenção, pois o primeiro negativo relatado na segunda face possibilita remontagem (FIGURA 13) com uma lasca que posteriormente foi manufaturada para desempenhar o papel de ponta. Estes dois objetos remontam-se, podendo ser percebido um ângulo de debitagem entre 80° e 90°. Há entre estes dois objetos um encaixe praticamente perfeito (a), e também a hipótese cronológica inferida, onde se observa que parte da ponta não remonta mais com o núcleo (b), pois deste posteriormente foi retirada outra lasca em sentido oposto a primeira, além de o objeto ter sido em um momento ainda mais tarde picoteado e em seguida polido.

Ainda sobre o processo de manufatura dos objetos de rochas vulcânicas, têm-se vinte e quatro produzidos por lascamento, divididos em cinco categorias. Entre estes instrumentos estão os bipolares mencionados primeiramente e dezesseis manufaturados unipolarmente (1 faca, 5 raspadores e 10 pontas). Junto aos artefatos lascados ainda se fazem presente outros três instrumentos: mão de mó, bigorna e percutor e ou bigorna / polidor manual.

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

As pontas, como a remontada, representam a quantia de doze unidades, duas de quartzo e outras dez de rochas vulcânicas (duas de andesito, quatro de basalto A e quatro de basalto B). Estes instrumentos (FIGURA 14) podem ser diferenciados das tradicionais pontas de projéteis vinculadas à preensão na parte ativa de armas de arremesso, pois estas foram produzidas a partir de retoques bifaciais marginais em lascas unipolares iniciais ou corticais (a), primárias ou de preparação (b) e secundárias ou de redução (c) que tivessem o eixo latitudinal superior ao longitudinal, lascas largas. Estas pontas apresentam como característica geral a presença de um bulbo de percussão em um dos lados, em sua porção morfológica mesial, ou podendo também aparecer na porção proximal-mesial ou distal-mesial.

Como mencionam Marion e Milder (2009), são escassos e pouco divulgados academicamente, estudos referentes às técnicas de lascamento em Cerritos, fato que dificulta o acesso a bibliografias que discutam os processos de produção artefactual. No entanto, mesmo que de forma indireta, através da leitura de Hilbert (1991) pode ser feita alusão à ocorrência de pontas semelhantes as do Cerrito da Sotéia vinculadas a caçadores tardios no Uruguai. Pontas de projéteis tradicionais não foram encontradas entre o material analisado.

Assim como as pontas, outro instrumento que parece ter sua manufatura relacionada predominantemente as rochas vulcânicas é a mão de mó (FIGURA 15), embora apenas um exemplar deste tenha sido encontrado (basalto A). Este instrumento morfológicamente é plano-convexo, tem seu dorso polido (a) e sua parte interna representada por um polimento grosseiro, podendo ainda se observar parte da superfície interna da rocha (b). O bordo ativo do objeto encontra-se desgastado pelo uso deste para funções de trituração, onde as marcas vistas podem ser consequências da maceração de substâncias em uma mó por meio de movimentos circulares e percussivos, gerando tal aparência ao bordo ativo.

Os demais instrumentos produzidos sobre rochas vulcânicas (raspador e faca) são também encontrados em uma ou mais das cadeias tecidas, compartilhando também as mesmas características. Para visualização esquematizada sobre a interpretação da manufatura da técnica unipolar a partir do quartzo ver FIGURA 16.

Em relação à funcionalidade dos artefatos, a pesquisa ficou bastante centrada na análise morfológica dos objetos com auxílio de lupa trinocular e na comparação bibliográfica. Neste caso, podem ser somente levantadas possibilidades interpretativas a partir de marcas de uso como desgaste, fratura e estilhamento dos bordos. Assim, pode-se apenas eleger algumas possibilidades de uso para os instrumentos até então abordados.

Ponta: estas, diferentemente das pontas de projétil, não são interpretadas para serem arremessadas a longas distancias, e sim pressas a uma haste de preensão manual para desempenhar atividades como cortar, raspar ou perfurar superfícies brandas.

Mão de mó: com o auxílio de uma mó, processar alimentos, corantes orgânicos e inorgânicos e etc.

Raspador: raspar materiais de origem vegetal (raízes, caules, palha, etc.) e processar alimentos e utensílios de origem animal (escamar peixe, trabalhar o couro, etc.).

Faca: cortar galhos de diâmetro reduzido e processar materiais de origem animal como couro e carne.

Furador: perfurar couro e madeiras brandas, além de furar partes do corpo para a utilização de adornos (materiais ósseos seriam mais indicados a esta função).

Raspador/furador: as mesmas possibilidades levantadas para os dois itens anteriores.

Pedra com depressão semi-esférica: servir como apoio à quebra de sementes de palmeiras (butiá e jerivá), servir de apoio à produção de fogo por fricção, etc.

Pecutor e ou Bigorna/polidor manual: utilizado na percussão e no apoio no processo de debitagem bipolar, e ainda para polir instrumentos líticos, ósseos e de madeira, etc.

Bigorna/polidor manual/pedra com depressão semi-esférica: as mesmas possibilidades levantadas para os dois itens anteriores, exceto como percutor.

Considerações Finais

Foi visto que os construtores de Cerritos que habitaram a Ilha da Feitoria trabalharam pelo menos três formas genéricas de matérias-primas líticas, quartzo, granito e rochas vulcânicas, estabelecendo com cada uma delas estratégias próprias que possibilitam a constatação de Cadeias Operatórias independentes. A análise aponta para estas três uma preferência pela exploração de seixos e bloco de corpos hídricos e ou planícies de inundação. Pôde ser visto no material a presença de uma variabilidade artefactual oriunda primeiramente de distintas técnicas de produção instrumental, onde no caso estudado percebeu-se uma superioridade massiva pelo empenho da técnica bipolar para o quartzo e da unipolar para as rochas vulcânicas.

Com este estudo é possível perceber que a existência da variabilidade artefactual neste sítio está relacionada com as formas como foram utilizadas as matérias-primas, para o granito, devido suas características físicas, o empenho parece ter ficado mais centrado ao uso como formas abrasivas como o caso do polidor manual e da possível utilização como suporte de instrumentos passivos no caso da pedra com depressão semi-esférica. Já quanto

ao quartzo e as rochas vulcânicas é percebida uma escolha por estas principalmente para a realização de instrumentos sobre lascas, logo, esta é vista como uma indústria de lascas. Houve duas classes de instrumentos sobre lascas que não se pôde inferir um estilo tecnológico padrão, é o caso das facas e dos raspadores. Como apresentado, estes instrumentos tratam-se de lascas de técnica tanto unipolar como bipolar utilizada para atingir as expectativas almejadas pelos construtores de Cerritos neste contexto. Contudo, sobre os furadores, furadores/raspadores e as pontas, pode-se observar um padrão quanto ao processo de produção. Os dois primeiros foram produzidos por técnica bipolar e preferencialmente a partir do quartzo, onde se identificou pequenos núcleos bipolares que parecem estar associados à produção destes instrumentos de forma integrada. Quanto à manufatura das pontas, as rochas vulcânicas representam a vasta maioria, sendo todas estas produzidas a partir de lascas unipolares largas em que se efetuaram retiradas bifaciais por pressão para ajustar suas morfologias.

A aplicação de ambas as técnicas de lascamento estão marcadas pela existência de estilos tecnológicos padronizados, vistos na produção destas duas classes de artefatos (furadores e pontas), fato que parece divergir da visão expeditória tida para líticos de Cerritos de forma geral, onde estas populações em suas estratégias de captação de recursos explorariam os afloramentos simplesmente conforme sua mobilidade. Para o material lítico evidenciado no Cerrito da Ilha da Feitoria esta exploração parece ter tido um caráter curatório, onde mesmo as matérias-primas locais, caso do quartzo, parecem ter sido exploradas ao máximo. Tal interpretação vem do fato de haverem instrumentos sobre lascas utilizados para mais de uma função, por a maior parte dos núcleos estarem esgotados e pela constatação de estilos tecnológicos bem definidos. Estes indícios apontam para uma exploração controlada dos recursos líticos, logo curatorial.

Além destas constatações refletidas a partir da interpretação das técnicas de lascamento, é possível ainda inferir a

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

respeito de um “esboço” de território de exploração de recursos líticos tido pelos construtores de Cerritos na referida área. A partir da identificação das matérias-primas trabalhadas e de seus locais mais próximos de ocorrência em relação ao Cerrito podem ser supostas as distâncias mínimas percorridas para a aquisição destas. Quanto às matérias-primas não locais, apenas pode-se ter noção de forma genérica de áreas propícias a exploração lítica com base nas formações geológicas do Rio Grande do Sul, deste modo viu-se que a aquisição de andesito não ultrapassaria o raio de 220 km, de basalto 162 km e de riolito 155 km. Estas duas últimas áreas fontes estão relacionadas a contextos onde também existem Cerritos, primeiro no atual município de Jaguarão¹³ e segundo no de Camaquã, tendo para este como área de exploração lítica o Rio Camaquã (Rüthschilling, 1987), que tem sua nascente próxima a Caçapava do Sul em Lavras do Sul. Assim para a aquisição destas matérias-primas não locais, pensa-se na possibilidade de Zonas de Influências Indiretas (Milheira, 2008), onde é possível refletir sobre uma hipótese de obtenção de matéria-prima a partir de redes de trocas entre os construtores de Cerritos da Feitoria e os responsáveis por estes outros Cerritos, bem como, também, com portadores de outras tradições culturais.

Entre as matérias-primas locais tem-se o basalto a um raio de 43 km, representado por um dique com volume em superfície de aproximadamente 1800 m³ em uma área hoje exposta e explorada pela Pedreira Pelotense, completando as matérias-primas locais estão o quartzo e o granito, que além de aflorarem em grande parte do Escudo Sul-Rio-Grandense, foram encontrados em forma de seixos e clastos em um ponto do Arroio Corrientes averiguado a um raio de 24 km. Estas são vistas a partir de Zonas de Influências

¹³ O basalto considerado não local é distinto dos que se sabe existir neste município. Este visto em análise não foi encontrado em nenhuma área específica nos mapas geológicos pesquisados, devido talvez, a este basalto ser procedente de pacotes vulcânicos mais interiorizados. Contudo, considera-se importante destacar as fontes basálticas deste município por haver também neste, ocorrência de Cerritos.

Diretas (Milheira, 2008), podendo ser exploradas diretamente pelos habitantes da Ilha da Feitoria, sendo deste modo de fácil acesso.

Para estas matérias-primas encontradas sob a forma de seixos e clastos em campo, a distância proposta por meio de raio pode ser ainda acrescentada por outras com base em uma suposição de aquisição de, pelo menos, quartzo e granito com o auxílio de embarcação (FIGURA 17), já que existem interpretações de antropologia física que possibilitam tal raciocínio (Carle *et al*, 2002). Ao se abordar este tipo de deslocamento do Cerrito até o ponto de coleta de material, pensa-se em dois caminhos, o primeiro a partir da margem Leste da Ilha da Feitoria (Laguna dos Patos), localizada a 200 m do Cerrito, onde por cabotagem poderiam se dirigir a Norte até a foz do Corrientes e deste ponto partir pelo arroio, atravessando a Lagoa Pequena, até se chegar ao ponto de coleta, percorrendo-se um total de 38 km por água (a). O segundo caminho seria já a partir da margem Oeste formada pela Lagoa Pequena (1,75 km do Cerrito), de modo a cruzá-la até se chegar ao ponto averiguado, percorrendo-se um total por água de 31 km (b). Em relação as fontes mais próximas de basalto, sob o ponto de vista de acesso as Terras Altas (Escudo Sul-Rio-Grandense) através de meios hídricos, tem-se em linha reta 25 km ente o ponto averiguado do Corrientes e a Cachoeira do Imigrante, local potencial de coleta de seixos e blocos como os percebidos na análise deste tipo de material. Desta forma, estas fontes de matéria-prima (basalto, quartzo e granito) são consideradas locais, por serem os pontos de aquisição estipulados de fácil acesso.

As hipóteses hídricas de aquisição lançadas são também pensadas por se considerar empiricamente o Arroio Corrientes como um meio natural de extrema importância para estas pessoas que habitaram a Ilha da Feitoria, pois ao se considerar a hipótese de Schmitz (1976) onde os construtores de Cerritos estabeleciam-se entre a primavera e o verão nos terrenos alagadiços do litoral lagunar, têm-se neste período justamente o momento em que a água da Laguna dos Patos torna-se salgada pela entrada de água do

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), Ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

Oceano Atlântico por meio do Estuário de Rio Grande, assim os locais mais próximos de aquisição de água potável estariam relacionados ao Arroio Corrientes juntamente com Arroio Contagem, este último podendo também ter servido como rota de transporte e de aquisição de matéria-prima (não verificado). Por fim, salvo algumas exceções de andesito, quartzo e basalto B onde se interpreta uma debitagem inicial no local de aquisição de matérias-primas líticas, tem-se objetos característicos da produção artefactual a partir da etapa de manufatura nas três Cadeias Operatórias tecidas, o que possibilita supor-se que a habitação na Ilha da Feitoria dava-se por longos períodos, com aldeias de ocupação permanentes ou semi-permanentes.

Tal inferência é feita com base na existência de detritos da produção artefactual lítica relativa a diversos estágios operatórios. A existência significativa de objetos como núcleos, lascas, pré-formas e artefatos com marcas de utilização, indicam que a manufatura e uso dos instrumentos se davam nas proximidades do Cerrito, fatos que sugerem para este sítio uma ocupação por períodos prolongados.

Figuras

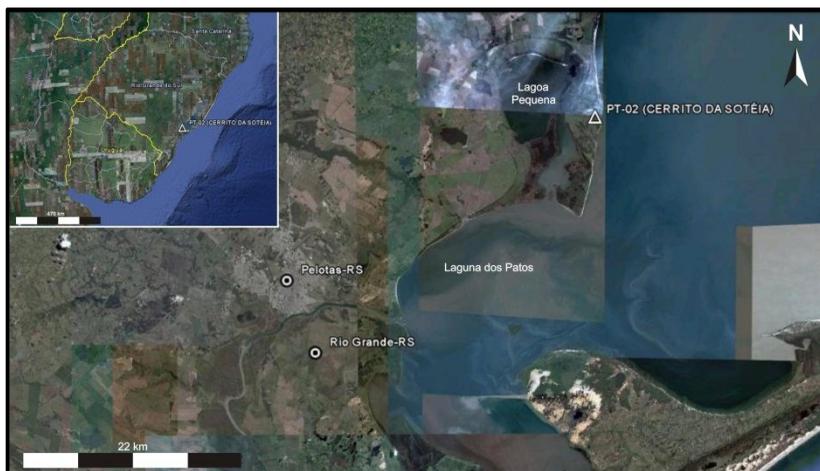


Figura 01

Localização do Cerrito da Sotéia na Ilha da Feitoria (Pelotas-RS).
(Modificado do Google Earth)

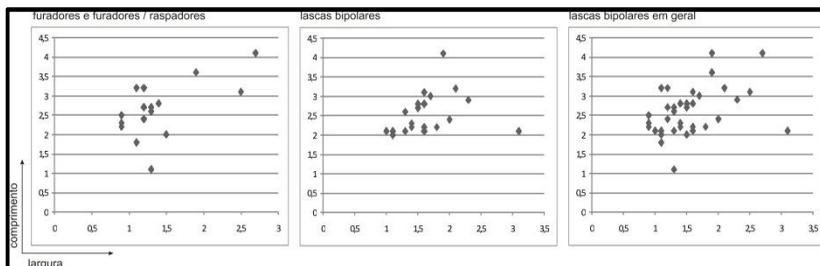


Figura 02

Relação linear das dimensões dos furadores e furadores/raspadores e inclusão dos mesmos junto à concentração geral de lascas bipolares

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

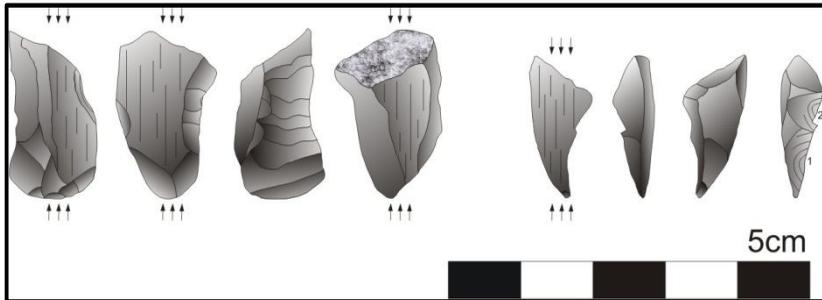


Figura 03

Relação entre exemplar de núcleo bipolar com e furador de quartzo.

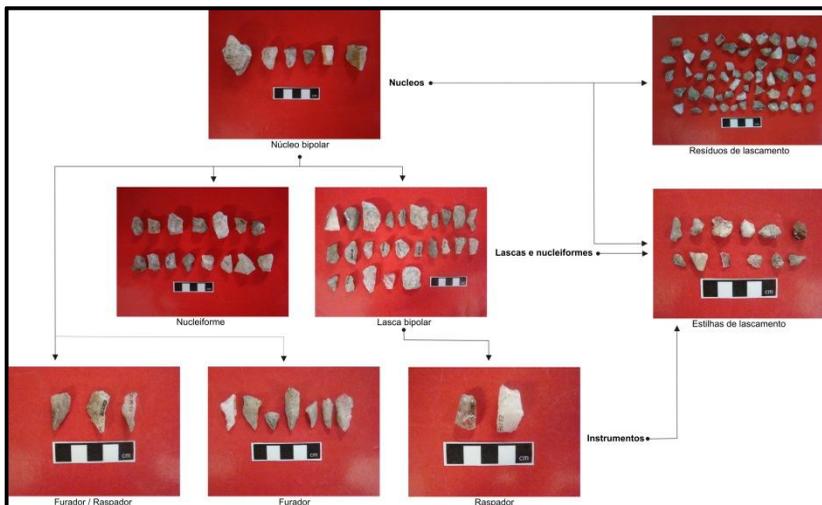


Figura 04

Manufatura da técnica bipolar a partir do quartzo.

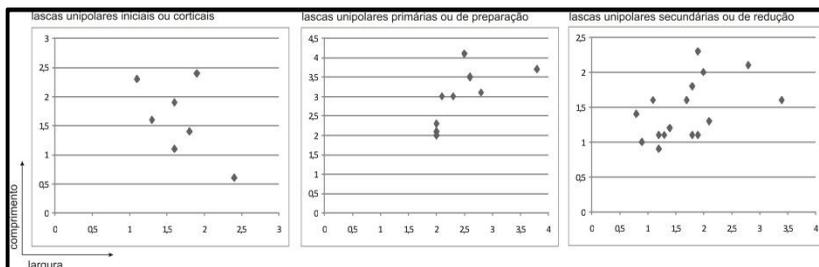


Figura 05

Dispersão das lascas de quartzo unipolares iniciais ou corticais (a), primárias ou de preparação (b) e secundárias ou de redução (c).

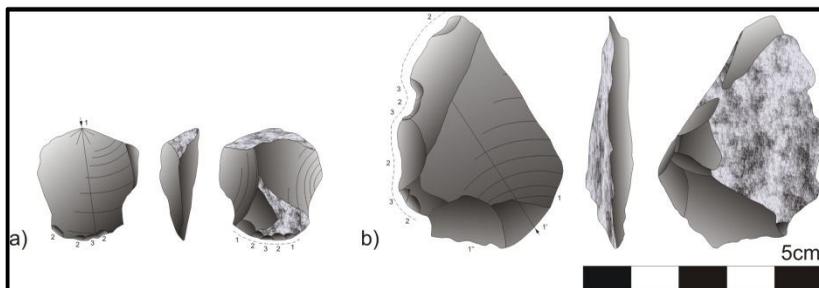


Figura 06

Exemplares de raspador e faca sobre lasca de quartzo.

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

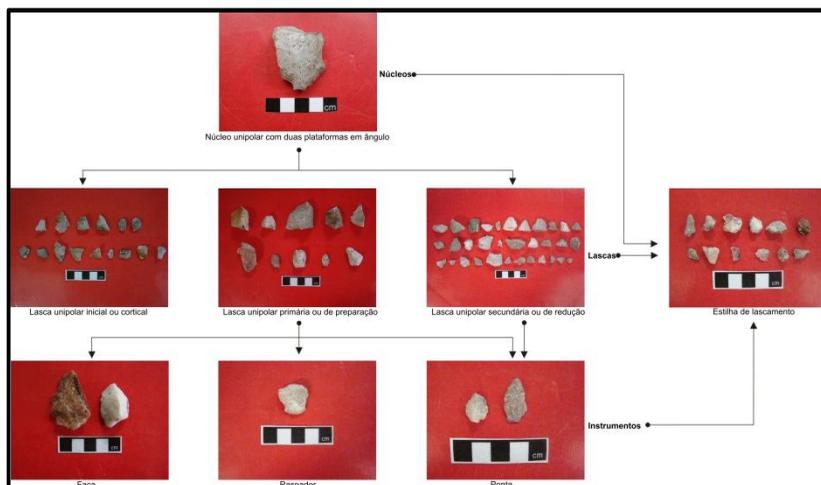


Figura 07

Interpretação da manufatura da técnica unipolar a partir do quartzo

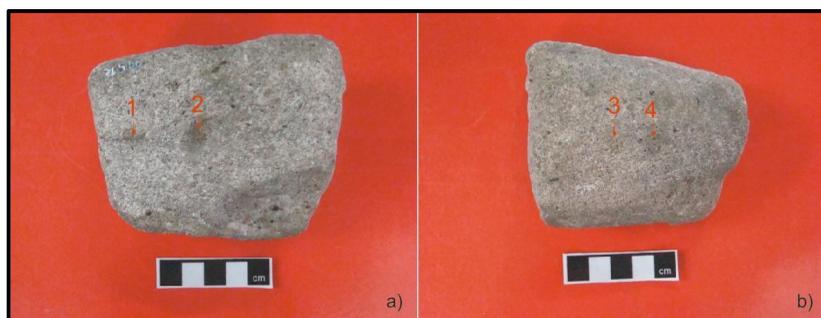


Figura 08

Pedra com depressão semi-esférica em granito.

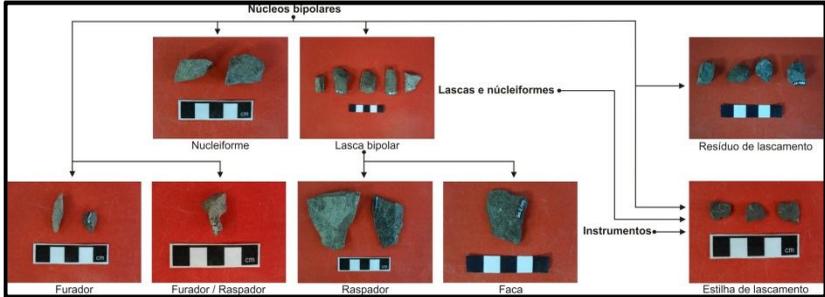


Figura 09

Interpretação da manufatura da técnica bipolar a partir das rochas vulcânicas.

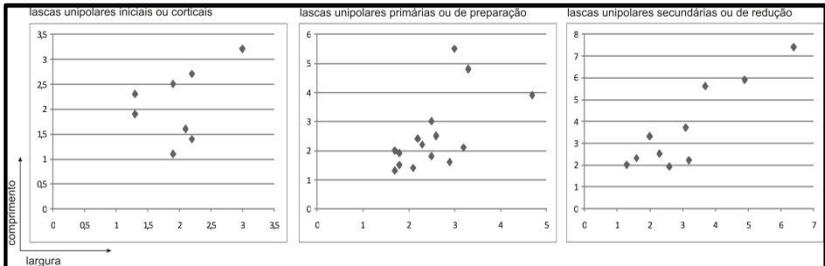


Figura 10

Dispersão das lascas de rochas vulcânicas unipolares iniciais ou corticais (a), primárias ou de preparação (b) e secundárias ou de redução (c).

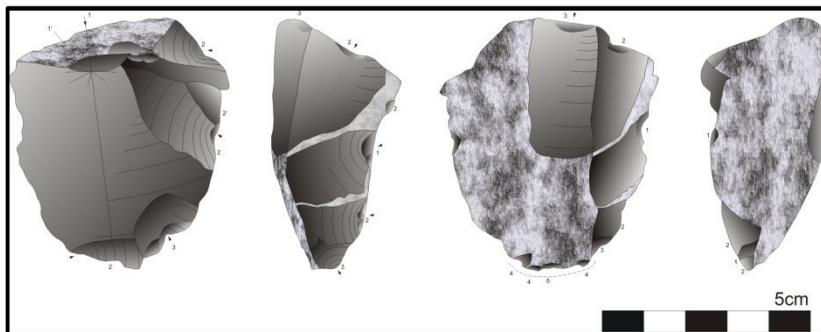


Figura 11

Exemplar de núcleos unipolares poliédricos ou sem plataforma definida em andesito.

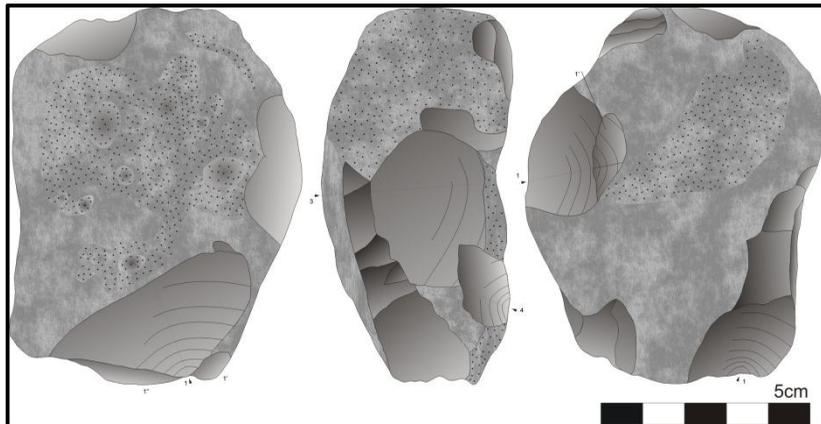


Figura 12

Exemplar de núcleos unipolares poliédricos ou sem plataforma definida em basalto A.

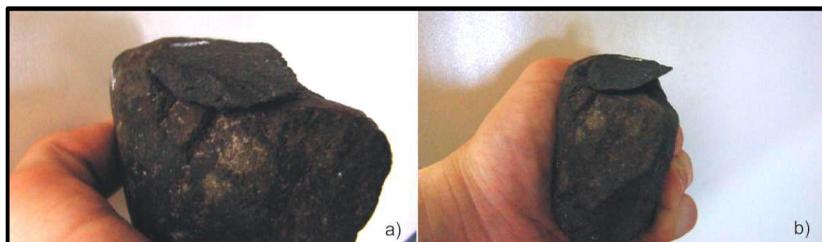


Figura 13

Remontagem entre núcleo e ponta de basalto A.

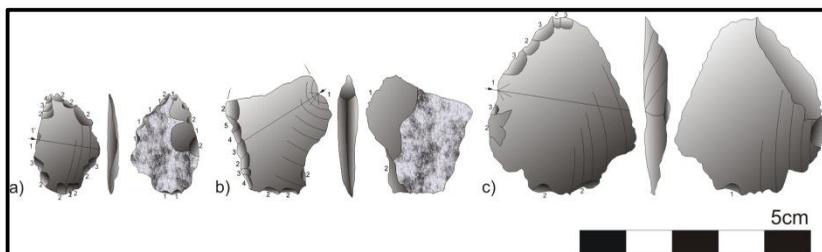


Figura 14

Exemplares de pontas sobre rochas vulcânicas.

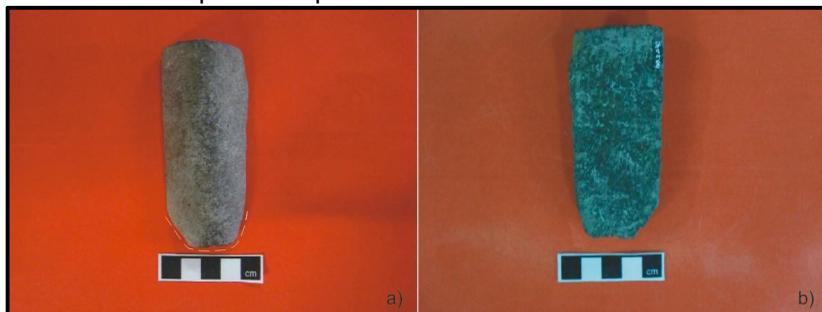


Figura 15

Exemplar de mão de mó em basalto A.

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

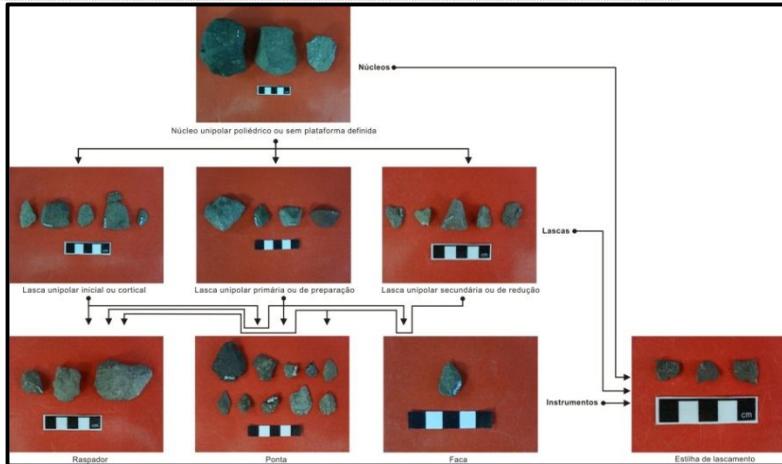


Figura 16

Interpretação da manufatura da técnica unipolar a partir de rochas vulcânicas.

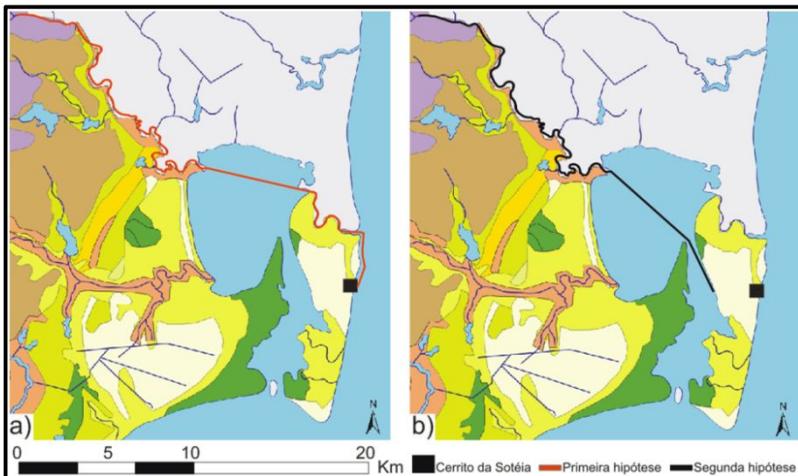


Figura 17

Caminhos hipotéticos para a aquisição de quartzo e granito com auxílio de embarcação. (Modificado de Marth *et al*, 2008)

Bibliografia

- BINFORD, L. R. Archaeology as anthropology. *American antiquity*. v.28, n.2, p.217-225, 1962.
- CABRERA PÉREZ, L.; MAROZZI, O. Las áreas domésticas de los "constructores de cerritos": el sitio CG14E01. In: *Arqueología uruguaya hacia el fin del milenio: TOMO I. Colonia del Sacramento: Asociación Uruguaya de Arqueología 1997*. p.55-68.
- CALLIARI, L. J.. O ambiente da biota e do estuário da Lagoa dos Patos: características geológicas. In: *Os ecossistemas costeiros e marinhos do extremo Sul do Brasil*. Rio Grande: Ecoscientia, 1998. p.13-18.
- CAPORALE, M. Análisis del material lítico del sitio "Cráneo Marcado" (Depto. Rocha). In: *Arqueología uruguaya hacia el fin del milenio: TOMO I. Colonia del Sacramento: Asociación Uruguaya de Arqueología, 1997*. p.93-100.
- CARLE, A. C. B.; CARLE, C. B.; CARLE, M. B. Relatório descritivo de dois esqueletos de indivíduos encontrados em trabalho arqueológico no Capão Seco, Rio Grande-RS, pelo pesquisador Pedro Augusto Mentz Ribeiro. 2002. 29f. Trabalho Acadêmico (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CARRARO, C. C.; GAMERMANN, N.; EICK, N. C.; BERTOLUZZI, C. A.; JOST H., PINTO, J. F. Mapa geológico do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, UFRGS, FAPERGS. Escala 1:1.000.000, 1974.
- CIVALERO, M. T.; FRANCO, N. V. Early human occupations in Western Santa Cruz Province, Southernmost South America. *Quaternary International*, Buenos Aires, n.109-110, p.77-86, 2003.
- DIAS, A. S.; HOELTZ, S. E. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do Sul do Brasil. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul, v.21, n.25, p.21-62, mar. 1997.

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

- DIAS, A. S.; SILVA, F. A. Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do Sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, n.11, p.95-108. 2001.
- FOGAÇA, E. Instrumentos líticos unifaciais da transição Pleitoceno-Holoceno no Planalto Central do Brasil: individualidade e especificidade dos objetos técnicos. *Canindé*. Xingó, n.3, p.9-35, 2003.
- FOGAÇA, E. Um objeto lítico. Além da forma, a estrutura. *Canindé*. Xingó, n.7, p.11-35, 2006.
- FIGUEIREDO, M. T. Estudo da cultura material lítica e cerâmica dos sítios Silva Serrote e Menezes: análise das cadeias operatórias dos vestígios de cultura pré-coloniais do alto Paranaíba, Minas Gerais. 2008. 145f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)-Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GARCIA, A. M. As Cadeias Operatórias de uma indústria tecnológica lítica: sítio arqueológico PT-02 (Cerrito da Sotéia), Pelotas-RS. 2010. 126f. Monografia (Licenciatura em Geografia)-Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- GARCIA, A. M.; ULGUIM, P. F. Abordagem interdisciplinar no entendimento de um sítio arqueológico pré-colonial no litoral da Laguna dos Patos – Pelotas-RS. In: XXVIII Encontro Estadual de Geografia, 10p. 2008, Bento Gonçalves.
- GIANOTTI GARCÍA, C.; BARREIRO MARTÍNEZ, D.; PARCERO OUBIÑA, C.; OTERO VILARIÑO, C.; AMADO REINO, S. La construcción del inventário arqueológico del Valle del Yaguarí. *TAPA (traballos en arqueoloxia da paisaxe)*. Santiago de Compostela, n.36, p.27-47, 2005.
- HAMEISTER, M. D.; SALDANHA, J. D. de M.; DIAS, A. S. Pequeno glossário ilustrado para representação gráfica de artefatos líticos. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul, v.21, n.26, p.7-34, set. 1997.

- HILBERT, K. Aspectos de la arqueología en el Uruguay. Mainz am Rhein: Von Zabern, 1991. 187.p
- IRIARTE, J. A. Organización de la tecnología lítica en la Costa Atlántica de los humedales de Rocha. In: Arqueología de las Tierras Bajas, Ministerio de Educación y Cultura, 2000. p.71-82.
- LEMES, L. O sítio do Areal e a região do Rincão do Inferno: a variabilidade gestual e o modelo locacional para a fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. 2008. 155f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)-Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LEROI-GOURHAN, A. O gesto e a palavra: 1 – técnica e linguagem. Lisboa: Edições 70, 1985. 237p.
- LEROI-GOURHAN, A. O gesto e a palavra: 2 – memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1987. 247p.
- LIMA, L. C. de; QUINTANA, V. B.; MILDRE, S. E. S. A cultura material lítica nos montículos de São Borja/RS. In: Anais do I Congresso Internacional da SAB, XIV Congresso da SAB, III Encontro Nacional do IPHAN e Arqueólogos. Florianópolis: UFSC, 2007. p.1-8.
- LÓPEZ MAZZ, J. M. Construcción del paisaje y cambio cultural en las tierras bajas de la Laguna Merín (Uruguay). In: Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas. Quito: Ed. da Universidad de la República, 1999. p.35-61.
- LÓPEZ MAZZ, J. M.. Investigación arqueológica y usos del pasado: tierras bajas del Este de Uruguay. TAPA (traballos en arqueoloxia da paisaxe). Santiago de Compostela, n.19, p.63-73, 2000.
- LÓPEZ MAZZ J. M.; GASCUE, A. Aspectos de las tecnologías líticas desarrolladas por los grupos constructores de cerritos del Arroyo Yaguarí. TAPA (traballos en arqueoloxia da paisaxe). Santiago de Compostela, n.36, p.123-137, 2005.
- LOUREIRO, A. G. Sítio PT-02-Sotéia: análise dos processos formativos de um Cerrito na região Sudoeste da Laguna dos Patos/RS. 2008. 89f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)-

As cadeias operatórias líticas do sítio PT-02 (Cerrito da Sotéia), ilha da Feitoria, Pelotas-RS: uma hipótese interpretativa referente ao aproveitamento litológico no litoral sudoeste da Laguna dos Patos

- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MARION, R. P.; MILDER, S. E. S.. Arqueologia nos areais de Quarai/RS: a análise da dispersão espacial da cultura material do sítio arqueológico complexo do areal. *Revista fato&versões*. v.1, n.1, 2009. p.103-116.
- MARTH, J. D.; KOESTER, E.; ARNDT, A. L. Mapa geológico-geomorfológico do município de Pelotas, RS. In: XVII Congresso de Iniciação Científica e X Encontro de Pós-Graduação. 5p. Pelotas, 2008.
- MELLO, P. J. C.; VIANA, S. A. Possibilidades de interpretação da cadeia operatória de produção de instrumentos líticos – Sítio Pedreira (MT). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, n.11, p.109-124. 2001.
- MILHEIRA, R. G.. Território e estratégia de assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste - RS. 2008. 224f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)-Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NAUE, G.; SCHMITZ, P. I.; VALENTE, W.; BASILE-BECKER, Í. I.; LA SALVIA, F.; SCHORR, M. H. A. Novas perspectivas sobre a arqueologia de Rio Grande, RS. In: *O homem antigo na América*. São Paulo: Instituto de Pré-história/USP, 1971. p.91-122.
- NOELLI, F. S. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do Arroio do Conde, Rio Grande do Sul. *Revista do CEPAS*. Santa Cruz do Sul, v.21, n.26, p.113-131, set. 1997.
- OLIVEIRA, K. Formas de assentamentos humanos no litoral: um sítio arqueológico á margem da Laguna dos Patos. 2005. 73f. Monografia (Graduação em História)-Instituto Anchieta de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- PROUS, A. Os artefatos líticos: elementos descritivos classificatórios. In: *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte: v.11, p.1-88, 1986/1990.

- RADAM BRASIL. Levantamento de recursos naturais da Secretaria do Planejamento da Presidência da República. IBGE. v.33, 1986.
- RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueologia: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal,1993. 571p.
- RÜTHSCHILLING, A. L. B. Uma nova abordagem sobre o material lítico do sítio RS-CA-14, Capão Grande-RS. Documentos. São Leopoldo, n.1, p.27-49, 1987.
- SCHIFFER, M. B. Archaeological Context and Systemic Context. American Antiquity. v.37, n.2, p. 156-165, abr. 1972.
- SCHMITZ, P. I. Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil. 1976. 237f. Tese (Livre Docência)-Instituto Anchieta de Pesquisas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- SILVA JR., L. C. da. Diversidade e convergência das dinâmicas ambientais e humanas na região da Laguna dos Patos – para um programa de estudo paleoecológico do Banhado do Colegio, Camaquã – Rio Grande do Sul, Brasil. 2006. 185f. Dissertação (Mestrado Europeu em Pré-História do Quaternário e Evolução Humana), Universidad de Tarrogon, Tarragona.
- SILVA JR., L. C. da. Projeto experimental: a funcionalidade dos “quebra-coquinhos” em contextos arqueológicos do Brasil meridional. Cadernos do LEPAARQ. Pelotas, v.2, n.4, p.59-83, ago/dez. 2005.
- TIXIER, J.; INIZAN, M. L.; ROCHE, H. Préhistoire de la pierre taillé I terminologie et technologie. Valbonne, Cercle de Recherches et d’Estudes Préhistoriques, 1980.
- VILLWOCK, J. A. e TOMAZELLI, L. J. Geologia do Rio Grande do Sul, Notas Técnicas do CECO-IG-UFRGS, Porto Alegre, 1995. p.1-45.

Recebido em: 16/07/2011

Aprovado em: 21/10/2011

Publicado em: 06/12/2011

A tradição ceramista Tupiguarani na planície costeira central do Rio Grande do Sul, Brasil

Marlon Borges Pestana ¹

RESUMO: Este artigo é um resumo expandido da Dissertação de Mestrado, defendida por nós, em Março de 2007, na Universidade do vale do Rio dos Sinos – Unisinos. A posição geográfica da Planície Costeira Central é dos 30° 15' aos 32° 15' e 50° 15' a 52° 05'. É uma área de formação geológica Quaternária com solo arenoso, vegetação rasteira sobre dunas e matas litorâneas, hidrografia composta de lagoas, laguna e arroios. Os sítios arqueológicos da tradição cerâmica Tupiguarani encontram-se, na sua maioria, erodidos sobre dunas (31), bem como nos “cerritos” (01), sambaquis marinhos (03) e lacustres (04), além dos de campo aberto (09) (Mentz Ribeiro, 1994-1998). Ao estabelecermos um quadro comparativo, obtivemos os seguintes resultados: O material encontrado na planície costeira central assemelha-se nas técnicas de confecção ao material encontrado no restante do Estado do Rio Grande do Sul, o material cerâmico tem como características principais a decoração predominante do corrugado.

PALAVRAS-CHAVE: *Arqueologia; Tradição Tupiguarani; povoamento; planície costeira central.*

ABSTRACT: This paper is an expanded abstract of our dissertation, concluded in March 2007; at the University of Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. The geographical position of the central coastal plain is 30°15' to 32°15'S and 50°15' to 52°05'. It is an area of a Quaternary geological formation with sandy ground, underbrush, coastal forests; hydrography composed by lagoons, lakes and streams. The archaeological sites of the Tupiguarani pottery tradition are located, the most of them, eroded over dunes (31), as well the mounds called “cerritos” (01), marine shell mounds (03) and lagoon shell mounds (04) and open-field sites (09). To establish an

¹ Bacharel em História e Especialista em História do Rio Grande do Sul pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil; Mestre e Doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil. O artigo é um breve informativo da Dissertação de Mestrado defendida no Instituto Anchieta de Pesquisas – IAP/UNISINOS, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz. E-mail: marlonpestana@hotmail.com.

analog framework, the results obtained were: The material found in the central coastal plain is similar in manufacture techniques to the material around the Rio Grande do Sul State. The mainly aspects of pottery are, predominantly, corrugated decoration.

KEY-WORDS: *Archaeology; Tupiguarani tradition; peopling; central coastal plain.*

Aspectos gerais da região

O escudo cristalino sul-rio-grandense é caracterizado por uma plataforma sedimentar e localiza-se entre os municípios de Palmares do Sul e Santa Vitória do Palmar. A cronologia geológica está marcada pelas plataformas originadas no pleistoceno e holoceno de formação recente. A Barreira III, pleistocênica, é constituída de uma camada espessa de quartzo, portanto, arenosa com variação granulométrica de 0,01 a 0,2cm. Sobre esta deposição sedimentar, atualmente, encontram-se dunas móveis ou “vivas”, cuja movimentação se dá pelas torrentes eólicas características da região (Willvock e Tomazelli, 1995, p. 38).

Em meio às dunas de areia, em raras ocasiões ocorrem bolsões e plataformas argilosas. Estas estão no limite com a Barreira IV – holocênica. As plataformas são formadas com espessa concentração de *silt*, tornando a cor do sedimento avermelhada, diferenciando-a de outras áreas ao redor.

A Barreira IV, holocênica, é um agrupamento de sedimentos escorridos e depositados ao longo de milhares de anos (pleistoceno final), no entanto sua composição é homogênea, a composição pedológica indica que o horizonte “A” está relativamente próximo do horizonte “B”, distando apenas 30,0cm de profundidade. O Horizonte “B”, o mais espesso, oscila entre 100,0 a 180,0cm, em outras áreas da mesma região pode ser mais profundo (Willvock e Tomazelli, 1995, p. 41). O lençol freático estende-se por toda a região, torna-se visível por volta de 180,0cm, além das lagoas, lagos e arroios naturais, o lençol é uma das

principais fontes de água potável da região. Os ventos predominantes são o nordeste e sul (Hueck, 1975, p. 118).

A vegetação é composta por gramíneas de diferentes espécies, que formam as vegetações arbustiva ou litorânea costeira, constituída de corticeiras, acácias (exótico), figueiras, araçazeiro, palmas, pitangueiras, e outras entre frutíferas e não frutíferas (Hueck, 1975, p. 140). Estão agrupadas em capões de matos ao longo do limite entre as duas barreiras geológicas². O barranco, onde a vegetação está distribuída possui em média de 3,0 a 5,0m de altura, já foram registrados casos com até 10,0m, nas proximidades de Capivaras em São José do Norte (FIGURA 01).

A fauna está associada a esta vegetação (arbustiva litorânea), composta por pequenos e grandes roedores (preá, capivara, ratão do banhado, rato da macega), tatus, répteis e quelônios, peixes de água doce (traíra, jundiá, cascudo e muçum) e salgada (corvina, miragaia, pegereba, linguado, papaterra, cascuda), além de aves (tahã, maçarico, flamingo, garça, e outras).

Histórico e metodologia da pesquisa

Por se tratar de região inédita, a produção bibliográfica constou com as pesquisas do Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro coordenando pesquisadores do Laboratório de Ensino e Pesquisas em Antropologia e Arqueologia – LEPAN, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Na ocasião (a partir de 1994) foi elaborado um projeto de pesquisa destinado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, para prospectar a área, com o objetivo de levantamento e registro de sítios ocorrentes na região.

² Local onde se encontra a maior parte dos sítios da tradição Tupiguarani.

Campo

Os trabalhos de campo contaram com o apoio das viaturas da Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, cedidas pelo Serviço de Apoio e Manutenção do Campus - SAMC e com motoristas disponíveis. A área foi percorrida sistematicamente, subdividida de seis em seis quilômetros, onde duplas de pesquisadores alternavam-se e no final do trajeto a viatura os recolhia e os posicionavam seis quilômetros à frente da dupla anterior. Os pontos base para alimentação e estadia foram às cidades de São José do Norte (Bojuru), Tavares e Mostardas.

Nos sítios localizados foram realizadas coletas superficiais sistemáticas controladas, os dados recolhidos foram anotados no Diário de Campo, para posteriormente preencher a ficha de cadastro de sítios arqueológicos do IPHAN. Foram batidas fotos com filmes preto e branco, colorido e diapositivo colorido (*slide*). Ainda foram realizados cortes experimentais de 1,0 por 1,0m em sambaqui marinho e cerrito. O sedimento foi todo peneirado em malha de 0,3cm, o material que permanecia na peneira era separado conforme sua matéria-prima e acondicionado em sacos de pano acompanhado de etiqueta identificadora do mesmo.

Laboratório

Ao LEPAN foi cedida autorização para permanecer como fiel depositário do material, sob responsabilidade do Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro. O material arqueológico proveniente das pesquisas foi encaminhado ao LEPAN, onde primeiramente foi registrado e catalogado. A limpeza do material foi efetuada em pias com água corrente, para a cerâmica foram usadas escovas de dente com cerdas macias e o material lítico usou-se escovas com cerdas firmes, os materiais ósseos e conchíferos foram limpos sem o uso da água.

Após a secagem do material, em temperatura ambiente, os mesmos foram encaminhados para as mesas de análise onde receberam uma camada de esmalte (não ácido). A numeração, sobre o esmalte, foi escrita com nanquim preto e branco (dependendo da tonalidade) em uma área discreta da peça. O material significativo foi separado para exposição e fotografia, foram fotografados com filme preto e branco, colorido e diapositivo colorido (*slide*).

A classificação do material arqueológico da tradição ceramista Tupiguarani, realizada nos sítios, seguiu a categorização primária dividindo os mesmos pela matéria-prima. O resultado da classificação foi o seguinte:

Cerâmico: decoração plástica (corrugado, corrugado-ungulado, ungulado, escovado e simples); decoração pintada (linhas geométricas retilíneas vermelhas sobre engobo branco, linhas curvilíneas vermelhas sobre engobo branco, a última associada com pontos pretos ocorre na face interna das vasilhas); técnica associada (vermelho sobre branco na face externa e vermelho na face interna, vermelho e preto sobre branco na face interna e corrugado-ungulado na face externa). Outros dados foram colhidos tais como borda, base, carena, abertura da boca e sua relação com a parede das vasilhas. Além de outros materiais cerâmicos como fragmentos de cachimbos e cachimbos fragmentados, afiador-em-canaleta, base para suporte de vasilha.

Lítico: polido (lâmina de machado fragmentado, fragmento de lâmina de machado, polidor, polidor-alisador, calibrador, afiador-em-canaleta, placa peitoral (adorno), seixo utilizado) e lascado (lascas de calcedônia).

Ósseo: conta-de-colar e pingente (dente), restos faunísticos (alimentação?), pontas-de-projétil.

Conchífero: conta-de-colar e restos faunísticos (alimentação?).

Após a classificação, o material foi analisado onde dados sobre dimensões, coloração e dureza do material foram coletados. Com o processo completo, o material finalmente foi acondicionado em caixas de arquivo morto, carregando consigo a etiqueta identificadora do mesmo.

Gabinete

Com os dados em mãos, o trabalho de gabinete constou com a elaboração de tabelas, gráficos, e redação de projetos, resumos e a arte final do artigo. Recentemente, após a publicação dos resultados, foi redigido um projeto de Mestrado com o objetivo de obter mais informações sobre o sistema de assentamento, ocupação e organização dos sítios arqueológicos Tupiguarani no litoral centro e sua relação com os demais sítios em torno da Laguna dos Patos e Oceano Atlântico. Formam ao todos quase 10 anos de dados recolhidos disponíveis para a redação da Dissertação de Mestrado, sintetizada neste artigo.

A Tradição Tupiguarani no litoral centro

Os portadores da cultura material denominada de tradição Tupiguarani ocuparam a região que hoje conhecemos como Rio Grande do Sul por volta de 1800 AD (FIGURA 02). Espalharam-se por esta região concentrando-se nas margens dos grandes rios, em várzeas e distribuindo-se pela floresta subtropical até alcançar zonas limítrofes e de diferente composição geográfica, como o caso dos campos e pradarias do sul do Estado. No litoral encontraram resquícios da mata Atlântica, já escasseada pelas mudanças termais ocorridas no ótimo climático (ou *alti-termal*). Percorreram o litoral norte e acessaram a região por volta de 1000 A.D, a partir deste período contornaram o que hoje chamamos de Laguna dos Patos, até o principal e único estuário lagunar do Estado, ou seja, Rio Grande.

A distribuição deste grupo, além da planície costeira central, envolve os municípios de Tapes, Camaquã, São Lourenço do Sul, Pelotas e Rio Grande. À medida que se estende o litoral sul os centros de ocupação vão se tornando raros. Os sítios arqueológicos do litoral centro estão distribuídos ao longo do cordão de dunas, entre as barreiras geológicas, na maioria dos casos sobre a plataforma, onde é mais alta e própria para plantação de culturas secas (milho, mandioca, tabaco). Além destas vantagens a plataforma oferece uma visão panorâmica da planície mais baixa, em alguns casos a visualização do Oceano Atlântico e do outro lado da Laguna dos Patos.

Por estar sobre plataforma sedimentar, a maioria dos sítios são erodidos sobre dunas, o processo de erosão é causado pela ação eólica, animal e antrópica. Nas dunas parcialmente erodidas é possível observar a estratigrafia original do sítio, com espessuras que oscilam entre 10,0 a 80,0cm. O material proveniente destas camadas é depositado na base da duna. Em outros casos, em áreas aradas, os sítios são caracterizados por manchas de terra escura, elipsóides e circulares, em média de 10,0 a 15,0m de diâmetro. Em todos os casos encontra-se material cerâmico, lítico, ósseo, conchífero, nessa ordem quantitativa.

Os sepultamentos foram encontrados no exterior das casas, são secundários, ou seja, apenas os crânios foram depositados nas vasilhas cerâmicas (FIGURA 03) e outra vasilha emborcada como tampa. Associado aos sepultamentos encontra-se contas-de-colar e restos faunísticos. Em outros sítios das duas outras tradições (Umbu e Vieira) a cerâmica Tupiguarani apresenta-se como *sobreposição*.

Em um trabalho anterior (Mentz Ribeiro e Pestana, 2003, p. 5), sobre aplicação do método Ford para estabelecer sequências culturais, construíram-se três fases culturais dentro da tradição Tupiguarani, subtradição corrugado, são elas: Capivaras, Capororoca e Bacopará. Na ocasião definiu-se a localização destas três fases no mapa e ainda uma cronologia relativa das mesmas, onde se

constatou que a decoração pintada diminui e o de corrugado-ungulado aumenta nas três fases e a ocorrência do tipo decorativo escovado se torna significativo na fase Capivaras. Os portadores da cultura material da tradição Tupiguarani ocuparam a região ao longo dos séculos XVIII e início do século XIX, na aldeia Nossa Senhora do Estreito estavam assentados índios *Tape* (livro de registros da Diocese de Rio Grande – Cad. 18), logo foram aldeados na localidade do Estreito em São José do Norte (Torres, 2000, p. 45). Ao longo do século XIX são raros os registros de batismos e óbitos para esta região. Portanto, ocuparam a região do século X de nossa era até o contato com o europeu que se deu em 1740, no litoral sul do Rio Grande do Sul.

Brochado (1974, p. 48) elabora um quadro teórico objetivando analisar e compreender o movimento destes grupos, basicamente acompanhando as grandes bacias aquíferas, a tradição Tupiguarani vai encontrar refúgio em regiões florestais. O autor trabalha com o conceito de pequenos movimentos migratórios no sentido ascendente pelo litoral, referindo-se ao fato do Tupiguarani ter saído da Amazônia por volta do nascimento de Cristo, migrado num fluxo descendente até o rio da Prata e então ascendido pelo litoral atlântico. Propomos então uma via sistemática de análise e interpretação para a tradição Tupiguarani na Laguna dos Patos, neste espaço quatro grupos teriam se assentado sobre plataformas argilosas e criado um controle sobre elas no que se refere à captação de matéria-prima. Três destes grupos pertencem a sub-tradição corrugado e assentaram-se na planície central costeira, resultados este obtidos pela análise de sequências culturais (seriação) realizados em estudos anteriores (Mentz Ribeiro *et al.*, 2003). Além destas três fases, Schmitz (1969); Brochado (1974) elaboraram a fase Rio Grande (Camaquã) com área de dispersão do lado ocidental da Laguna, particularmente de Camaquã até o município de Rio Grande.

Foram reconhecidos pela etno-história como *Tape*, *Pato*, *Arachã* (*Arachane*) e *Guarani*. Sabe-se através da Arqueologia que

conquistaram e dominaram outros grupos étnicos como os *Minuano, Charrua, Mboane*. Controlando o território conseguiram se locomover em fluxos micro-migratórios inseridos na planície costeira. Alguns pontos centrais de concentração e ocupação do contingente da tradição Tupiguarani estão em Rio Grande, assentado sobre plataforma argilosa localizada no Barro Vermelho (Povo Novo, 3º Distrito de Rio Grande), sítio arqueológico registrado com o nome do Sr. Pedro Legerman (proprietário do terreno). Deste sítio é possível observar o núcleo da fase Capivaras, ou seja, a outra margem do estuário da Laguna Dos Patos. Pertencentes a fase Rio Grande (Camaquã) descrita por Brochado (1973, p. 10) (FIGURA 04). Provavelmente a tradição Tupiguarani procurava áreas para captação de matéria-prima para produção e confecção de cerâmica, como estas plataformas são relativamente raras, este grupo étnico provavelmente deve ter competido pelas mesmas plataformas entre eles mesmos.

O fato das concentrações maiores estarem próximas (ou em cima) das formações argilosas demonstra que o controle e manutenção da matéria-prima eram essenciais na racionalização dos espaços e mobilidade no sistema de assentamento. Hipoteticamente, deveria existir uma espécie de troca, redistribuição e reciprocidade entre estes grupos, que ao longo dos séculos formaram concentrações ao longo da Laguna dos Patos, protegendo estas plataformas argilosas (afloramentos – final do pleistoceno). Um dos objetivos desta pesquisa é argumentar e provar esta relação, interna à planície costeira central e áreas adjacentes, sob análise tri-ácida e lipídica do material cerâmico e datações sejam elas absolutas ou relativas. Análises anteriores (Mentz Ribeiro e Callipo, 2000, p. 25). Mostraram que categorias diferentes de antiplástico, encontrados em sítios da planície central costeira, foram trazidas da outra margem da lagoa, pois a matéria-prima que compunha encontra-se nas praias de São Lourenço do Sul (grãos de quartzo polidos – 0,08 a 0,1cm, feldspato). A composição da pasta da cerâmica pode demonstrar a origem do sedimento

utilizado, neste caso submetidos à análise química e de solo, propondo, ou não, a troca deste material utilizando-se das rotas e sistema de troca pela Laguna.

Existem indicativos de que na região litorânea o grupo pertencente à tradição Tupiguarani tenha sofrido certa redução demográfica, evidenciado pelas urnas de médio e pequeno porte, pois a população não precisaria de grandes urnas para alimentar um número reduzido de pessoas (Mentz Ribeiro, 2000, p. 5). Os locais de assentamento são dessemelhantes aos da floresta tropical ou subtropical, mesmo acompanhando os resquícios de floresta, o Tupiguarani estava se aproximando cada vez mais em áreas de campo aberto onde não se encontram vestígios dos mesmos.

Listagem de sítios associados à tradição Tupiguarani na região			
RS-LC	Nome do Sítio	Localidade	Nº de Catálogo
01	Nossa Senhora da Conceição do Estreito	Estreito	204 a 208; 218 a 223.
05	Mario Boeira Martins	Mostardas (Bacopari)	213
07	Capivaras III	São José do Norte	215;
09	Manoel Mariano Machado	Capão Comprido Tavares	217 a 224;
10	Farol do Cristóvão Pereira	Mostardas	228;
11	Chico Bóis "A"	Pontal do Cristóvão Pereira Mostardas	229 SL- 1 (Sambaqui Lacustre)
12	Chico Bóis "B"	Pontal do Cristóvão Pereira Mostardas	230;
14	Capão da Marca "A"	Tavares	(corte) 232 SL - 3 (Sambaqui Lacustre)

A tradição ceramista Tupiguarani na planície costeira central do Rio Grande do Sul, Brasil

18	José Rosa da Silva	Tavares	237;
19	Campo da Honra "A"	Tavares	238 SL - 7 (Sambaqui Lacustre)
20	Campo da Honra "B"	Tavares	239 SL - 8 (Sambaqui Lacustre)
24	Sermi Machado Miguel	Curral Velho - São José do Norte	249;
26	Romeu Antônio da Costa	Curral Velho - São José do Norte	251;
27	Dilmo Martins - José Érico Weber	Capão da Areia - São José do Norte	252;
28	Dilmo Martins	Capão da Areia - São José do Norte	254;
29	Antenor Paiva	Capivaras - São José do Norte	86 - 87 - 88 - 89;
30	Areias Gordas "A"	Capivaras	24;
31	Barranco "A"	Bojuru - São José do Norte	- 258 SM - 2;
32	Barranco "B"	Bojuru - São José do Norte	259;
33	Barranco "C"	Bojuru - São José do Norte	260;
34	Barranco "D"	Bojuru - São José do Norte	261;
35	Barranco "E"	Bojuru - São José do Norte	262;
36	Barranco "F"	Bojuru - São José do Norte	263;
37	Bojuru Velho "A"	Bojuru - São José do Norte	274;
38	Bojuru Velho "B"	Bojuru - São José do Norte	275;

40	Passinho II	Passinho - São José do Norte	303 - 304;
41	Passinho III	Passinho - São José do Norte	305;
43	Ildefonso Braga "A"	Mostardas	310;
44	Ildefonso Braga "B"	Mostardas	311;
45	Lino Azevedo Pires de Lima - "A" - "B"	Tavares	312 -313;
49	Bacopari I	Bacopari – Mostardas	317;
51	João Emilio V. Souza	Aguapé – Mostardas	405 CE (Cerrito) – 7;
52	Carambola	Lagoa do Peixe – Mostardas	406;
53	PARNA I	Lagoa do Peixe – Mostardas	407;
54	PARNA II - ("A"- "B"- "C"- "D"- "E"- "F")	Mostardas	408 a 413;
55	A. Adolfo de Araújo ("A"- "B"- "C"- "D")	Mostardas	415 a 417 – 426;
56	Estevaldino Luís Rodrigues ("A"- "B"- "C"- "D"- "E")	Tavares	418 a 422;
57	Sidnei da Silva Machado	Tavares	423;
58	Levi Farias dos Santos	Tavares	424;
59	Sambaqui Capão da Areia	São José do Norte	(corte) 425 SM-3;
61	PARNA III	Lagoa do Peixe - Mostardas	427;
60	Capororoca II	Capororoca - Tavares	461;
62	Capororoca I	Capororoca -	462;

		Tavares	
63	PARNA IV	Lagoa do Peixe – Tavares	463;
64	Estevaldino Luís Rodrigues II ("A"- "B"- "C"- "D")	Tavares	464 - 467- 468 – 470;
65	Napoleão Araújo Brum	Capão Comprido – Tavares	465;
66	PARNA V	Lagoa do Peixe – Tavares	469;
67	PARNA VI	Lagoa do Peixe – Tavares	471;

Comparando os sítios arqueológicos

No ano de 2002, no mês de setembro, foi realizado o I Seminário Internacional de Estudos do Método Quantitativo Para Estabelecimento de Sequências Culturais em Arqueologia, no Núcleo Tocantinense de Arqueologia da Fundação Universidade do Tocantins. No seminário foram debatidas as aplicações do “Método Ford”, sua função na pesquisa arqueológica e, por fim, suas perspectivas teóricas. Naquele momento, foi acordado que cada participante do evento utilizaria o método em seus respectivos projetos, pois estes seriam publicados posteriormente. Na ocasião, Mentz Ribeiro apresentou um texto no qual discute a seriação feita com os dados da pesquisa realizada na planície costeira central do Rio Grande do Sul, texto que permanece inédito (Mentz Ribeiro, 2002). Tendo revisado as seriações apresentadas por ele, nos definimos por sua aceitação e das denominações com que as identificou e no presente capítulo, usamos umas e outras confiadamente. Os estudos da seriação da cerâmica da tradição

Tupiguarani com os dados recolhidos na planície costeira central começaram a partir de 2001³.

Os trabalhos nesta área foram coordenados pelo Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, auxiliado por bolsistas. Nos 64 sítios estudados na área, foram conseguidas apenas 25 amostras de cerâmica Tupiguarani que continham mais de 100 fragmentos cada uma, quantidade necessária para o estudo de seriação. Todas estas amostras pertencem a contextos Tupiguarani de sítios erodidos sobre dunas. Essas 25 amostras não incluem, pois, material proveniente de sítios históricos, híbridos e da maioria dos sítios reocupados, mesmo quando tinham alguma cerâmica Tupiguarani.

Os tipos decorativos foram os critérios usados para a quantificação. Foram separados em 06 tipos de decoração e um simples, assim distribuídos: simples, corrugado, corrugado-ungulado, ungulado, escovado, engobe, pintado e inclassificável. A porcentagem dos inclassificáveis é relativamente significativa, pois o processo erosivo litorâneo dificulta a identificação da decoração plástica e pintada. Utilizou-se a decoração como referência, por dois motivos: as formas dos vasos não variaram intensamente devido à relativa pouca quantidade de bordas confiáveis para um desenho técnico e os antiplásticos eram, na maioria dos casos, homogêneos entre si, compostos de areia fina misturada com variados tipos de temperos. Por isso, a decoração foi o recurso usado para serem percebidas as tendências dos tipos decorativos.

Foram calculadas as porcentagens de cada tipo decorativo nas 25 amostras selecionadas. As porcentagens foram repassadas para folhas de papel milimetrado, em barras horizontais com indicação do número do sítio e do número de catálogo. As barras foram organizadas pelas semelhanças das porcentagens de cada um dos tipos, para formarem sequências contínuas crescentes e/ou decrescentes, em gráficos como serão apresentados abaixo. Não foi

³ As ilustrações ausentes neste artigo, tais como os gráficos dos deslocamentos migratórios, fotos, desenhos, tabelas, demais mapas, encontram-se integralmente na Dissertação.

possível interdigitar todas as amostras em uma série única, resultando três gráficos de porcentagens, que representam séries, denominadas de Capororoca, Capivaras e Bacopari, nomes correspondentes a topônimos da planície costeira central.

A Série Capororoca

A série Capororoca é composta por 08 (oito) sítios, descritos no Capítulo III. São eles: RS-LC-18: José Rosa da Silva, RS-LC-64: Estevaldino Luis Rodrigues II, RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues I, RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-58: Levi Farias dos Santos, RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, RS-LC-27: Dilmo Martins & José Érico Weber. Destes, foram descritos como aldeias: 64, 56, 55, 54; como sítios isolados puros, os demais. Nesta série não existe nenhum sítio reocupado ou híbrido. Observando a distribuição dos sítios no espaço, percebe-se que estão concentrados na margem ocidental da Lagoa do Peixe e em sua proximidade, em uma área com extensão de 75,0 km.

A organização das amostras no gráfico se baseia no fato de que, normalmente, nas seriações organizadas em diversas áreas do Estado, o corrugado-ungulado cresce nos períodos mais recentes da ocupação Tupiguarani (Schmitz, 1985, p. 48).

A seqüência serial, assim organizada, mostra um decréscimo regular do tipo simples, um crescimento regular seguido de decréscimo regular do tipo corrugado e crescimento regular do tipo corrugado-ungulado. Os demais tipos de decoração não apresentam tendências diagnósticas.

No gráfico se observa que amostras atribuídas a manchas diferentes de uma mesma aldeia podem apresentar posições mais ou menos diferenciadas na seriação, por exemplo, as amostras do sítio RS-LC-64 e RS-LC-56 aparecem em duas posições no gráfico.

O gráfico pode ser interpretado de duas maneiras: na suposição de que se tratasse de uma só aldeia (gráfico presente no texto original), que se movimenta no espaço, teríamos a oscilação

entre uma área central na margem da lagoa e duas ocupações em sua periferia; a outra interpretação é de que se tratasse de mais de uma aldeia, como descritas no Capítulo III, com ocupações satélites.

A Série Capivaras

A série Capivaras é representada pelos sítios: RS-LC-26: Romeu Antônio da Costa, RS-LC-66: Parna V, RS-LC-44: Ildefonso Braga "B", RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, RS-LC-67: Parna VI, RS-LC-56: Estevaldino Luís Rodrigues I, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-38: Bojuru Velho "B", RS-LC-31: Barranco "A". Destes, foram descritos como aldeias: 56, 54 e 38, sendo que os dois primeiros também aparecem na série anterior; como sítios isolados puros, os demais. Os sítios estendem-se por uma área de aproximadamente 90,0 km de extensão.

A seriação foi construída sobre o mesmo princípio da série anterior, isto é, o crescimento do corrugado-ungulado. As tendências gerais então são as mesmas, mas com porcentagens diferentes, que não permitem a interdigitação. Aparecem tendências definidas: o simples decresce regularmente, o corrugado-ungulado cresce regularmente, o ungulado decresce e o pintado cresce.

Esta série pode representar a continuidade da série anterior, ocupando então áreas mais periféricas, não ocupadas. A observação das mesmas tendências, o crescimento maior do corrugado-ungulado e a ocupação das áreas periféricas sugerem que se trata de um desdobramento populacional, a partir da primeira.

A seriação pode, da mesma forma que a sequência anterior, ser interpretada de duas maneiras: na suposição de que a série represente uma só aldeia (gráfico presente no original) que se movimenta no espaço, ela circularia na periferia não ou pouco ocupada, de um extremo da mata de restinga ao outro, partindo de uma ocupação mais ao sul (RS-LC-26) e indo para o norte além da

Lagoa do Peixe; seus últimos sítios (RS-LC-54 e 38) estão nas extremidades da mata, tanto ao norte como no sul e na beira da praia (RS-LC-31), onde foram explorados recursos marinhos. A outra suposição é de que poderia ter havido mais do que um desdobramento, um no norte e outro no sul da área, com uma movimentação menor dentro de cada área.

A Série Bacopari

A série Bacopari é formada por quatro sítios: RS-LC-05: Mário Boeira Martins, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-37: Bojuru Velho "A" e RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo. Em nosso capítulo sobre os sítios, o primeiro tinha sido classificado como híbrido, os três últimos como aldeias. Os sítios da série Bacopari ocupam áreas periféricas, ao norte e ao sul, das séries anteriores.

O gráfico representativo desta série é formado por oito colunas, cada uma representando uma decoração. O gráfico foi construído sobre a observação de que o corrugado-ungulado cresce regularmente e o ungulado decresce. Os outros tipos não apresentam tendências claramente definidas.

O gráfico se distingue dos dois anteriores pela forte presença do tipo corrugado, não permitindo nenhuma interdigitação com as outras séries. Excluindo o sítio RS-LC-05, observamos tendências definidas no tipo simples e corrugado-ungulado, que crescem e no corrugado, ungulado e pintado/engobado, que decrescem.

Para a interpretação do gráfico, temos duas suposições: uma só aldeia que se movimenta no espaço, ocupando as duas extremidades da área de povoamento; a outra é de que seria de uma aldeia que se movimenta no norte e outra aldeia no sul.

A pergunta que fica, devido à diferença dessa série com relação às duas anteriores, é se temos condições de pleitear seu surgimento a partir da série anterior ou se precisamos pensar numa população que vem de fora da área. A primeira alternativa seria

mais econômica, mas a segunda também é difícil de excluir, pensando que poderia ter havido uma migração do norte (a partir do sítio RS-LC-05) para o sul, ao longo da mata de restinga.

As séries Capororoca, Capivaras e Bacopari representam o núcleo principal da ocupação Tupiguarani, localizada em terrenos altos e secos, com mata de restinga, na margem ocidental do cordão de lagoas litorâneas, onde se destaca a longa Lagoa do Peixe. Este espaço é limitado por áreas pantanosas, campos e dunas ativas do litoral atlântico, ambientes que foram ocupados por populações caçadoras e coletoras pré-cerâmicas e pelos ceramistas da Tradição Vieira. Eventualmente o grupo Tupiguarani acampou em cima destes sítios, quando abandonados (sítios reocupados) ou ainda ocupados, fazendo contatos com estas populações (sítios híbridos).

As séries representam momentos sucessivos de ocupação da área pelos grupos Tupiguarani, mas a relação entre eles é desconhecida, como também não aparece nenhum indicador do tempo em que esse povoamento foi realizado. Mentz Ribeiro (2003) fala de que estes povoamentos teriam ocorrido em um período recente, posterior a 1.100 d.C.

As séries não abrangem todos os assentamentos dessa população, porque alguns não tinham elementos suficientes para este exercício estatístico. Assim, não são abrangidos os sítios históricos, os híbridos e a maioria dos reocupados.

Nas três séries as amostras representam concentrações que, umas vezes, foram descritas como sítios isolados puros e outras vezes como aldeias. Neste último caso, provavelmente a impressão de que um conjunto próximo de concentrações teriam sido casas de uma mesma aldeia pode ser ilusória e o conjunto representaria, então, reocupações de um mesmo espaço, por oferecer maior quantidade de recursos ou vantagens estratégicas. É o caso dos sítios RS-LC-54, 55, 56 e 64.

A paisagem da área apresentava parcialmente as características ambientais buscadas pela Tradição Tupiguarani:

havia florestas de restinga relativamente grandes, solos passíveis de cultivos e uma grande lagoa com ligação com o mar.

Este povoamento apresenta semelhanças e diferenças com ocupações Tupiguarani do interior.

Este espaço delimitado e isolado entre o Oceano, a Lagoa dos Patos e grandes banhados, talvez seja uma oportunidade única para demonstrar como seria um *tekohá*, isto é, quais são os tipos de instalações, como elas se distribuem no espaço para aproveitamento dos recursos disponíveis, como a sociedade se organiza no espaço, como as aldeias se desdobram em novos assentamentos, buscando o aproveitamento de bens anteriormente não incorporados e como o grupo se relaciona com as populações vizinhas, ocupantes dos espaços que delimitam seu território. Para completar o quadro nos faltam datas que ajudem a relacionar as sequências estatísticas organizadas a partir da tipologia cerâmica e que serviriam para dar tanto o começo da ocupação, quanto a eventual sucessão das populações.

O Povoamento pré-Colonial da área

A partir das informações sobre as diferentes culturas presentes na área em estudo, é possível distinguir três áreas, com relação à sua ocupação: uma área meridional (Área I), uma central (Área II) e uma setentrional (Área III).

Área I: Estende-se na primeira área, mais meridional, um grande ambiente de campos planos e baixos. A vegetação típica nessa área é constituída por gramíneas e pequenos arbustos. Entre as altas dunas que se distribuem nas proximidades do estuário lagunar são encontradas com frequência concentrações de cerâmica da tradição Vieira em sítios erodidos. Na porção superior desta área predominam as estreitas faixas de terra, sem matas ou banhados, entre o mar e a lagoa, onde predominam os principais centros luso-coloniais: Aldeia Nossa Senhora do Estreito, Estância Real do Bojuru e Forte São Caetano.

Contíguas às mesmas áreas, ao sul, situam-se grandes banhados e macegais que, por vezes, são margeados por cerritos. Na margem oposta do estuário foram identificados inúmeros sítios da tradição Vieira (Schmitz, 1976), predominantes naquela região. A região é característica por apresentar estreitas faixas de terra agriculturável e amplas áreas para atividades de pesca.

A primeira ocupação meridional estende-se entre o pontal da Barra do município de São José do Norte, a partir da região do Cocuruto, em um sítio sobre dunas da tradição Vieira, passando pelas localidades de Areias Gordas, Capivaras, Retiro, Passinhos, Estreito até a Vila de Bojuru. Nesta porção de terra, os sítios arqueológicos registrados apresentam invariavelmente contato cultural entre si. As características físicas e ambientais são mistas, a cerâmica e os sítios apresentam características híbridas, mescladas e misturadas. O material lítico pode ser identificado em contextos da tradição Umbu, Vieira e Tupiguarani.

Os ocupantes da aldeia do Barro Vermelho (RS-LS-46: José Pedro Lagermann) no município de Rio Grande, efetuaram deslocamentos e, provavelmente, atravessaram o canal de Rio Grande – São José do Norte, na direção de Areias Gordas, pois a região é de fácil visualização a partir do Barro Vermelho. Por este motivo as pequenas concentrações de material Tupiguarani estão frequentemente presentes em sítios da tradição Vieira. Poderia se dizer que a ocupação Tupiguarani da península de Areias Gordas e pontal da Barra se fizeram do sul para o norte.

Área II: A segunda área, mais ao centro da planície costeira central, é referente ao núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani. A paisagem é caracterizada pela ausência de banhados e charcos, pouca extensão de campo, e uma mata de restinga que nasce sobre as dunas, nas bordas da Lagoa dos Patos e estende-se até a Lagoa do Peixe onde se torna mais densa. É preferencialmente uma área de escolha da tradição Tupiguarani por existirem estratos de terra fértil para a plantação, expandidas matas de restinga e abundância de água. A Lagoa do Peixe fornecia, através de seu rico

bioma, alimentos, áreas de caça, de pesca e coleta. A forma estreita, comprida e alongada da Lagoa do Peixe, semelhante a um rio, auxiliava o transporte dos grupos, especialmente para as áreas de plantio, facilitando a locomoção.

O núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani estende-se a partir da Vila de Bojuru, território do município de Tavares até aproximadamente o limite norte do município de Mostardas. Neste território encontraram pouca concorrência étnica e um ambiente que sustentaria núcleos densos de população propiciando, através da horticultura, condições para uma relativa fixação. O grupo étnico portador da tradição Tupiguarani estabelecia relações de territorialidade entre as etnias que ocupavam aquele espaço, realizando periodicamente deslocamentos. Os deslocamentos serviriam para permitir a renovação do ambiente esgotado pelo plantio e pela caça além de renovar os laços com outros grupos da tradição Tupiguarani que ocupavam os arredores do núcleo de povoamento. As reocupações indicam uma exploração sistemática do ambiente, de acordo com a regeneração e épocas do ano, permitindo que outros subgrupos da mesma tradição ocupem e se revezem por lugares privilegiados. A Lagoa do Peixe, mais rasa, é inundada na primavera e verão com larvas de crustáceos e moluscos, bem como peixes de raso e de marés quentes. Os peixes são abundantes facilitando a pesca e captura que pode ser realizada com fisga, rede, armadilha e linha. Os ocupantes do núcleo de povoamento das proximidades da Lagoa do Peixe observaram o fenômeno, explorando a variedade de peixes que entravam com a salinização da água da lagoa.

Estando concentrado no ecossistema da Lagoa do Peixe, o núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani, sofria pouca concorrência étnica, ao contrário das áreas híbridas I e III, que foram ocupadas preferencialmente pelas tradições que chegaram anteriormente, a Umbu e Vieira. A concentração da tradição Tupiguarani num ambiente propício para a instalação das aldeias provavelmente gerou o abandono dos outros grupos da tradição

Vieira (Mentz Ribeiro e Calippo, 2004, p. 38), incapaz de concorrer com a territorialidade da tradição Tupiguarani. A segunda área foi identificada como um espaço onde proliferaram os sítios isolados, as aldeias e as reocupações da tradição Tupiguarani. Pouco ou quase nenhum elemento significativo da tradição Vieira é associado aos sítios.

Os sítios da região são abundantes em material cerâmico e escassos em material lítico devido à falta de ambientes para captação de recursos nas proximidades. São comuns os afiadores-em-canaleta sobre fragmentos reutilizados de cerâmica e, nas aldeias, aparecem em arenito raramente associados a mós e almofarizes. Houve maior ocorrência de lâminas de machado no interior do núcleo de povoamento. As únicas concentrações com blocos testemunhos, que apresentavam algum resto de alimentação, estavam nas proximidades das aldeias ou nas próprias.

A diversidade ambiental provavelmente proporcionava recursos de diferentes espécies, possibilitando a exploração de dois ou mais ecossistemas.

Área III: A terceira área, mais ao norte da restinga da Lagoa dos Patos, estende-se do limite norte de Mostardas, a partir das localidades de São Simão, Mina e Casca até o município de Palmares do Sul.

O ambiente deste espaço é caracterizado pelo fim das extensas matas de restinga da Área II e começo de intrincados banhados, em cujas bordas foram identificados cerritos da tradição Vieira. Observa-se uma proliferação dos campos abertos cobertos de gramíneas e pequenos arbustos, onde destacam-se os sítios da tradição Umbu, junto a pequenas lagoas.

O sítio Tupiguarani mais setentrional, relacionado a esta área, é o RS-LC-05: Mário Boeira Martins, com significativa quantidade de cerâmica da tradição Vieira. A paisagem é diferente daquela que ocorre no núcleo de povoamento.

O ambiente passa a ser característico daquele preferencial da tradição Vieira, impedindo a ocupação da tradição Tupiguarani

nos campos abertos, o que resultou em incursões mal sucedidas nas áreas de banhado, reocupando esporadicamente os cerritos.

Os portadores da tradição Tupiguarani reocuparam o cerrito RS-LC-51: João Emílio V. de Souza, onde foram encontrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, bem como uma mancha de terra escura nas proximidades. Faltaram os fragmentos de cerâmica híbrida para observar se houve ou não contato.

O maior número de cerritos foi identificado na área III, indicando uma ocupação efetiva daquele território. A ocupação das áreas híbridas I e III por grupos da tradição Vieira, juntamente com o ambiente desfavorável para a tradição Tupiguarani, impediu o avanço destes últimos grupos para as extremidades da planície costeira central.

O comportamento de interação cultural foi observado em espaços distintos na porção central da planície litorânea e são mais evidentes na área I e III. As áreas com indícios de interação cultural, que segundo Rogge (2005) seriam zonas de fronteira, espaços que proporcionaram a interação cultural entre grupos portadores das tradições cerâmicas Tupi, Vieira e Taquara, na planície costeira central, foram caracterizadas como zonas híbridas ou espaços de formação mestiça. As zonas de fronteira, incluindo os fenômenos observados por Rogge ocorrem com mais frequência nas extremidades sul e norte do núcleo de povoamento da planície costeira central que está ao redor da Lagoa do Peixe, onde ocorre o maior número de sítios “mistos” ou híbridos. Observou-se também a predisposição à territorialidade dos grupos, povoando espaços com características ambientais distintas, que representam a preferência e escolha do grupo, ocasionando, contudo incursões de ambas as tradições Tupiguarani e Vieira, em áreas contíguas àquelas do núcleo de povoamento.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro (*In Memoriam*); ao Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz; ao Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge e aos meus pais: Oilsomar Wailla Pestana e Mariza Borges Pestana pelo amor e compreensão e que, juntamente com a CAPES, patrocinaram a pesquisa.

Figuras



Figura 01

Mapa indicando a localização dos sítios arqueológicos na Planície Central Costeira.

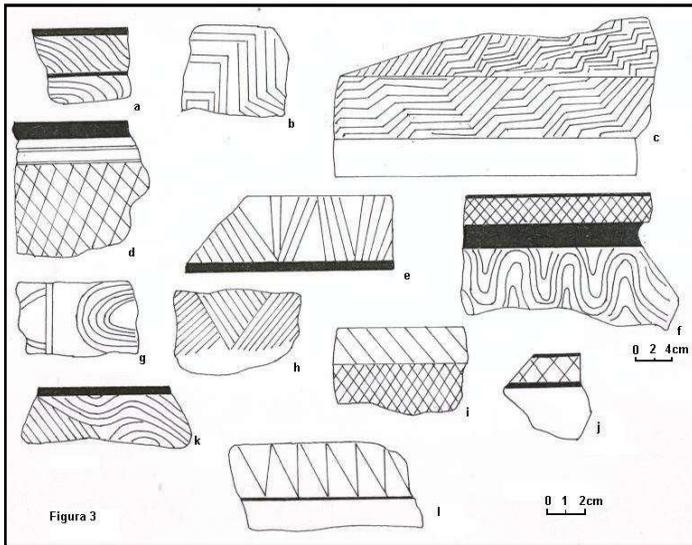


Figura 02

Cerâmica pintada Tupiguarani em sites da planície costeira do Rio Grande do Sul.

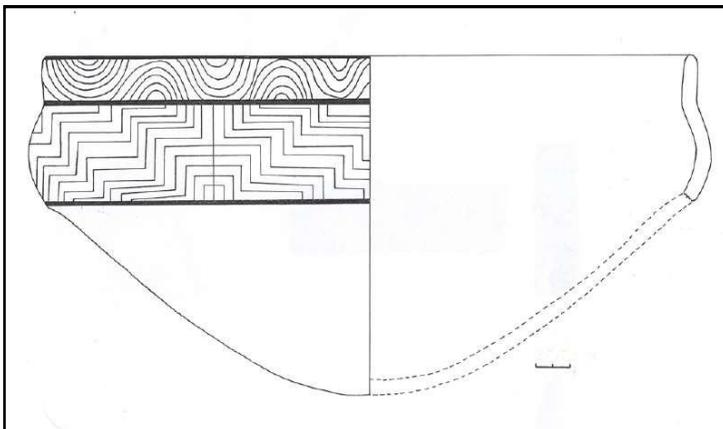


Figura 03

Reconstituição de típica vasilha pintada associada à tradição Tupiguarani na planície central costeira do Rio Grande do Sul.

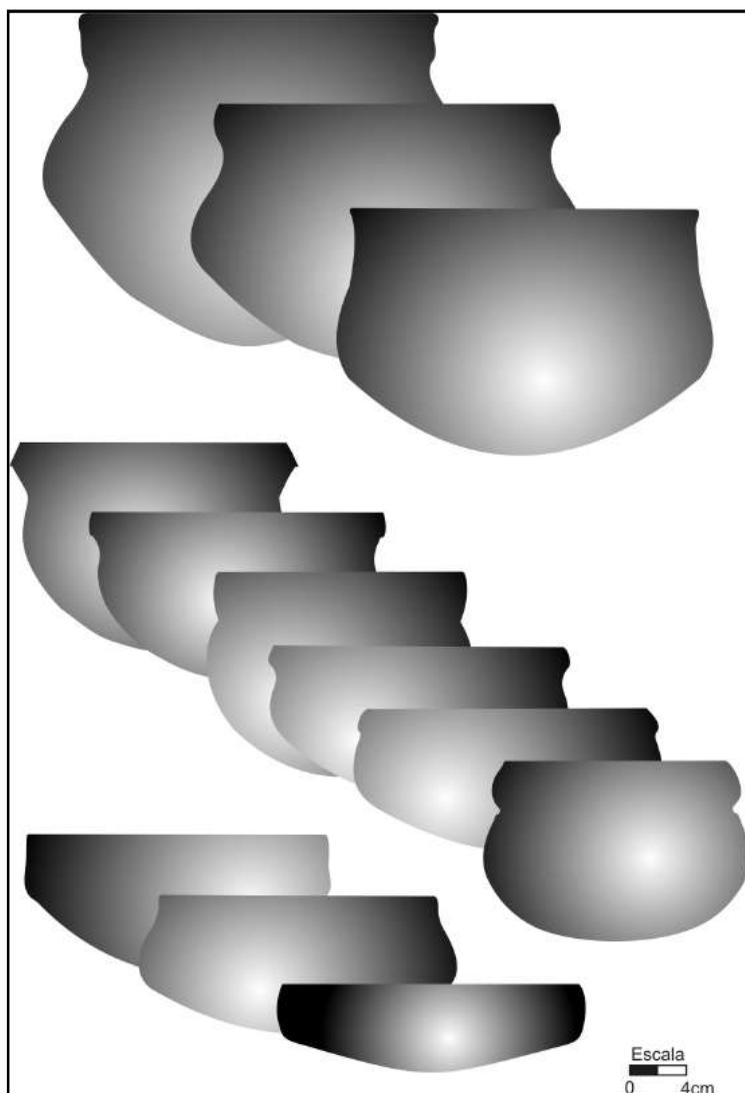


Figura 04

Formas de algumas vasilhas reconstituídas através de vasilhas fragmentadas.

Bibliografia

- BROCHADO, José Joaquim J. Proenza. Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguaraní. *Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguaraní*. Relaciones; Publicação n. 5, Porto Alegre; Universidade federal do Rio Grande do Sul, 1973.
- BROCHADO, José Joaquim J. Proenza. Pesquisas arqueológicas no escudo cristalino do Rio Grande do Sul (Serra do Sudeste). Belém, Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, 26: 25-52, 1974.
- BROCHADO, José Joaquim J. Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. Urbana, U.S.A: University of Illinois, 1984, 574p. (Tese de Doutorado).
- HUECK, Kurt. Carta da vegetação da América do Sul. São Paulo, Instituto de Geografia, Universidade Federal de São Paulo, 1975.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; CALIPPO, Flávio R. Arqueologia e História Pré-colonial. In: TAGLIANI, Paulo Roberto A; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; TORRES, Luis Henrique; ALVES, Francisco das Neves. *Arqueologia, História e Socioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos: uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*. Rio Grande; Editora da FURG, 2000. pp. 13-40
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; PESTANA, Marlon B. A cerâmica pintada Tupiguarani no litoral centro e sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Rio Grande; (ms), 2003.
- MORENO, José Alberto. Clima do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1961.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1976. 231p. (Tese de Livre Docência).
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. In: KERN, Arno A. (Org.) *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do sul*; Mercado Abero, 1991.

- SCHMITZ, Pedro Ignácio; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; NAUE, Guilherme; BASILE BECKER, Ítala Irene. Prospecções arqueológicas no vale do Camaquã, RS. In: *Estudos de Pré-história Geral e Brasileira*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Pré-História, 1969.
- SCHMITZ, P. I. "Territórios de Domínio" em Grupos Tupiguarani: considerações sobre o Médio e Alto Jacuí, RS. In: Boletim do Marsul, n. 3, Taquara: Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, 1985. pp. 45-52.
- TORRES, Luis Henrique. Da Colônia ao Império: um panorama histórico da região. In: TAGLIANI, Paulo Roberto A; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; TORRES, Luis Henrique; ALVES, Francisco das Neves. *Arqueologia, História e Sócioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos: uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*. Rio Grande; Editora da FURG, 2000. pp. 41-63.
- WILLVOCK, Jorge Alberto; TOMAZELLI, Luiz José. Geologia Costeira do Rio Grande do Sul, Notas Técnicas, Porto Alegre, CEGA/IG/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 8: 1-45, 1995.

Recebido em: 25/07/2011

Aprovado em: 28/10/2011

Publicado em: 06/12/2011

Etnoarqueologia da pesca.

Um estudo sobre as áreas de atividade e práticas de pesca dos pescadores da Barra do João Pedro, RS

Lucas Antonio Da Silva¹

RESUMO: Desde o período pré-histórico, grupos humanos têm utilizado o recurso pesqueiro como um modo de sobrevivência no litoral norte do RS. Atualmente diversas comunidades de pescadores encontram-se espalhadas pela região, demonstrando que a exploração desse recurso continua sendo uma atividade importante para a sobrevivência dessas comunidades no presente. Contudo, a inexistência de pesquisas etnoarqueológicas na região não é compatível com a riqueza histórica, cultural, e material dessas comunidades. Portanto, esta pesquisa visa desenvolver um estudo aprofundado sobre modo de vida dos pescadores da comunidade da Barra do João Pedro. Destaca-se neste estudo, a busca pelas relações entre práticas de pesca e áreas de atividade, que podem ser observadas através de um estudo etnoarqueológico, combinando metodologias arqueológicas com as observações etnográficas.

PALAVRAS-CHAVE: *Pescadores, áreas de atividade, etnoarqueologia.*

ABSTRACT: Since the pre-historic era, human groups have been using this resource as a way to survive in the region. Nowadays, several fishermen communities are spread in the “gaúcho” north coastline, showing that the exploration of that resource keeps being an important activity for the survival of those communities now. Nevertheless, the lack of ethno-archaeological research in the region is not compatible with the historical, cultural and material richness of those communities. Therefore, this research aims to develop a deep study about the way of life of the fishermen from the community of Barra do João Pedro. We intend to stand out, in this study, the search for relations between the practice of fishing and the areas of activities, which can be observed through an ethno-archaeological study, combining archaeological methodologies with the ethnographic observations.

KEY-WORDS: *Fishermen, activity areas, ethno-archaeology.*

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Introdução

Os primeiros grupos de pescadores do litoral norte do Rio Grande do Sul são os homens dos Sambaquis², que exploravam essa região pescando, coletando e caçando. Os sambaquis preservam uma ampla variedade de cultura material, desde pesos de rede e anzóis, até material ósseo da pesca. Existem datações que comprovam o início da ocupação do litoral norte por esses pescadores-coletores, Gustavo Peretti Wagner (2009) datou alguns sítios e encontrou para o sambaqui do Camping a data mais antiga de 3.420 ± 60 A.P. Depois dos pescadores-coletores, os catadores de moluscos da tradição Taquara e Guarani ocuparam o litoral norte. Esses homens catadores de moluscos viviam basicamente da coleta de moluscos no litoral, e em menor escala da pesca. Existem diversos sítios arqueológicos que podem comprovar isso, como por exemplo, o sítio Figueira II e o sambaqui da Rondinha³.

Com a chegada dos europeus e o início da colonização, muitos viajantes⁴ passaram pelo litoral e relataram o que viram. Auguste de Saint Hilaire (1820-1821), Arsène Isabelle (1833-1834), Nicolau Dreys (1839), Herrmann Von Ihering (1885), entre outros. Todos estes viajantes forneceram relatos fundamentais para compreensão da pesca e dos pescadores do litoral norte do Rio Grande do Sul. Saint Hilaire (1987, p. 17) ao longo de sua jornada pelo litoral descreve sua chegada ao Rio Tramandaí: “Achamos, à margem desse rio, uma espécie de choupana, **coberta de caniços** (grifo nosso), onde se amontoavam umas doze pessoas, e junto a qual existe um pequeno galpão que serve de abrigo a uma canoa...”.

² A palavra sambaqui é derivada de tamba (concha) e ki (amontoado) na língua tupi. Existem divergências entre os arqueólogos sobre o que é um sambaqui. Para fins didáticos iremos considerá-lo como uma área de descarte. Para saber melhores detalhes sobre a definição ver Wagner (2009)

³ Sítios arqueológicos escavados pelo projeto Arqueologia no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. A escavação ocorreu no mês de julho de 2009.

⁴ Isabelle e Dreys eram comerciantes, e Ihering e Saint Hilaire naturalistas.

Nota-se que ainda nesta época a atividade pesqueira no litoral era fundamental para a sobrevivência da população.

No início do século XX, mais precisamente em 1906, Edgar Roquette-Pinto⁵ faz uma viagem ao litoral norte do Rio Grande do Sul e faz um relato minucioso da fauna, flora, do conjunto de lagoas do litoral, os “tipos” humanos, etc. Ao longo de sua viagem, Roquette-Pinto destaca a atividade pesqueira da região de Tramandaí, inclusive descrevendo detalhes de como era feita a pesca na lagoa:

“A emenda é uma companhia de 15 pescadores. (...) Formam nela quatro canoas; duas canoas de bater, com dois homens cada uma, e duas canoas de rede, com isso cinco. [...] Um capataz, homem prático em conhecer os cardumes pelas ondulações da superfície d’água, dirige a emenda. (...) Na pescaria as canoas vão silenciosamente; quando o capataz faz sinal de cardume, abrindo os braços, as portadoras da rêde abrem-na também, cada uma indo para seu lado, estendendo-a, assim, em círculo” (Roquette-Pinto, 1962).

Com criação das colônias de pescadores, a partir da década de 1920, ocorreram uma série de mudanças no modo de vida destes. A nova legislação buscou uma regulamentação do pescador profissional, exigindo deste um registro nos órgãos fiscalizadores. Christian Nunes da Silva (2006, p. 80) afirmou que: “Com a criação das Colônias de pescadores houve uma legalização da atividade pesqueira, pelo reconhecimento da Colônia de Pesca enquanto

⁵ A obra foi publicada por Dante de Laytano (1962)

categoria de representatividade dos pescadores, e um reconhecimento da sociedade e do Estado da importância da atividade pesqueira para o provimento do mercado consumidor interno”.

O autor ainda destaca que a criação dessas Colônias de pescadores deriva de uma série de questões que estão surgindo no início do século XX, tais como: a ocupação dos espaços marítimos, tendo em vista o vasto litoral brasileiro e a impossibilidade da marinha fiscalizá-lo por completo; a busca de uma auto-suficiência na produção pesqueira, pois segundo o autor, nessa época o Brasil importava muito pescado de outras regiões do mundo; e, finalmente, a busca de uma conscientização dos pescadores para o combate da pesca predatória.

A partir da década de 1960, segundo Fernando Mourão (2003), a pesca passou a sofrer várias alterações devido a introdução de novas técnicas e novos utensílios. A mudança mais interessante é a utilização dos motores de popa. Em seu estudo sobre os pescadores do litoral sul de São Paulo, Mourão (2003, p. 77-78) demonstra através de gráficos o crescimento dos barcos motorizados ao longo da década de 1960.

Finalmente, é importante destacar a formação dos grupos de pescadores que ocupam atualmente o litoral norte do RS. As fontes históricas⁶ indicam que o desenvolvimento e fixação destes grupos de pescadores é um fenômeno recente⁷, provavelmente, ligado ao desenvolvimento dos balneários no litoral norte do RS no início do século XX (Schossler, 2010). A Barra do João Pedro surge nesta época, e os pescadores passam a pescar nas lagoas mais próximas – Lagoa dos Quadros, Malvas e Palmital.

Sendo assim, a presente pesquisa propõe responder o seguinte questionamento: Quais são as práticas de pesca dos

⁶ As fontes históricas utilizadas foram os relatos de viagem, onde se destacam Saint-Hilaire (1987), Roquette-Pinto (1962), Bastos (1935).

⁷ A exceção para essa idéia são os pescadores de Tramandaí, pois as fontes demonstram uma ocupação mais antiga, do início do século XIX.

pescadores da Barra do João Pedro e seus reflexos nas áreas de atividade?

As pesquisas com pescadores no litoral norte do Rio Grande do Sul

A história da pesca e suas transformações no campo tecnológico e da exploração dos recursos é um tema ainda não abordado pelos historiadores do Rio Grande do Sul. Os trabalhos realizados até então se preocuparam em analisar as técnicas de pesca e os artefatos utilizados nas atividades. Cotrim e Miguel (2007) representam uma exceção, pois em seu artigo reservam um item apenas para *reconstituição da evolução e diferenciação dos sistemas pesqueiros* no Rio Grande do Sul: “A descrição dos quatro sistemas pesqueiros identificados foi pautada nas características da relação da Sociedade com a Natureza. Os atores sociais, os ciclos econômicos, os instrumentos de pesca utilizados, o formato do sistema técnico de captura e a organização social foram elementos que auxiliaram a formulação dessa divisão” (Cotrim e Miguel, 2007).

Esses quatro sistemas que os autores citam são: sistema pesqueiro dos indígenas pescadores e coletores, onde foram indicados e citados alguns autores de grande relevância no meio arqueológico⁸; o sistema pesqueiro da época do tropeirismo; o sistema pesqueiro da vila de pescadores (século XX); e finalmente, o sistema de pesca contemporâneo. Com exceção desta tentativa de buscar um “histórico” da pesca, não se tem nada mais consistente na literatura.

Estudos recentes sobre atividades pesqueiras no Rio Grande do Sul como Garcez e Sánchez-Botero (2005) caminham na caracterização social e estatística dos grupos de pescadores. A maioria destas pesquisas são vinculadas a instituições governamentais, como a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RS, que contratou esses pesquisadores para o programa RS Rural

⁸ André Prous (1992) e Arno Kern (1991).

Pesca Artesanal. Dos trabalhos mais recentes sobre o litoral do Rio Grande do Sul, destaque para Cotrim e Miguel (2007), já referido anteriormente, que através de sistemas agrários tentam compreender como a pesca artesanal em Tramandaí se desenvolve.

Etnoarqueologia e áreas de atividades

Nos últimos 60 anos, os arqueólogos passaram a utilizar com maior frequência os dados etnográficos para a formulação de hipóteses e modelos arqueológicos (Kent, 1984). A origem destes dados, ou a coleta dos mesmos, caracteriza-se por um método arqueológico empregado pelo etnoarqueólogo. Dentro de diversas definições conceituais, destaca-se, para esta pesquisa, a de Silva (2009), que caracteriza a etnoarqueologia como um trabalho com sociedades contemporâneas, buscando dados etnográficos para responder problemas de interesse arqueológico. Kent (1987) destaca a importância da etnoarqueologia para resgatar a dinâmica da criação do registro arqueológico, afirmando que a pesquisa etnoarqueológica deve compreender as estruturas internas dos sítios arqueológicos, ou das áreas que estão sendo estudadas, pois estas estruturas podem informar como a sociedade se organiza.

Dentro da história da etnoarqueologia, destaca-se a proposta de periodização de David e Kramer (2001), que consiste em três etapas distintas: O período inicial, 1956-1967; a nova etnoarqueologia 1968-1981; e o período recente 1982-1998, sendo que este se divide em recente "1" 1982-1989 e recente "2" 1990-1998. Dentro dessa periodização proposta, é possível desenvolver uma boa reflexão sobre as mudanças que ocorreram na etnoarqueologia durante as últimas décadas. Para esta pesquisa, destaca-se o período da nova etnoarqueologia (1968-1981), sendo este caracterizado pelas relações entre homem, meio ambiente, artefatos e comportamento. Pode-se destacar diversos trabalhos de relevância que foram produzidos nesta perspectiva teórica, tais

como: Binford (1967, 1978a e 1983), Gould (1978, 1980), Kent (1984 e 1987), entre outros.

Segundo Kent: "O uso do espaço é parte integral do dia-dia do ser humano. Todos os dias, tomamos decisões conscientes sobre os locais em que uma gama diversificada de atividades serão realizadas. Tais decisões são baseadas em uma padronização espacial que é aprendida na infância, através da socialização (Kent, 1984)". As áreas de atividades, consistem, segundo Kent (1984), em um lócus no qual um evento humano ocorreu, podendo ser ele dos mais variados tipos, descarte, armazenagem, processamento de alimentos, etc. Através do conteúdo e da padronização espacial dos artefatos, pode-se inferir que tipo de área de atividade se está estudando e como se constituiu ao longo do tempo.

Sendo assim, através de metodologias arqueológicas e etnográficas, o objetivo geral do estudo é compreender quais são as áreas de atividades relacionadas ao modo de vida destes pescadores, e como se formam esses registros etnoarqueológicos.

O trabalho etnoarqueológico na Barra do João Pedro

A pesquisa deteve-se basicamente em dois espaços, o acampamento de pesca e o galpão dos pescadores. Ambos apresentaram uma grande concentração de áreas de atividades, demonstrando que são espaços de intensa atuação dos pescadores. O acampamento de pesca, segundo os pescadores, é um local escolhido para fazer as pescarias de inverno, pois com a diminuição do pescado durante essa estação, é necessário buscar locais mais afastados, onde a abundância de peixe é maior. Para tanto, os pescadores construíram um pequeno barraco⁹ para permanecer mais tempo nessa localidade, que fica aproximadamente 11 km da comunidade e só pode ser acessado de barco. Já o galpão de pesca, localiza-se junto à comunidade de pescadores, sendo este o local de

⁹ Expressão utilizada pelos pescadores

processamento do pescado, armazenagem de utensílios e de comercialização do pescado.

A coleta de dados pode ser dividida em duas etapas: uma caracterizada pela observação participante, sendo ela fundamental para identificação de áreas de atividades e sobre a formação destas; e uma segunda etapa caracterizada pelo desenho das áreas de atividades e registro fotográfico, a fim de compreender a distribuição espacial dos artefatos.

Seguindo o modelo etnoarqueológico aplicado por Binford (1967, 1978 e 1983), Gould (1978, 1980), Kent (1984), entre outros, a primeira etapa, caracterizada anteriormente como observação participante, consistiu em identificar as principais áreas de atividades e a sua formação. Para isso, foi necessário permanecer junto aos pescadores e dedicar-se para observar suas atividades diárias, mais especificamente às atividades ligadas a pesca. O diário de campo e a máquina fotográfica foram fundamentais para registrar as ações dos pescadores nos mais diversos espaços, principalmente os comportamentos que criavam as diferentes áreas de atividades.

A segunda etapa, referida anteriormente, consiste no desenho técnico de todas as áreas de atividades observadas nos diferentes espaços. Utilizou-se a técnica convencional de desenho de superfícies, que se configura em: uma orientação para o norte, uma escala – geralmente 1:10, podendo ser 1:20 -, e as medidas de todos os objetos que se encontram na área de atividade.

As áreas de atividades no barraco e no galpão de pesca

O barraco, como visto anteriormente, localiza-se afastado da comunidade, caracterizando-se como um local de pesca e pernoite sazonal, utilizado no inverno, época em que o peixe diminui consideravelmente na região. A estrutura montada pelos

pescadores é recente, segundo seu Inácio¹⁰, até o ano de 2006 acampava-se com barracas de lona no local, após o ano referido começaram a construção dessa estrutura fixa. Outro aspecto muito importante do barraco é a sua longa ocupação, pois segundo o seu Inácio, o seu pai já utilizava este local como um ponto de pesca e pernoite no inverno a no mínimo 50 anos, portanto trata-se de uma localidade de grande importância para os pescadores (FIGURA 01).

As áreas de atividades encontradas e registradas no barraco são diversas, destacando-se as áreas de cocção de alimentos, que são muito presentes no local e são representadas por fogueiras, restos de alimento e artefatos para esta atividade (observar os números: 9, 11, 22, 24, 25, 26). As áreas de descarte, onde encontram-se objetos sem utilização, pois segundo os pescadores, não possuem mais função para eles (FIGURA 02).

O galpão de pesca (FIGURA 03) é uma estrutura montada para o processamento do peixe e armazenagem de materiais de pesca. Localizado junto à casa dos pescadores, esta estrutura mostra-se muito importante para a manutenção das práticas de pesca desses pescadores. Entendendo estas práticas como o conjunto de atividades relacionadas com a pesca, que são das mais variadas formas, tais como: limpeza do peixe, confecção de redes, marcação de pesqueiros, manutenção de barcos, etc.

As áreas de atividades mais encontradas dentro do galpão de pesca foram as de processamento do peixe (FIGURA 04) e armazenamento de artefatos de pesca (redes, anzóis, motores de popa). A primeira caracterizada por restos de escamas de peixe e artefatos como facas, pedras de afiar, etc. A segunda é caracterizada pela presença de diversos materiais de pesca, como redes, anzóis, motores de popa, baterias, etc. Os objetos 2, 4 e 7 caracterizam a área de processamento do peixe, ou como os

¹⁰ Um dos principais informantes que tenho na comunidade de pescadores.

próprios pescadores denominam “limpeza do peixe”¹¹. Já os objetos 3, 5, 6 estão ligados a áreas de armazenamento que ficam próximas.

Resultados parciais

O barraco e o galpão de pesca são espaços que possuem grande concentração de áreas de atividades, portanto são locais de grande importância para estes pescadores. Pode-se verificar isso tanto através dos vestígios materiais quanto da observação etnográfica. O tempo de permanência em campo possibilitou a união destes dois dados, portanto, como visto anteriormente, trata-se de uma abordagem etnoarqueológica.

As observações feitas no barraco, juntamente com os vestígios materiais, indicam uma permanência sazonal ligada à época de diminuição do pescado (inverno), conseqüentemente, o barraco foi concebido para a permanência dos pescadores neste local por mais tempo, evitando o desgaste da longa viagem diária até suas casas. Outra conclusão importante que se pode chegar é que o peixe não é processado no local, pois nas observações e nos registros materiais, não foram encontradas evidências disso. Portanto, o barraco caracteriza-se como um local de abrigo, um acampamento sazonal de pesca.

Já no galpão de pesca, pode-se notar que sua utilização é intensa o ano todo e que existe certa organização espacial das atividades, no entanto ela não é rígida, pois como pode observar-se pelo croqui acima, existem artefatos característicos da área de armazenagem dentro da área de processamento do peixe. Outro aspecto importante é a dinâmica das áreas de atividades dentro do galpão, na medida em que se faziam os croquis, os pescadores davam continuidade as suas atividades, modificando os artefatos de lugar, o que indica também uma utilização intensa ao longo do dia.

¹¹ Alguns autores da antropologia da pesca utilizam o termo “eviscerar” para indicar a limpeza do peixe.

Sendo assim, as áreas de atividade encontradas tanto no barraco quanto no galpão de pesca são reflexos das práticas de pesca desses pescadores diariamente. Deste modo, é necessário observar a rotina dos pescadores, suas atividades e os reflexos destas na organização espacial dos objetos.

Figuras



Figura 01

Fotografia da entrada do barraco (*foto do autor*)

Figura 02 (*pág. seguinte*)

Croqui do barraco (acampamento de pesca)

ACAMPAMENTO DE PESCA

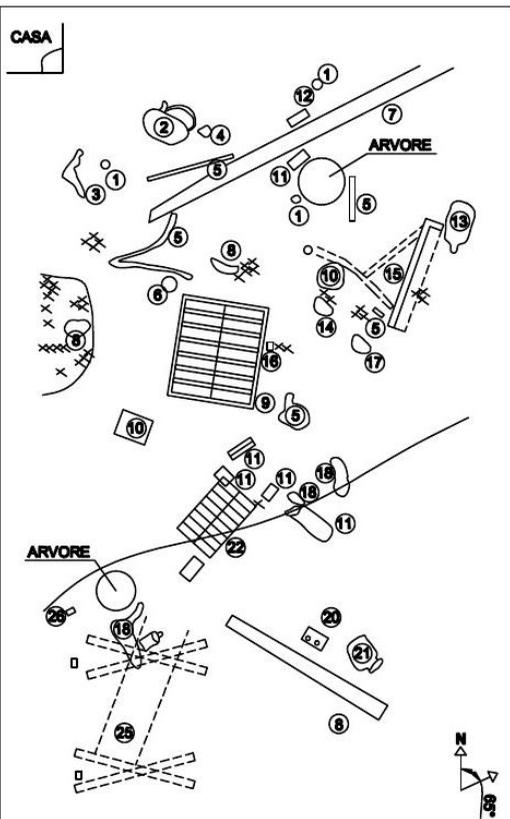
FACE SUDESTE

1:20

23/02/11

LEGENDA

- ① TAMPA GARRAFA PET
- ② CHALEIRA
- ③ FITA PLÁSTICA
- ④ PEDAÇO DE PLÁSTICO
- ⑤ PEDAÇO DE FERRO
- ⑥ TAMPACHALEIRA
- ⑦ TAQUARA
- ⑧ ALUMÍNIO
- ⑨ GRADE FERRO
- ⑩ PEDAÇO MADEIRA
- ⑪ COSTELA
- ⑫ METAL - TRANCA DE PORTA
- ⑬ GARRAFA PLÁSTICO
- ⑭ EMBALAGEM PLÁSTICA
- ⑮ PEDAÇO CAMA DE CAMPANHA
- ⑯ BITUCA CIGARRO
- ⑰ FUNDO GARRAFA PLÁSTICO
- ⑱ SACOLA PLÁSTICA
- ⑲ CANO METAL
- ⑳ CANECA QUEBRADA (nescafé)
- ㉑ POTE VIDRO
- ㉒ GRELHA QUEBRADA
- ㉓ PEDAÇO MADEIRA
- ㉔ LATA DE ÓLEO
- ㉕ ESTRUTURA METAL (CHURRASQUEIRA)
- ㉖ ESPETO



20 cm



Figura 03

Fotografia externa do galpão de pesca (*foto do autor*)

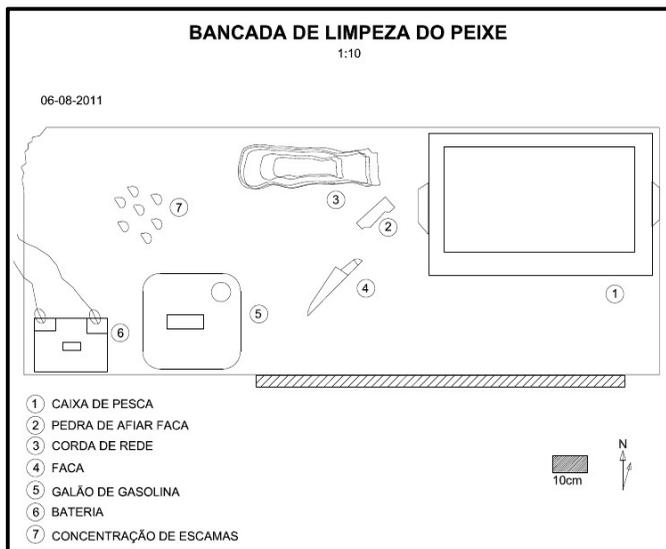


Figura 04

Bancada de limpeza do peixe, secção do croqui interno.

Bibliografia

- BINFORD, L. R. *Nunamiut Ethnoarchaeology*. Academic Press, New York. 1978a.
- BINFORD, L. R. *Em busca do passado: a descodificação do registro arqueológico*. Europa-América, Mira-Sintra. 1983.
- COTRIM, D. S; MIGUEL, L. A. *Uso do Enfoque Sistemico na Pesca Artesanal em Tramandaí – RS*. *Eisforia*, 5(2), 136-160. 2007.
- DAVID, N; KRAMER, C. *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge Press, New York. 2001.
- DREYS, N. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Secretaria de Educação e Cultura Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre. 1839 [1961].
- GARCEZ, D. S; SÁNCHEZ-BOTERO, J. I. *Comunidades de Pescadores Artesanais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil*. *Atlântica*, 1(27), 17-29. 2005.
- GOULD, R (org.). *Explorations in Ethnoarchaeology*. School of American Research, Santa Fe. 1978.
- GOULD, R. *Living Archaeology*. Cambridge University Press, New York. 1980.
- IHERING, H. V. *A Lagoa dos Patos*. *Organon*, n. 14, 101-142. 1885 [1970].
- ISABELLE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Museu Júlio de Castilhos. Porto Alegre. 1835 [1946].
- KENT, S. *Analyzing activity areas: An ethnoarchaeological study of the use of space*. University of New Mexico Press, Albuquerque. 1984.
- KENT, S. (org.) *Understanding the Use of Space: An Ethnoarchaeological Approach*. In: *Method and Theory For Activity Area Research*. pp. 1-52, Columbia University, New York. 1987.
- MOURÃO, F. *Pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo*. FFLCH/USP São Paulo. 1971.

- ROQUETTE-PINTO, E. Relatório de excursão ao litoral e à região das lagoas do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre. 1906.
- SAINT HILAIRE, A. Viagem ao Rio Grande do Sul. Martins Livreiro. Porto Alegre. 1887[1987].
- SILVA, C. N. Territorialidades e modo de vida de pescadores do rio Ituquara, Breves-PA. Dissertação de Mestrado em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. 2006.
- SILVA, F. Etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. Boletim do Museu Emílio Goeldi, 4(1), 27-37. 2009.
- SCHOSSLER, J. C. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950). Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS. 2010.
- WAGNER, G. P. Sambaquis da barreira da Itapeva uma perspectiva geoarqueológica. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS. 2009.

Recebido em: 24/08/2011

Aprovado em: 21/10/2011

Publicado em: 06/12/2011

Cultura material e iconografia: um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias¹

Camilla Miranda Martins²

RESUMO: O olhar contemporâneo que lançamos sobre a Antiguidade Clássica é fruto do diálogo entre a história, a arqueologia e os estudos visuais. Desenvolvemos esse diálogo a partir da necessidade multidisciplinar surgida de nosso desejo de estudar as figurações da cerâmica panatenaica. Nesse sentido, nossa pesquisa tem por objetivo realizar uma história com imagens iconográficas e, portanto, imagens arqueológicas. Analisamos vasos gregos advindos das competições atenienses, o Festival das Panateneias, e nosso objetivo principal neste artigo é de interpretar seus esquemas figurativos de forma conjunta.

PALAVRAS-CHAVE: *História Antiga, iconografia grega, festival das panateneias.*

ABSTRACT: The contemporary look that launched on Classical Antiquity is the result of the dialogue between history, archeology and visual studies. We develop this dialogue from the need multidisciplinary arose from our desire to study the pottery panatenaica figurations. In this sense, our research aims to make a story with iconographic images and therefore archaeological images. We analyze Greek vases Athenians arising from competition, the Festival of Panateneias, and our main goal in this article is to interpret his figurative schemes jointly.

KEY-WORDS: *Ancient History, Greek iconography, the festival panateneias.*

¹ Este artigo é fruto de nossa monografia, a qual, por sua vez, é produto de três anos de pesquisa como bolsista PIBIC/CNPq; sem o incentivo do CNPq, concedido em forma de bolsa, este estudo não teria a multiplicidade de informações e de conhecimento que apresenta. Além do CNPq, a orientação sempre exímia da Professora Doutora Renata Senna Garraffoni foi essencial em minha iniciação científica e desenvolvimento como bacharel em História. Por isso, realizo um sincero agradecimento a tal instituição e, principalmente, à minha orientadora, sempre atenta e paciente com as minhas dificuldades. E pela ajuda realizada no envio de novos materiais para a leitura, agradeço também o Professor Doutor Fábio Vergara Cerqueira (UFPEL), a Professora Doutora Maria Regina Candido (UERJ) e o Professor José Geraldo Costa Grillo (UNIFESP).

² Bolsa CAPES, Mestranda de História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil.
Orientadora: Professora Doutora Renata Senna Garraffoni

Introdução

Este artigo é resultado de nossa monografia, a qual se constitui por nossa experiência de bolsista PIBIC/CNPq, nele pretendemos discutir três pontos principais abordados na ocasião: (1) a conexão entre arte, arqueologia e história; (2) as especificidades das ânforas panatenaicas; e (3) a dinâmica cultural, religiosa, social e política que ocorre imagetivamente entre a deusa Atena e os competidores dos jogos panatenaicos.

No primeiro ponto desejamos explanar sobre a religiosidade grega e acerca da importância de contextualizar o olhar e da relevância da interdisciplinaridade em nosso estudo, pois é a partir do diálogo entre a história, a arqueologia e os estudos visuais que podemos pensar a iconografia panatenaica no seu conjunto histórico, tanto pelo seu viés artístico como cultural, religioso, social e político. Depois, desenvolvemos estudos específicos sobre a iconografia dos festivais bem como a sua ornamentação. E, então, buscamos uma interpretação histórica a fim de entender as relações expressas nos vasos entre religiosidade, nudez, cidadania e esportes, realizando uma leitura do que pensamos ter sido a sociedade grega no contexto do Festival das Panateneias.

Este texto possui a seguinte estrutura: primeiro realizamos uma discussão teórica e metodológica em torno dos estudos sobre a religiosidade grega e a arte, mais especificamente a iconografia. Depois, apresentamos os vasos panatenaicos e explanamos sobre a sua ornamentação. E, por fim, desenvolvemos a nossa leitura sobre seus temas de pintura.

Abordagens sobre o mundo grego, a história, a arqueologia e os estudos visuais

Neste tópico o nosso intuito será de realizar uma revisão bibliográfica de três pontos essenciais na construção de nosso

conhecimento histórico sobre as fontes. Como são três eixos, optamos por dividir a argumentação dentro dessas três temáticas. Na primeira, trataremos do assunto religiosidade na Grécia antiga. Na segunda parte, perceberemos como imagem e cultura material se relacionam com a disciplina histórica, sendo que as especificidades das abordagens a respeito da iconografia grega se encontrarão no terceiro subtópico.

Religiosidade

De acordo com Pedro Paulo Funari (2009), grande parte da religiosidade grega conhecida foi a desenvolvida na *polis* e nos jogos olímpicos, a partir de 776 a.C., os quais marcaram presença como base cultural dos helenos. Acerca da religião cívica, Jean-Pierre Vernant (1992) explica que até o período arcaico a esfera do sagrado, no que diz respeito ao seu espaço físico na vida das pessoas, encontrava-se em ambientes privados como os altares domésticos. Contudo, com o desenvolvimento das cidades edificou-se o templo, onde o deus residia por meio de sua estátua; o templo era (diferentemente dos altares domésticos) público e comum a todos os cidadãos.

Tal aproximação do religioso com o social, entende Vernant (2001), possuía duas consequências: a primeira é que o indivíduo não tinha posição central no culto, participava dele como representante do seu estatuto social – *phrátriai* da qual era membro; a segunda é que tal relação religioso-social acabava por aproximar também religioso e político, pois as atividades da *ágora* (assembleia) organizavam-se de acordo com as festas.

Pensando no caso específico da religiosidade cívica de Atenas, os festivais seriam ritos, ou seja, tornavam vivo o sentimento religioso. As festas atenienses ocupavam cerca de um terço do ano civil. Neste artigo estudaremos o Festival das Panateneias.

Para Jenifer Neils e Steven Tracy, a constituição pela qual se conhece a festa panatenaica no período clássico (jogos, procissão, sacrifício e banquete) é, provavelmente, derivada de vários elementos e significados que, ao longo do período arcaico, se modificaram. Segundo esses estudiosos a data tradicionalmente verificada para o festival enquanto celebração cívica é de aproximadamente 560/566 a.C. (quando ocorreu sua reorganização), contudo, a festa certamente é mais antiga, em especial a procissão, o sacrifício e o banquete - século VIII a.C. (Neils; Tracy, 2008, p.5).

Focaremos neste texto no estudo dos jogos ou competições, disputas de caráter agonístico, que podiam ser artísticos (de música, dança), de ginástica e atléticos. Neils e Tracy explicam serem os atletas geralmente advindos de grupos mais aristocráticos, em especial nas atividades equestres. E os prêmios eram valiosos, no caso do Festival das Panateneias, de acordo com esses estudiosos, os músicos recebiam coroas de ouro e prata e os atletas, azeite de oliva em ânforas especiais (Neils; Tracy, 2008, p.29).

Poderíamos dar o exemplo das diversas outras festas religiosas e cívicas do mundo grego, as fontes para estudá-las são múltiplas, desde documentos escritos até a cultura material de forma geral, vasos, esculturas, construções, relevos e outros. Mesmo para a pesquisa sobre a comemoração das Panateneias há vários documentos: *A Constituição de Atenas* escrita por Aristóteles, os frisos no *P Partenon*, as ânforas com o azeite e muitos outros.

Como o nosso objetivo é trabalhar com os artefatos arqueológicos da celebração panatenaica, mais especificamente com a sua iconografia em vasos, escolhemos as ânforas como fonte, principalmente por serem ricas em figurações, o que nos permite um diálogo entre a História, a Arqueologia e os Estudos Visuais.

Fonte e abordagens

A cultura material é um dos vestígios mais antigos da vida humana, nesse sentido, como afirma Gilberto da Silva Francisco (2007), subestimar a sua relevância é subestimar grande parte da experiência humana. Francisco explica que os artefatos arqueológicos nos permitem um estudo mais profundo sobre a população em geral, seu cotidiano, uma vez que a maioria das pessoas relaciona-se com a cultura material em algum nível de suas vidas (ao comer, se vestir, fazer construções e outros).

Os artefatos com imagens inserem-se nesse amplo campo de vestígios da vida humana e as imagens vasculares, em específico, possuem grande potencial de comunicação; pois os vasos podiam ser manuseados, observados de perto e de todos os ângulos pelas pessoas envolvidas na sua recepção e difusão. Por isso, podiam estar e ser observados em qualquer lugar seja público ou privado, em Atenas ou fora dela, atingindo, portanto, um maior alcance.

Tratando das imagens em geral, em 1980, segundo Paulo Knauss (2006), o estudo da cultura se tornou central para as ciências humanas e conduziu a uma revisão do estatuto do social. Nesse contexto, o lado subjetivo das relações sociais ganhou espaço e consolidou uma tendência que passou a sublinhar como a cultura — o sistema de representações — instigava as forças sociais de um modo geral, não sendo mero reflexo de movimentos da política ou da economia. A virada cultural destacou os vínculos entre conhecimento e poder, o que serve, igualmente, para demarcar o estudo das imagens. A cultura visual seria, portanto, um desdobramento de um movimento geral de interrogação também sobre a cultura em termos abrangentes.

Entretanto, explica Knauss (2006), foi em 1990 que o campo da História da Arte começou a valorizar, com a institucionalização dos estudos visuais, a necessidade de interdisciplinaridade na área. Segundo o autor, junto com essa valorização também ocorreu a emergência do conceito de cultura visual, o qual possui duas

perspectivas: uma que a define como o contexto da cultura contemporânea recente e outra que a considera ponto de partida para pensar diferentes experiências visuais ao longo da história, em diversos espaços e tempos.

Interessa-nos para estudo a segunda perspectiva, pois ela implica em um modo de análise que abre o campo para interpretações históricas e culturais. Nessa perspectiva, conforme Knauss: “importa, sobretudo, não tomar a visão como dado natural e questionar a universalidade da experiência visual. Trata-se de abandonar a centralidade da categoria de visão e admitir a especificidade cultural da visualidade para caracterizar transformações históricas da visualidade e contextualizar a visão.” (Knauss, 2006, p. 107).

Já no caso da iconografia panatenaica, entendemos que ela pertence ao imaginário social grego; ela expressa o olhar grego, sua visão de mundo, ela faz parte da cultura visual grega. No subtópico seguinte procuramos dialogar essa nossa discussão sobre os Estudos Visuais, feita a partir de Knauss, com a ideia de artefato figurado que se tem na Arqueologia.

Iconografia grega

A pesquisa da iconografia, segundo Fábio Vergara Cerqueira (2000), é fundamental porque a imagem não é apenas uma categoria de figuração artística, mas o principal meio de comunicação. Para Cerqueira (2007), o iconográfico está entre o arqueológico e o artístico. Em outras palavras, a cultura material portadora de imagens possui uma especificidade em relação aos demais objetos arqueológicos, é um documento figurado com o seu modo próprio de expressar.

Na antiguidade, de acordo com Martin Robertson e Mary Beard nunca houve uma distinção verbal entre arte e artesanato; conforme os autores, na história da arte grega, antes dos estudos do arqueólogo John Beazley (iniciados em 1908), um vaso decorado

***Cultura material e iconografia:
um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias***

com caráter utilitário não poderia ser considerado arte (Robertson; Beard, 1997, p. 2-3). Para esses dois autores, Beazley apresenta o lado artístico do ofício por meio de indivíduos, pintores, cujos estilos influenciam outros. Tal pesquisador fez isso ao realizar a seriação por pintores, ou seja, distinguiu (segundo razões estilísticas) os pintores de cada cerâmica. Dessa forma, de acordo com Robertson e Beard, o estudo de Beazley teve grande importância para a história da arte grega (Robertson; Beard, 1997, p. 4-9).

Assim, a iconografia até a contribuição de Beazley não era considerada arte. Contudo, nos parece que sua redefinição para artística nos mostra um contexto no qual a própria história da arte tinha um conceito menos abrangente de imagem. Hoje, a interdisciplinaridade da história da arte com outras áreas de estudo, como a arqueologia, evidencia como a iconografia faz parte da cultura visual grega e para analisá-la é necessário interpretar não apenas um significado único, mas buscar entender as relações humanas que a envolvem.

Em linhas gerais, as imagens iconográficas não falam por si mesmas, para analisá-las é preciso aprender bastante sobre a cultura as quais pertencem e seus padrões de comunicação. Além disso, para dar um sentido a elas é necessário fazer conexões adequadas delas com as nossas próprias experiências, valores e crenças. Porque, como explicam Robertson e Beard, os significados que lhes damos dependem de nossos próprios sistemas de significação visual. Segundo os autores, usamos o conhecimento adquirido com nossos próprios modos de ver a fim de compreender as complexidades - algumas semelhantes, outras diferentes - no material antigo (Robertson; Beard, 1997, p. 18).

A seguir, explanamos sobre o conteúdo das ânforas (inscrições e personagens envolvidas), seu contexto histórico e sua materialidade (características do suporte e o contexto arqueológico).

As ânforas panatenaicas

Dividimos este item em duas partes, ambas tratam dos vasos panatenaicos. Na primeira explanamos sobre as ânforas e discutimos sobre seu contexto próprio de produção. E, na segunda parte, abordamos acerca da estrutura e ornamentação presente na cerâmica.

Nossas fontes

Na Grécia, segundo José Geraldo Costa Grillo e Pedro Paulo Funari, os vasos áticos surgiram por volta de 635 a.C e foram pintados em duas técnicas: a de figuras negras (até cerca de 500 a.C.), cujo vaso é mantido na cor da argila enquanto as imagens são pintadas com verniz negro; e a de figuras vermelhas (a partir de aproximadamente 530 a.C.), que cobre o vaso inteiro com verniz negro e preserva as figurações na cor da argila (Grillo; Funari, 2010, p. 55).

As ânforas panatenaicas são uma exceção de produção ceramista com figuras negras que não deixou de ser feita mesmo depois de a técnica com figuras vermelhas estar no seu auge. De acordo com Francisco (2007), esse tipo de vaso, produzido com número definido para cada Festival Panatenaico, é encontrado atualmente em diversos lugares como a Crimeia, a Etrúria, a Cirenaica e a Síria, e é referenciado em vários outros suportes ao longo do tempo: esculturas, mosaicos, relevos, pinturas, por exemplo.

Esses vasos eram produzidos para premiar os vencedores das competições esportivas do Festival das Panateneias. O fragmento de cerâmica mais antigo já encontrado é de 560 a.C. e o mais recente de 100 a.C. Além das competições esportivas, também se produzia ânforas do mesmo padrão para os concursos musicais.

Os primeiros exemplares não registravam um esquema rígido (do ponto de vista físico e ornamental), porém em meados do

**Cultura material e iconografia:
um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias**

século VI a.C., consolidou-se o esquema ornamental composto por dois painéis figurativos, um (o qual denominaremos de face A) constituído com cenas das diferentes provas esportivas e outro (que chamaremos de face B) com a imagem de Atena *Promachos*.

Os vasos são de terracota e possuem entre 60 e 70 centímetros de altura e vinham repletos de azeite das oliveiras sagradas de Atenas, cada um variava com capacidade de cerca de 39 litros de azeite. São caracterizados pela inscrição *των Αθηνεθεν αθλον* (pode ser encontrada com variações estilísticas, gramaticais e dialetais) e que significa: *Um prêmio de Atenas, Um dos prêmios de Atenas, Um prêmio dos jogos de Atenas* ou *Dos jogos de Atenas*. Essas variações ocorrem porque o termo *αθλον* pode significar, já na antiguidade, prêmio, competição ou espaço de combate da competição. Além dessa inscrição, nos vasos do período clássico são comuns as inscrições referentes ao arconte do ano.

Abaixo apresentamos mais detalhadamente a ornamentação da cerâmica panatenaica. Consideramos importante o próximo subitem a fim de compreender que o suporte não é apenas onde estão as figurações, uma vez que ele atua junto com elas - pois a materialidade do objeto delinea tanto o espaço de figuração como o relacionamento das pessoas com ela.

Ânforas panatenaicas: ornamentação

Sobre vasos gregos, segundo Francisco (2007), “de início, notam-se dois tipos peculiares de organização das imagens: a faixa, que propiciava com maior viabilidade um desenvolvimento mais longo, ou repetitivo da temática; e o painel caracterizado preponderantemente por um maior espaço figurativo em área, menor em extensão horizontal para a organização da cena.” (Francisco, 2007, p. 185-186).

Nos vasos, explica esse autor (2007), as regiões inferiores em relação à altura e largas em diâmetros (como pescoços de certas crateras, ou ombros de algumas ânforas), são bons espaços para a

figuração em faixas, enquanto a região do bojo é ideal para a figuração em esquema painel. Sendo que na busca de espaços viáveis para as imagens, optou-se pela oposição entre faces, o que não significa oposição temática, demarcadas pelas alça.

Sobre essas formas na cerâmica panatenaica, Francisco (2007) explana que entre os períodos arcaico e helenístico suas mudanças foram significativas. A ânfora do período arcaico tinha corpo, pescoço e boca numa só peça, alças e pé confeccionados separadamente; já a do período helenístico possuía corpo e pescoço em uma peça, enquanto alças, boca e pé eram produzidos separadamente. Contudo, mesmo com essas mudanças, algumas permanências foram marcantes, por exemplo: o bojo largo, o gargalo estreito, alças robustas – essas três características eram típicas de vasos de transporte, comuns no mediterrâneo antigo.

Esse estudioso ainda evidencia que a ornamentação seguia uma estrutura geral: tampa, boca, alças e pedestal do vaso eram pintadas com verniz negro. Na área do pescoço tinha duas faixas ornamentais, uma mais grossa acima e outra mais fina abaixo; entre a mudança da curvatura na parte alta e o estreitamento da conicidade havia os painéis figurativos (um em cada face, sendo que as alças delimitavam lateralmente esses painéis, separando-os); e acima do pedestal também se encontrava outra faixa ornamental.

Para John Boardman (1995) a decoração padrão das ânforas acontece a partir do pintor Euphiletos, em 530 a.C., e, provavelmente, tenha sido estabelecida por algum juiz a fim de melhor identificá-las. Contudo, ela foi sofrendo pequenas alterações no decorrer dos séculos. No Período Clássico, por exemplo, a pose da deusa continuava tradicional, mas seu vestido foi modernizado. Já no final do IV século a.C. surgem na coluna da direita as inscrições do arconte do ano e as próprias colunas são pintadas mais finas, mostrando o que Boardman chama de arquitetura impossível. Em algum momento entre 359 e 348 a.C. Atena se vira para a direita, seu escudo levantado passa a ser visto obliquamente a partir de dentro e os atletas representam fielmente as novas proporções e

***Cultura material e iconografia:
um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias***

poses esculturais do século IV. Também, nesse mesmo período, o autor explica que a ânfora fica mais feminina por causa das mudanças em suas formas, como já notamos com Francisco.

Patrícia Marx (2003), realizando essa mesma leitura das continuidades e discontinuidades da ornamentação panatenaica, conclui que a deusa Atena nas primeiras ânforas é um composto de frente, trás e lateral, na qual todos os seus aspectos são representados. A autora nos explica que Atena tem seu rosto, pernas e braços em vista lateral, o tronco dos ombros até a cintura em vista de trás e um olhar frontal. Todos os aspectos (frente, costas e laterais) da deusa são, portanto, mostrados de uma só vez, transmitindo-nos uma imagem de eternidade e imutabilidade como as dos faraós egípcios, mas de uma forma mais natural ao olho grego arcaico.

Em resumo, para Marx o objetivo desse tratamento conceitual da figura humana da deusa foi político e religioso: a criação de autoridade, por meio do exemplo das imagens divinas dos faraós. Por fim, para Marx tal imagem gloriosa da deusa nas primeiras cerâmicas do Festival revela a criação de uma cidade, Atenas, com as mesmas características; e a sua grande difusão por meio do amplo reconhecimento dos jogos realiza uma boa “publicidade” (Marx, 2003, p. 22-25).

A leitura de Marx (2003), diferentemente da de Boardman (1995, 1ª. edição de 1974), procura interpretar o que a cerâmica panatenaica quer nos dizer sobre a sociedade ateniense. A autora não abandona a análise estilística da iconografia, porém não permanece somente nela, como faz Boardman, Marx vai além, questionando a composição visual de Atena nos vasos mais antigos e indagando sobre a influência egípcia na pintura. O máximo que Boardman escreve sobre o papel da figuração na sociedade diz respeito aos jogos, para o autor a imagem de Atena com o escudo e a lança levantados, caminhando para frente, mas não ativamente contra um inimigo, representa uma imagem de culto que poderia ter sido instalada na Acrópole e teria desempenhado algum papel

nos jogos. O estudioso apenas cita essa hipótese, não a desenvolve porque não faz parte de sua metodologia no momento de produção do texto *Athenian Black Figure Vases* (1ª. edição de 1974).

Em nosso trabalho, a descrição também é importante, mas, além disso, buscamos uma interpretação histórica que pretende entender as relações, expressas nos vasos, entre religiosidade, nudez, cidadania e esportes, realizando uma leitura do que pensamos ter sido a sociedade grega no contexto do Festival das Panateneias.

Competições panatenaicas religiosidade, esporte, nudez e cidadania

Este tópico segue dividido em duas partes. Na primeira realizamos uma revisão bibliográfica sobre como os atletas nus são interpretados na historiografia. Na segunda parte explanamos sobre a nossa análise das ânforas panatenaicas, um estudo no qual buscamos entender as relações temáticas entre os painéis figurativos dos vasos.

Esporte, Nudez e Cidadania

O homem nu, competindo, é um tema recorrente nos vasos gregos e as ânforas panatenaicas também o possui. Além disso, a assunto da nudez é sempre explorado quando se trata de antiguidade na Grécia, pois, no campo da História, a nudez é um dos aspectos que caracteriza o cidadão em vasos gregos, os quais são sempre centrados na figura humana ou a de um deus com forma humana. Por haver essa relação entre a imagem do homem nu com a sua condição de cidadão, os pesquisadores quase sempre realizam uma abordagem política da nudez, como se fosse um traço da vida do cidadão na *polis* e/ou como se caracterizasse um dos lados que compõe o homem cidadão: o físico, pois tal homem deveria ser

***Cultura material e iconografia:
um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias***

saudável tanto de mente como de corpo e, portanto, a educação física constituía a *paideia* helênica.

Gilda Naécia Maciel de Barros (1996), por exemplo, analisa principalmente o culto ao corpo evidenciado nos *agones* como um ideal de formação humana. Contudo, explica-nos que essa cultura entra em decadência de forma definida com a democratização dos valores da aristocracia, em especial o atletismo, “quando o esporte se generaliza, deixando de ser distintivo da nobreza” (Barros, 1996, p. 8) e quando perde seu caráter amador e adquire um “rígido profissionalismo”.

A autora (1996) traduz a cultura física como o ideal do valoroso guerreiro, corajoso na batalha e ainda com supremacia absoluta na vitória, sendo um verdadeiro herói grego. Entretanto, o homem ideal (o aristocrata) também precisa fazer com que seu discurso seja ouvido e, nesse sentido, ele não é somente um homem de ação, mas de ação e pensamento – cultivando corpo e espírito. Tal composição entre o físico e a mente, conforme Barros, a partir do século V a.C. mostra-se canalizada para a arena política e com o advento da cidadania começa a ser democratizada e o esporte passa a ser, por um lado, constituinte da educação helena e, por outro, profissionalizado - não somente exercido pela aristocracia por suas condições financeiras, pois os próprios prêmios permitiram isso.

Para Barros, esse contexto possibilita o surgimento de novas modalidades atléticas como o pancrácio, o qual, em suas palavras, possuía concorrentes, “em geral, rudes e incultos, musculosos e brutais, provenientes das regiões mais atrasadas da Grécia.” (Barros, 1996, p. 19). Tal opinião da autora é colocada no texto para evidenciar a decadência do culto ao corpo e nos revela seu juízo de valor ao considerar atrasadas as regiões de onde proveio o pancrácio e brutos e incultos os atletas de tal modalidade esportiva. Dessa forma, segundo a autora, “as alterações no espírito dos *agones*, em especial na luta, marcadas por mudança no nível social,

econômico e cultural dos competidores são associadas à decadência do esporte atlético.” (Barros, 1996, p. 30).

Essa decadência evidenciada por Barros não é abordada por autores como Fábio de Souza Lessa, o qual se preocupa em estudar o contexto em que o esporte constitui a *paideia* helênica. Lessa analisa as relações existentes entre cultura física e política apontando para a democratização dos esportes; já Barros, apesar de também perceber a inserção do culto ao corpo na educação grega, mostra-nos como a ligação desse culto com a política (a democratização) promoveu sua decadência em relação aos moldes aristocráticos.

Lessa afirma que, por requererem tempo livre e certos investimentos, os atletas geralmente eram cidadãos bem nascidos. Porém, esse pesquisador, ao defender a democratização dos esportes em Atenas afirma: com certeza se “democratizou o esporte pelo menos até certo nível, provendo prêmios generosos pela vitória” (Lessa, 2008, p. 63). Assim, Lessa pensa que em algumas modalidades como o atletismo, a corrida, o salto à distância, a luta, o lançamento de dardo, o arremesso de disco, o pugilato, o pentatlo e o pancrácio, haveria um relevante número de cidadãos não necessariamente bem nascidos, e nesse ponto aborda um tema não desenvolvido por Neils e Tracy, os quais, como notamos no primeiro tópico, explicam serem os atletas geralmente advindos de grupos mais aristocráticos.

A democratização das práticas esportivas é defendida por Lessa (2008) por meio de imagens dos atletas e que, segundo o autor, reforçam a perfeição e o equilíbrio das formas geométricas e proporcionam uma representação de corpos ágeis, fortes, com virilidade e jovens. Além disso, praticar atividades físicas era um ideal para todo cidadão, já que a ginástica constituía junto com a gramática, a música e o desenho, a *paideia* helênica. Com esses elementos, Lessa defende a construção de um discurso ideológico e hegemônico do ser cidadão na *polis* e, mais especificamente, na democracia ateniense.

Assim, cidadania, esportes e nudez, são observados por nós com Lessa e Barros, os autores tratam da cultura física, da apreciação por corpos jovens, fortes e belos, e da sua democratização. Contudo, é importante destacar que ambos apontam o caráter religioso da prática desse culto, principalmente nos jogos, porém não o desenvolvem por não serem seus objetivos. Assim, desenvolvem um trabalho de cunho mais político, pois o que mais evidenciam é a formação do cidadão. Entretanto, o elemento religiosidade, observado no primeiro tópico, também é importante para se pensar os jogos, afinal, esses atletas competiam, também, dentro de um contexto religioso que é o Festival das Panateneias. Para nós, o aspecto mais relevante nesse sentido é saber qual o significado religioso da festa panatenaica, porque é pensando nele que conseguiremos relacionar a religiosidade com o esporte, tema figurado na cerâmica dessa celebração.

Neils e Tracy (2008) que estudam os jogos atenienses abordam o tema da religiosidade e explanam sobre as outras atividades da festa. Suas fontes são tanto escritos de Aristóteles sobre o Festival como a iconografia de vasos e as imagens esculpidas no *Partenon*. O significado religioso do festival é colocado pelos autores como uma celebração em honra à Atena *Poliás*, deusa poliade, em virtude da data que se julgava ser seu aniversário. Entretanto, Francisco (2007) levanta três hipóteses para tal significado religioso: na primeira a comemoração estava ligada ao nascimento de Erecteu, na segunda era uma homenagem à Atena e na terceira, celebrava as vitórias da deusa com o tema da gigantomaquia.

A primeira hipótese Francisco (2007) intui o significado da comemoração ligado de alguma forma com a origem mítica da cidade: segundo a mitologia, explica, Hefesto tentou forçar Atena a ter uma relação sexual com ele, mas o seu esperma ficou apenas derramado na perna da deusa, que enjoada limpou-se com lã e jogou o sêmen na terra; disso nasceu Erecteu, filho de Hefesto com a Terra; Atena teria cuidado de Erecteu como se fosse seu filho.

Segundo Apolodoro (século II d.C.), Erecteu depois de expulsar Anfiction se tornou rei de Atenas e na Acrópole mandou construir uma estátua de madeira para Atena instituindo as Panateneias. Na segunda hipótese, a festa é uma homenagem à deusa Atena por ser a deusa agrária, nesse sentido, Erecteu é visto como protetor dela. E na terceira, a comemoração era por causa das vitórias de Atena *Promachos*, indicando o poder e o império de seu povo.

Como notamos com Barros e Lessa, a cultura física valoriza o potencial de vitória que um corpo fisicamente educado e bem desenvolvido, com relação à força e à beleza, possui. Essa mesma qualidade, a vitória, destaca-se em uma das hipóteses de Francisco, a terceira, pois nela observamos a deusa guerreira, a qual vence os gigantes. Vernant enfatiza que “o triunfo do atleta evoca e prolonga a façanha realizada pelos heróis e pelos deuses: eleva o homem ao plano do divino. E as qualidades físicas – juventude, força, velocidade, habilidade, agilidade, beleza – que o vencedor demonstra durante o *agon*, e que se encarnam aos olhos do público em seu corpo nu, são valores eminentemente religiosos.” (Vernant, 2001, p. 304).

Nesse sentido podemos refletir sobre a religiosidade e o esporte, conseqüentemente sobre a nudez e a cidadania (aquela, pois é o que identifica o atleta e essa porque é a condição social necessária para praticar esportes). Ao interpretarmos essa relação estamos pensando o corpo do atleta socialmente, como uma maneira de evidenciar sua cidadania, a nudez seria então o signo de como o esportista se insere na sociedade.

Ainda observando o corpo nu e notando sua relação com a religiosidade e a cidadania, podemos propor uma abordagem distinta da de Barros e Lessa para refletir sobre a cultura física, uma abordagem da história do corpo de desnaturalizar os corpos. De acordo com Denise Bernuzzi de Sant’Anna o corpo é sempre “biocultural”, pois apesar de ser uma evidência que nos acompanha toda a vida, ele é moldável e sujeito a transformações. Essa noção de biocultural, segundo a autora, levanta uma questão geral: “Como

***Cultura material e iconografia:
um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias***

uma dada cultura ou um determinado grupo social criou maneiras de conhecê-lo [o corpo] e controlá-lo?" (Sant'anna, 2000, p. 4). Os corpos humanos estão, portanto, situados historicamente e socialmente, fazem parte de uma cultura – é isso que os torna passíveis de serem analisados pelo historiador de todas as épocas.

Podemos assim refletir sobre o contexto cultural que o corpo atlético nos evidencia: uma cultura física a qual objetiva dentro da democracia ateniense corpos semelhantes, uma vez que a exibição de beleza, força e honra, feita por meio da nudez, aproxima pessoas de um mesmo grupo, os cidadãos, e estabelece uma educação comum. Além disso, a nudez característica dessa cultura nos mostra a masculinidade do homem aristocrático e depois do cidadão por meio do controle corporal, controle proporcionado por uma educação física. Dessa maneira, notamos como uma interpretação do corpo pode nos revelar valores peculiares da cultura helena e evidencia-nos uma perspectiva mais ampla dos jogos, pensando o político, o religioso, o social e o cultural juntos em uma teia de relações.

Ao utilizarmos essas leituras e discussões na interpretação da cerâmica panatenaica, teremos um estudo acerca da temática da iconografia. Afinal, estaremos pensando sobre o que nos mostram as imagens, o que querem dizer e quais as relações entre seus painéis figurativos. Dessa forma, os autores analisados permitirão a reflexão sobre as imagens selecionadas, além de propiciar o desenvolvimento de nossa principal hipótese de trabalho, discutida no subtópico seguinte, e que pensa as possibilidades de relação entre os painéis figurativos dos vasos.

Temas da iconografia panatenaica³

A face B (FIGURAS 1B e 2B) dessas ânforas carrega a inscrição των Αθηνεθεν αθλον, *Dos Jogos de Atenas*, a qual atesta o vaso como advindo das competições atenienses, sendo que a imagem da deusa Atena também evidencia serem jogos de Atenas. E na face A (FIGURAS 1A e 2A) a percepção de homens competindo representa imageticamente os jogos. Já a observação da inscrição estar sempre ao lado de Atena *Promachos* nos permite indagar: por que a inscrição está ao lado da deusa e nunca aparece na face A?

Para refletir acerca disso, a leitura de Vernant proporcionou um impulso inicial, como observamos, conforme o autor, a legitimação da cidade ocorria por meio da proteção que um deus dava a ela. E como sabemos, a deusa protetora de Atenas é Atena, assim, pensamos que tal aproximação, no mesmo painel figurativo, entre deusa e inscrição, apenas confirme isso. Isso pode ser pensado mesmo sendo a representação de Atena *Promachos* e não de Atena *Polias* porque Atena *Promachos* não deixa de conservar a qualidade poliade – considera-se ser a deusa a mesma independente de seus atributos.

Além disso, considerando ser o significado religioso da festa referente às vitórias de Atena, podemos pensar essa aproximação espacial como símbolo do poder de vencer tanto da *polis* como da deusa, uma vez que a imagem é da deusa guerreira e vitoriosa, e ao mesmo tempo protetora da cidade. Ainda podemos considerar que a inscrição confirme a riqueza da cidade caso se associe à tradição aristocrática da concessão de um prêmio ser feita por um possuidor de algo de valor (lembrando ter tal concessão o poder de afirmar o

³ Em nossa monografia analisamos seis ânforas panatenaicas do período entre 566 – 320 a.C. Para este artigo selecionamos duas, uma mais antiga de 525 a.C. e outra mais recente de 320 a.C. São dois vasos cujas fotos e informações estavam completas nos catálogos online dos museus onde estão expostos e que também se encontravam completas no banco de dados online Beazley, especializado em vasos gregos - <http://www.beazley.ox.ac.uk/index.htm>. Os catálogos e banco de dados foram consultados entre 2008 e 2009.

**Cultura material e iconografia:
um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias**

status social do doador). Nesse sentido, no prêmio panatenaico o doador era a *polis* inteira, como demonstra a inscrição: *Dos Jogos de Atenas*. Sinalizando o prestígio de Atenas como um centro cultural, religioso e social da Ática. E com a ampla difusão das ânforas, essa imagem de cidade poderosa e de prestígio teria se expandido.

A interpretação da face B é apenas o início da explicação que construímos sobre as ânforas panatenaicas. Muitos estudos pensam apenas um dos dois painéis figurativos, sem refletir a relação entre eles. Para relacionar as duas faces, as leituras de Lessa e Barros são importantes para se pensar no significado da nudez e sua relação com o poder expresso na deusa. Como percebemos, as competições evidenciavam a força, vitória e honra dos atletas e podemos considerar que as mesmas características estavam na imagem da deusa guerreira, pois ela simbolizava a vitória e o poder.

Considerando serem as cenas agonísticas representantes do exercício físico ideal, pensamos que nas ânforas as imagens de disputas e de figuração de Atena *Promachos* (por seu ideal de força e vitória, características daqueles dos homens livres e iguais – os cidadãos) servem de exemplo a ser seguido aos seus receptores, os próprios atletas ou a quem de alguma forma tiver acesso a elas.

Em resumo, notamos na temática dos vasos panatenaicos como os exercícios atléticos ajudaram na valorização do corpo humano, do corpo do homem. Essa valorização, como percebemos, revela o corpo do cidadão, homem viril e saudável tanto no sentido físico como intelectual. A saúde física é evidenciada pela beleza, jovialidade e força dos músculos, as quais são fruto da educação física que constitui a *paideia* helênica. Desnaturalizar o corpo do esportista é, então, fundamental para pensarmos nele pelo seu viés cultural. Ele é moldado pela educação física dos helenos, é resultado de uma rede de relações entre o político, o religioso, o social e o cultural, entre esportes, nudez, cidadania e religiosidade.

Considerações finais

A cultura material possui evidente importância para o estudo da história humana de modo geral, pois o ser humano a produz desde tempos bastante longínquos. Além disso, ela constitui um rico universo independente dos textos, e nos estudos da iconografia há uma tradição de interpretação das imagens na qual se insere nossa pesquisa: uma abordagem que dialoga com os estudos visuais e com o conceito de cultura visual como instrumento para pensar os distintos modos de ver ao longo da história, em diversos espaços e tempos.

No decorrer de nossos estudos das ânforas panatenaicas, notamos que as pinturas vasculares constituem o imaginário social grego e, pela nossa análise, percebemos como os exercícios atléticos ajudaram na valorização do corpo do homem cidadão, viril, jovem, belo e saudável tanto no sentido físico como intelectual.

De todo o estudado, exposto e interpretado a fim de refletir sobre tais problemas, talvez, a nossa principal contribuição com esse estudo inicial tenha sido a análise conjunta dos painéis figurativos da cerâmica, pois desde o primeiro ano de pesquisa procuramos entender o vaso como um todo, sem olhar somente para um dos lados de figuração como faz a maioria dos autores sobre o tema. Além disso, essa análise foi um passo no sentido de aproximar história antiga e arqueologia do mundo clássico dos estudos visuais e da história da arte, já que buscou entender a cultura material figurada a partir do conceito mais abrangente de cultura visual.

Enfim, com a pesquisa desenvolvida nos últimos anos, podemos concluir que por meio das fontes arqueológicas e imagéticas, como é o caso dos vasos panatenaicos, há diversas possibilidades de olhar o mundo grego antigo. Discutimos religiosidade, cidadania, masculinidade, esportes e nudez, tudo a partir das imagens de Atena *Promachos* e dos atletas nus. O que nos permite afirmar que a cerâmica panatenaica possui toda uma

**Cultura material e iconografia:
um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias**

riqueza de informações a qual nos mostra como os vasos podem ser vistos de variadas formas, dependendo das escolhas e do presente do próprio pesquisador.

Figuras



Figuras 1A e 1B

Ânfora panatenaica pintada por Nikomachos.

Motivo (tema):

A: juiz e lançador de disco

B: Atenas entre duas colunas

Data: 321-320 a.C

Marcas/sinais:

B: ΑΡΧΙΠΠΟΣΑΡΧΩΝ

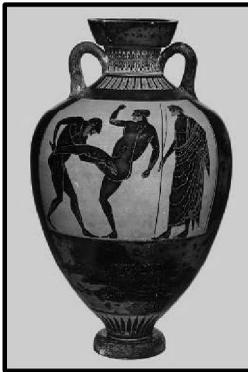
Localização:

Museu do Louvre, Paris

Dimensões:

altura 66.5 cm;

diâmetro 32.6 cm



Figuras 2A e 2B

Ânfora panatenaica pintada por Kleophrades.

Motivo (tema):

A: pankration (competição atlética) e juiz

B: Atenas entre colunas com galos no topo; escudo com a imagem do cavalo Pegasus

Data: 525-500 a.C.

Marcas/sinais:

B: τον Αθηνεθεν αθλον

Localização:

Metropolitan Museum of Art
Nova York

Dimensões:

altura 63.5 cm;

Bibliografia

BARROS, G.N.M. As Olimpíadas na Grécia Antiga. São Paulo: Pioneira, 1996.

BOARDMAN, J. Chapter one: Introduction. Chapter seven: Panathenaic Vases. *Athenian Black Figure Vases*. Londres: Thames and Hudson Ltd., 1995, p.9-13; 167-177.

CERQUEIRA, F.V. A Iconografia dos vasos gregos antigos como fonte histórica. *História em Revista (UFPEL)*, Pelotas, v. 6, p.85-96, 2000.

**Cultura material e iconografia:
um estudo das ânforas gregas do festival das Panateneias**

- CERQUEIRA, F.V. O testemunho da iconografia dos vasos áticos dos séculos VI e V a.C.: *Fundamentação teórica para sua interpretação como fonte para o conhecimento da cultura e sociedade da Grécia Antiga*. História em Revista (UFPel), Pelotas, p. 117-138, 2005.
- FRANCISCO, G.S. Grafismos gregos: escrita e figuração na cerâmica ática do período arcaico (do séc. VII-VI a.C.). 263p. Dissertação (Pós-graduação em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.
- FUNARI, P.P.A (org.). Gregos. As Religiões que o mundo esqueceu. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p.41-51.
- GRILLO, J.C.; FUNARI, P.P.A. Antiguidade Clássica: Grécia. In: VENTURINI, R.L.B. (org). *História Antiga I: fontes e métodos*. Maringá: UEM, 2010, p.49-72.
- KNAUSS, P. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p.97-115, jan-jun. 2006.
- LESSA, F.S. Democracia e esportes em Atenas. *Synthesis (La Plata)*, v. 15, p. 59-75, 2008.
- MARX, P. A Athena on early panathenaic amphoras. *Antique Kunst*, vol. 46. Basel (Suíça): Association of Friends of Classical Art, p.14-29, 2003.
- NEILS, J.; TRACY, S.V. *Tonathenethenathlon: The Games at Athens*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 2003.
- ROBERTSON, M. & BEARD, M. Adopting an Approach. In: RASMUSSEN, T.; SPIVEY, N. (org.). *Looking at Greek Vases*. Cambridge University Press, 1997, p.1-35.
- VERNANT, J.P. Mito e Religião na Grécia Antiga. Campinas SP: Papirus, 1992.
- VERNANT, J.P. Entre Mito e Política. São Paulo: EDUSP, 2001, p.293-321.

Recebido em: 21/08/2011

Aprovado em: 02/10/2011

Publicado em: 06/12/2011

A arquitetura produzida pelos descendentes de pomeranos na serra dos Tapes

Vanessa Patzlaff Bosenbecker¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi identificar a contribuição centro-européia na arquitetura da Serra dos Tapes (Colônias Osório e Py Crespo - 3º Distrito de Pelotas, RS). Para atingir o objetivo, as características da arquitetura do grupo analisado foram colocadas em diálogo com os dados trazidos pela historiografia referente à arquitetura produzida pelos pomeranos em sua terra natal e pelos imigrantes pomeranos em solo sul-riograndense. Desta maneira, os dados obtidos nos levantamentos dos sítios foram relacionados à literatura especializada de referência (Weimer, 2005), e identificaram-se permanências, adaptações e rupturas na arquitetura produzida pelos netos de imigrantes pomeranos.

PALAVRAS-CHAVE: *arquitetura pomerana; patrimônio arquitetônico; Serra dos Tapes.*

ABSTRACT: The main objective of this research was to identify the contribution of Central European in the Serra dos Tapes architecture (Osorio and Py Crespo Colonies - 3rd District of Pelotas, RS). To reach the objective, granges and residences functions organization characteristics, as well as the construction techniques used by the analyzed group, were compared with the data brought by the historiography concerned with the architecture produced by the Pomeranians in their homeland and by the Pomeranian immigrants in Rio Grande do Sul. Thus, the obtained data in the sites survey were related to the specialized reference literature (Weimer, 2005), in order to identify continuities, adjustments and ruptures in the architecture produced by the Pomeranian immigrants grandsons.

KEY-WORDS: *Pomeranian architecture, architectural heritage, Serra dos Tapes.*

¹ Arquiteta e Urbanista, Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (ICH/UFPEL), Brasil. E-mail: nessapb@gmail.com.

Introdução

Em 2009 iniciou, ainda que de forma tímida, a ideia do projeto de pesquisa que três anos depois se transformou na dissertação intitulada “Influência Cultural Pomerana - Permanências e Adaptações na Arquitetura Produzida Pelos Fundadores da Comunidade Palmeira - Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas (RS)”. Este trabalho foi construído ao longo do referido período através de pesquisas e sistematizações dos resultados parciais até chegar ao produto final: a dissertação propriamente dita e é uma destas etapas que será apresentada neste artigo.

O primeiro fôlego da pesquisa foi dado quando se conheceu parte da obra do arquiteto doutor em história, Günter Weimer. Em sua dissertação de mestrado, publicada pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2005, com o título de “Arquitetura Popular da Imigração Alemã”, Weimer apresenta como os centro-europeus construíam e organizavam os espaços em seus locais de origem e posteriormente no Brasil, país para onde migraram. Esta publicação provocou uma alteração na forma de observar o sítio e a casa da família Patzlaff, de propriedade da família da pesquisadora, descendente de pomeranos. Observando de outra maneira, novas características foram percebidas.

A casa e o sítio Patzlaff, edificadas na década de 1940, apresentavam evidências de que a organização das funções na propriedade (tanto no sítio quanto na residência) e que as técnicas construtivas utilizadas seguiam alguns dos padrões identificados por Weimer em suas pesquisas. Entretanto, a propriedade construída em outro continente e mais de um século depois do último grande fluxo migratório da Europa Central para o Brasil apresentava, também, características que divergiam daquilo que estava documentado na literatura especializada.

Desta maneira, se concluiu que outros sítios deveriam ser analisados para buscar compreender o que permanecia pomerano e

o que era pelotense naquelas edificações e sítios. Assim, a pesquisa se voltou para as famílias fundadoras da Comunidade Palmeira, Igreja Luterana Livre situada no Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas, RS. Das 21 famílias responsáveis pela fundação, para a dissertação, cinco foram selecionadas seguindo critérios diversos. O presente trabalho apresenta o que foi analisado e as conclusões preliminares às quais se chegaram após a análise de três destes sítios e casas.

Feita a revisão bibliográfica e o primeiro levantamento arquitetônico na propriedade Patzlaff, foi possível confirmar e refutar hipóteses, bem como considerar novas alternativas de análise. Então, posteriormente, outros dois sítios foram analisados, pertencentes às Famílias Holz e Könzgen, situados na mesma localidade do sítio Patzlaff.

A metodologia de análise dos sítios se baseou num levantamento físico da propriedade (medições in loco e desenho de plantas-baixas e fachadas), na reunião de fotografias antigas, em novas fotografias tiradas especificamente para o trabalho, além da coleta de informações através de entrevistas que seguiram um roteiro, foram gravadas e transcritas.

O material recolhido ou elaborado durante a etapa de pesquisa empírica foi relacionado às referências bibliográficas que abordam, além das características arquitetônicas e organizacionais dos sítios (Weimer, 2005), conceitos de sócio-transmissores e de memória individual de Jöel Candau (2002 e 2001), de memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990) e de tradição de Javier Arévalo (2004).

Sócio-transmissores, de acordo com Jöel Candau (2002), têm entre as pessoas a mesma função que os neurotransmissores têm entre os neurônios: a função de promover conexões e, no contexto da pesquisa, são representados pelos espaços construídos (residências e benfeitorias) e nos espaços não-construídos (lavouras, hortas, pomares, jardins e pátios) dos sítios.

No momento da pesquisa, teve-se contato principalmente com a segunda geração, com os filhos dos descendentes de pomeranos que adquiriram os lotes e edificaram as casas, porém em alguns sítios também se contou com as intervenções da primeira e da terceira geração. Em todos os casos foi perceptível uma sequência nas tradições familiares, e é notável que o espaço onde estão inseridos tem muito a ver com isso.

Mesmo nas casas que sofreram intervenções ao longo dos anos, a lógica organizacional permanece semelhante à original e isso não é surpreendente, visto que as atividades das famílias pouco foram alteradas nestes anos que se passaram, desde a edificação das mesmas até os dias atuais. A atividade geradora de renda para as famílias estudadas ou está ligada à agricultura ou à pecuária, bem como sempre esteve a das gerações anteriores. As mulheres compatibilizam suas rotinas rurais com as domésticas, responsabilizando-se não somente pela limpeza da casa e pelas refeições diárias, mas também produzindo *schimmiers*², cucas, linguiças e outras iguarias, bem como o faziam as mulheres da geração anterior.

Da mesma maneira, as técnicas construtivas e o modo de organizar as funções permanecem e revelam uma continuidade na tradição arquitetônica destas famílias. Portanto, estes espaços que perpassaram as gerações, que abrigam e carregam consigo as tradições, utilizando técnicas construtivas conhecidas há décadas (quicá séculos) pelo grupo, são ilustrações dos sócio-transmissores que Candau (2002) conceitua como efetivadores da protomemória, enunciadores da memória de alto nível e como combustível da metamemória.

Para o autor, de acordo com o estudo publicado em 1996 sob o título “Anthropologie de La Mémoire”, a memória individual é dividida em três níveis, os já citados protomemória, memória e

² Tradicional doce de frutas, espécie de geléia.

metamemória, conforme sistematizado pelo professor doutor de história da UNESP, Wilton C. L. Silva (2010):

1) memória de baixo nível ou protomemória, composta pelo saber e pela experiência mais profundos e mais compartilhados pelos membros de uma sociedade e que se inserem na categoria de memória procedimental (repetitiva ou hábito) de Bérghson, socialmente compartilhada e fruto das primeiras socializações;

2) memória de alto nível ou memória de lembranças (ou de reconhecimento), que incorpora vivências, saberes, crenças, sentimentos e sensações, podendo contar com extensões artificiais ou suportes de memória;

3) a metamemória, ou seja, tanto a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, quanto aquilo que fala sobre ela, em uma dinâmica de ligação entre o indivíduo e seu passado, como uma memória reivindicada.

Enquanto o primeiro e o segundo nível dependem da faculdade de memorização, o terceiro é uma representação sobre essa faculdade. Justamente por essa característica ser uma enunciação, é a única dimensão compartilhada de forma intersubjetiva, enquanto memória coletiva, ou seja, produção social de alguns acerca de heranças supostamente comuns aos membros de um determinado grupo.

Conforme o exposto, a protomemória, uma memória de baixo nível, é imperceptível e figura no campo da inconsciência, e o fato de todos seguirem com suas rotinas domésticas e rurais com singelas alterações, seria um exemplo disto. Entretanto, o exemplo de protomemória que mais interessa a este trabalho é a repetição do uso das técnicas construtivas e do modelo organizacional que

perpassa todo o trabalho. O “saber fazer” que é transmitido sem exigir didática.

Além deste conceito, o de memória propriamente dita ou de alto nível engloba as recordações autobiográficas ou de reconhecimento (saberes, crenças, sensações, sentimentos). Esta memória é um elo forte entre as famílias estudadas, responsável pela sensação de pertencimento que eles têm, responsável pela definição das suas identidades. As famílias estudadas possuem uma origem comum. Todos têm histórias de sacrifícios, dificuldades financeiras e processos de construção de família e patrimônio semelhantes. Analisando cada uma das três histórias é possível perceber várias similitudes. Ainda podemos relacionar este conceito ao conceito de tradição de Javier Marco Arévalo (2004, p. 928):

Na tradição, o nexó de continuidade entre o passado e o presente, existe um aspecto permanente e outro suscetível à mudança. A tradição resulta de um processo de decantação cultural e da hibridação que deriva do passado transformado e de sua incorporação ao presente.

Como se viu, tanto memória quanto tradição agrupam características trazidas do passado, modificadas e agregadas ao presente. Não se pode acreditar, por exemplo, que no século XX as técnicas construtivas utilizadas em um país do Novo Mundo seriam as mesmas utilizadas dois ou três séculos antes na Europa Central. Algumas características permanecem, outras são substituídas por aquelas que se mostram mais eficazes.

Propriedade do solo e forma dos aldeamentos na Europa Central do século XIX

Na maior parte dos estados germânicos, onde os camponeses eram livres, a propriedade se limitava a uma pequena nesga de terra dentro da aldeia³ que nada mais comportava além da casa, de uma pequena horta e de um pomar (esse conjunto era chamado de *Hof*). O restante (terras agrícolas, pastagens e florestas) era de propriedade comum e, explorado de forma comunitária (Weimer, 2005, p. 37).

As terras agrícolas eram divididas em três partes (*Fluren*): a primeira onde se cultivava o cereal de inverno; outra onde se cultivava o cereal de verão e; uma terceira parte que descansava. Cada uma dessas faixas era chamada de *Felder*. E cada camponês tinha direito a uma parcela de cada uma dessas partes (Ob. Cit., 37).

As comunidades eram formadas pelo agrupamento de casas próximas, porém não geminadas. Cada propriedade tinha, aos fundos, uma horta e atrás desta, um pomar. Assim, cada aldeia era envolvida por dois anéis concêntricos de vegetação, baixa por dentro e alta por fora (Weimer, 1992, p. 58), conforme pode ser visto no esquema apresentado na FIGURA 01.

A respeito da evolução formal dos aldeamentos da Europa Central, Weimer diz que esta foi extremamente diversificada, variando muito de região para região, além de ter sido amplamente analisada por estudiosos alemães e, assim, gerando uma ampla sistematização e criação de terminologias próprias (1992, p. 58). Dessa forma, serão apresentados os tipos de evolução que, segundo

³ “O termo ‘aldeia’ tem um sentido ambíguo. Por um lado significava o pequeno conglomerado urbano onde moravam os agricultores. Por outro, significa o conjunto de terras agrícolas, pastagens e florestas sob jurisdição do conglomerado urbano.” (Weimer, 2005, p. 37)

o supracitado autor, foram de alguma forma, reinterpretados no Rio Grande do Sul.

“A forma mais simples de aldeamento é o Weiler, que é um conjunto de dois ou três sítios (FIGURAS 02 e 03). Se esse Weiler cresce irregularmente, temos uma Haufendorf (FIGURA 04), que é a forma mais comum de aldeia no Hünserück. Se o Weiler se desenvolve ao longo de uma rua, com as casas em ambos os lados, temos a Strassendorf (FIGURA 05), comumente encontrada na Vestfália. Quando a rua se alarga no meio da aldeia, formando um logradouro (no seu sentido original quer dizer passagem pública para o gado), temos a Angerdorf. Um tipo especial de Angerdorf é o Rundling, em que a rua dá acesso à aldeia e termina numa devesa (do latim defesa, significando terreno cercado). Os sítios cercavam a devesa onde o gado era deixado à noite. É a forma mais comum de aldeamento a leste do Elba, onde fica a Pomerânia⁴” (Haushofer, 1974, p. 27-31; Radig, 1955, p. 95-96 apud Weimer, 2005, p. 41-42).

Partido arquitetônico e evolução da planta baixa pomerana

Nessa região da Europa Central, devido à posterior incorporação de parte da área à Polônia, poucos estudos foram

⁴ “Outras formas de aldeamento como o Punkdorf, Hufendorf, Zeilendorf, Waldhufendorf, Marschhufendorf, Rundweiler, etc. não tem interesse neste contexto.” (Weimer, 2005, p. 42)

realizados e, portanto, poucos dados são encontrados. Segundo Weimer, nessa região, os agricultores não puderam desenvolver uma arquitetura tão exuberante quanto em outras regiões de onde também partiram imigrantes, por causa do regime feudal que persistiu até o início do século XIX (2005, p. 80). A região foi conquistada pelos saxões provenientes do Schleswig e da Prússia, que foram migrando ao longo da costa do mar báltico e de lá o domínio foi se estendendo para o interior. A penetração foi acompanhada de um processo de miscigenação com os povos eslavos (Moore, 1967 *apud* Weimer, 2005, p. 80).

"[...] na Pomerânia se configuravam três faixas de partido-tipo paralelos à costa. Junto ao mar se impôs a Arquitetura baixo-saxã com um partido das casas do norte da Alemanha, as chamadas Gulfhäuser, com seus telhados cobertos de palha, de quatro águas, muito agudos e cantos arredondados; pés-direitos muito baixos e, na maior parte das vezes, executadas em alvenaria de pedra, rebocadas e caiadas. A terra era baixa, úmida e salgada. Isso contribuiu também para a pobreza da Arquitetura, na qual a madeira era pouco aplicada, era rara ou tinha de ser trazida de longe. As casas pareciam uma miniatura das grandes construções da costa do Schleswig e mantinham, no topo de seus telhados, duas madeiras cruzadas com esculturas de cabeças de cavalo,

pedindo a bênção do deus equino Wothan⁵.

Mais para o interior havia florestas que forneciam a madeira para a construção em enxaimel. Na faixa média desenvolveram-se as chamadas 'casas a leste do Elba' (Ostelbische Häuser). Essas casas eram de duas águas e tinham um esquema de divisão interna semelhante ao das casas baixo-saxãs, com algumas modificações funcionais importantes. Enquanto nestas havia uma continuidade espacial, nas casas do interior da Pomerânia as diversas funções eram separadas por paredes. [...]

Na terceira faixa, a mais interior, que se localizava mais a leste, desde a confluência do Neise com o Oder até a Prússia oriental, se impuseram as casas alpendradas (Vorlauben Häuser). Elas se caracterizavam por ter o acesso principal implantado ao lado da empena, ao contrário da faixa intermediária, em que ele se encontrava na elevação do frontão. A porta principal abria para o vestibulo. O nome dessas casas decorre do fato de terem o acesso principal protegido por um alpendre coberto por um telhado de duas

⁵ "Essas cabeças de cavalo em forma de cruz-de-santo-andré eram encontradas em todas as regiões da Baixa Saxônia e, em especial, na Vestfália, onde a penetração de cultos pré-cristãos era especialmente profunda" (Zender, 1965 *apud* Weimer, 2005, p. 80).

Segundo Weimer, muitas destas crenças foram trazidas para o Rio Grande do Sul, como as benzeduras e o curandeirismo. Na Arquitetura, não encontramos cabeças de cavalos cruzadas, mas é frequente encontrar-se ferraduras pregadas nas soleiras ou vergas das portas externas (2005, 81).

águas ortogonais àquelas da construção principal [...]” (Weimer, 2005, p. 80-81)

Baur-Heinhold afirma que a origem dos partidos gerais das zonas de influência eslava é devida ao fato de que, entre estes povos, a divisão do espaço unitário foi feita em três partes distintas: residência, cozinha, estábulos. Como o clima dessa região é especialmente rigoroso, houve necessidade de incorporar um elemento intermediário entre o micro clima interno (da casa) e o ambiente externo, que veio a ser o vestíbulo (Weimer, 2005, p. 82). Na figura 6, podemos visualizar tal evolução através do esquema elaborado por Weimer.

Sistema estrutural das coberturas pomeranas

Para as coberturas, três eram os tipos de estruturas mais utilizados: a alemânica, a franca e a saxã. Para este trabalho, em razão do sistema estrutural encontrado no sítio estudado, interessa a primeira, que se baseava num sistema estrutural de terças (Pfettendach) onde as cargas eram transmitidas, longitudinalmente, aos frontões pelas terças e, transversalmente, às paredes, pelos caibros (Thiede, 1963; Klöckner, 1974 e Brockhaus Encyclopädie *apud* Weimer, 2005, p. 92-96).

O modelo de sítio dos imigrantes centro-europeus em solo rio-grandense

Os imigrantes germânicos abandonaram suas origens e ao chegarem ao Rio Grande do Sul, tentaram recriar um espaço com características semelhantes às dos seus aldeamentos natais. Porém, receberam das companhias colonizadoras lotes com formatos retangulares alongados (Roche, 1969, p. 95), ao longo de estradas, nas chamadas picadas e foi impossível reproduzir a organização das residências e das benfeitorias da forma como era na Europa Central.

Assim, os imigrantes recriaram as aldeias - espaços públicos - dentro de seus lotes - espaços privados. Organizaram as benfeitorias, a residência, os pomares, as hortas, as lavouras, os poteiros, conforme estavam habituados (FIGURA 08).

Se na Pomerânia as casas eram organizadas em torno de uma devesa, no RS, a casa e as benfeitorias passaram a conformar estes pátios de serviços ou para cuidado dos animais. A residência passou a ser o prédio mais importante do conjunto edificado, ocupando um lugar de destaque nesta organização. Próximo às edificações ficam as hortas, pomares e o poteiro, para que se tenha mais fácil acesso às frutas e verduras que são consumidas diariamente e para ter os animais à vista e próximos para oferecer os cuidados diários que os mesmos exigem. As plantações seguem sendo organizadas como na Pomerânia, em "felders", nas faixas distintas para cada produção e a faixa de mata virgem, permanece sendo preservada. Weimer diz que praticamente todos os sítios:

"[...] conservam um pedaço de mato no local mais íngreme ou nos fundos do lote. Quando perguntávamos da razão da sua existência, respondiam-nos que era por tradição ou nos diziam: Donde já se viu uma terra sem mato! [...] Nada se extrai dele, atualmente. Trata-se, portanto, de um elemento disfuncional dentro da propriedade.

Com o poteiro acontece o contrário. Todo o colono possui, pelo menos, algumas cabeças de gado que necessitam de uma área gramada para pastar. Para tanto, o agricultor dispõe entre 10% e 24% de área de suas propriedades, o que corresponde de 11% a 28% da terra cultivada. A característica

desses poteiros é que eles sempre se encontram junto à sede da propriedade, o que é perfeitamente justificável porque o gado necessita ser tratado, no estábulo, de manhã e à noite, quando as vacas são ordenhadas.

O resto da terra é ocupado pela agricultura, salvo um pequeno trecho de dimensões não plenamente definíveis, no qual está implantada a sede da propriedade – residência, benfeitorias, jardim, pomar e horta – cuja área se situa em torno de meio hectare. [...]” (2005, 342)

Análise da organização dos sítios e da arquitetura produzida pelos descendentes de pomeranos na serra dos tapes.

O Sítio

O formato dos sítios estudados segue o padrão dos sítios que os imigrantes pomeranos recebiam ao chegar ao Rio Grande do Sul. Retangulares, com um dos lados de menor dimensão voltado para a estrada. Conforme se pode observar nas Figuras 8, 9 e 10 a distribuição das funções segue um modelo que Weimer (2005) definiu com um modelo geral de organização dos sítios de imigrantes alemães em território sul-riograndense (imagem a).

Assim como no modelo de Weimer, as casas ficam afastadas da estrada. O acesso se dá por uma estrada de terra estreita que permite o acesso de veículos com tração animal quanto de carros e caminhões. A distância à rua varia entre os casos. Algumas casas se encontram atrás de plantações e outras estão separadas da via pública apenas por um jardim. Entretanto, a distância nos sítios estudados nunca foi inferior a 15 metros.

Os sítios estudados contam com uma reserva de mata, seja ela nativa ou plantada. Weimer (2005, p. 342) diz que os teuto-gaúchos “conservam um pedaço de mato no local mais íngreme ou nos fundos do lote. Quando perguntávamos da razão da sua existência, respondiam-nos que era por tradição ou nos diziam: Donde já se viu uma terra sem mato!”. Nos sítios estudados a tradição de cultivar ou de preservar uma parcela de mata permanece.

As famílias apresentadas neste trabalho não mais cultivam a policultura, a fonte de renda delas, atualmente, ou está ligada ao gado leiteiro ou às plantações de fumo, logo as terras cultiváveis não puderam ser analisadas comparativamente.

O potreiro, parte da propriedade onde não se cultiva nada além de pasto para os animais, fica contíguo à área de implantação da sede da propriedade. Conforme se localizava o potreiro nos sítios da primeira geração de imigrantes. Isso explica-se pelo fato de que os animais de grande porte criados pelos pomeranos são basicamente gado leiteiro, animais que necessitam de cuidados pela manhã e à noite, períodos de ordenha e a proximidade facilita este trabalho além de garantir uma maior segurança contra os roubos que poderiam ser facilitados pela distância do potreiro à casa.

A área restante, além da reserva de mata, área cultivável e potreiro, é onde se localiza a sede da propriedade. Nesta parte, ficam a casa, as benfeitorias, o jardim, o pomar e a horta que conformam pátios que recebem atividades diferentes de acordo com a localização deles. Estes pátios são chamados Hofe.

O jardim das propriedades, sempre presente, fica na parte da frente do terreno, diretamente à frente da sala de estar da casa. Ele tem um caráter contemplativo e, conforme os relatos dos interlocutores, o jardim relaciona-se com a sala de estar, visto que estes são os espaços de permanência das visitas.

O pomar e a horta, que possuem tamanhos e diversidade de produtos variada em cada propriedade, ficam próximos à residência. A explicação é simples: a facilidade de acesso da dona de

casa, pois nestes espaços são colhidas frutas, verduras e temperos frescos para o preparo das refeições.

As benfeitorias compreendem os galpões de armazenagem de produtos, estufas de fumo (quando esta é a produção da propriedade), chiqueiros, galinheiros e coqueiras. Eles estão organizados de forma a formarem pátios de trabalho seja de manejo de animais ou dos produtos agrícolas produzidos.

Além destes pátios, próximo à casa, diretamente ao lado da cozinha (em alguns dos exemplos: das duas cozinhas) localiza-se o pátio de serviços domésticos. Nele, quando ainda existe, está o forno de tijolos utilizado para assar pães, bolos e carnes; o tronco de madeira e o machado que servem para cortar a lenha que alimenta o forno e o fogão à lenha e, quando a casa não tem lavanderia, o tanque de lavar roupas.

A Casa

Para analisar as casas, primeiramente serão destacadas as principais características delas em planta baixa (FIGURAS 11, 12 e 13) e, posteriormente, as peculiaridades de cada uma delas serão comparadas com a evolução da planta baixa pomerana apresentada por Weimer (FIGURA 06).

As funções nas casas estudadas seguem uma lógica de distribuição semelhante. O acesso principal (embora o menos utilizado) é feito através de uma varanda na parte da frente. A sala de estar, primeira dependência acessada na casa tem contato com a cozinha e com alguns dos dormitórios.

De modo geral, não existem corredores. A cozinha e a sala de estar, espaços de convivência da residência, distribuem as funções. A partir delas se acessam os dormitórios, espaços íntimos, bem como o exemplo da casa de imigrantes pomeranos no Rio Grande do Sul apresentada na FIGURA 06. O único corredor que aparece neste estudo, na cada Könzgen, não surgiu com esta função, resultou da união através de uma cobertura de duas

construções individuais: a casa e a cozinha secundária, banheiro e despensa.

A cozinha comumente é a dependência mais utilizada da casa pomerana, é o espaço integrador da família e, por isso, possui grandes dimensões e atribui-se as dimensões das cozinhas ao fato deste povo valorizar sobremaneira a gastronomia.

Algumas casas apresentam uma cozinha extra. Em todos os casos, elas foram construídas posteriormente em função do aumento da família. Os banheiros também são acréscimos recentes das casas.

A análise também possibilita encontrar algumas similaridades entre as fachadas das casas estudadas e a primeira afirmação possível de ser feita neste momento é de que as casas pomeranas pelotenses têm telhados de 4 águas e não possuem platibandas. As varandas na frente da casa, com utilização de colunas de alvenaria predominantemente com base e capitel maiores que o fuste. As varandas podem ocupar toda a extensão da fachada (Patzlaff), a parte central dela (Könzgen) ou uma ou mais laterais (Holz). As fachadas não costumam apresentar ornamentação de nenhum tipo. Entretanto, a Residência Könzgen (FIGURA 16) apresenta algumas aplicações cimentícias em formato de estrelas no frontão.

Nas esquadrias que permanecem originais, nota-se que as portas de madeira com duas folhas articuladas, normalmente a 90°, com bandeira de vidros ou, ainda, com janela integrada à porta são recorrentes. As janelas originais as casas ou são do tipo guilhotina ou de duas folhas. Todas as janelas tem vidros e possuem duas folhas de madeira internas (no caso das esquadrias originais, as venezianas nunca ficam do lado externo). Nas primeiras esquadrias predomina a verticalidade.

É evidente a simetria destas fachadas. Algumas vezes, a simetria perfeita, onde a partir de um eixo central temos duas metades idênticas em ambos os lados, noutras, através do equilíbrio dos componentes existentes de um e de outro lado.

Sistemas construtivos

O sistema construtivo considerado efetivamente centro-europeu é o enxaimel, porém nos sítios estudados, bem como no exemplo de arquitetura pomerana apresentada por Weimer, este sistema não foi utilizado. Nas residências foco deste trabalho, o sistema construtivo das paredes é a alvenaria de tijolos cerâmicos cozidos, assentados com uma mistura de barro e esterco e rebocados com argamassa de cal e cimento. As famílias estudadas fizeram os seus tijolos no próprio sítio.

A Estrutura dos telhados é um ponto de destaque do trabalho, pois, mesmo que as técnicas construtivas difiram daquela que é amplamente conhecida como germânica, os telhados são estruturados com o sistema de caibros, conforme descrito anteriormente, e não com as tesouras tipicamente portuguesas, o sistema mais comum no Brasil.

Todavia, nos galpões de madeira dos sítios analisados se pode perceber uma maior influência da tradição pomerana de estruturas as paredes. Neles a estruturação utilizada é semelhante ao enxaimel. A única diferença consiste no que poderíamos chamar de um retrocesso histórico: o tramado estrutural preso ao solo. Visto que Weimer (2005, p. 81) trás a esse respeito o seguinte:

“No começo dos tempos históricos, as plantas se tornaram retangulares e a técnica construtiva teve um progresso decisivo quando se conseguiu resolver um problema fundamental: a madeira cravada no solo apodrecia facilmente. Ao se elevar o tramado de madeiras verticais e horizontais sobre a fundação de pedra, eliminou-se esse problema, mas a estrutura perdeu em rigidez. Isso foi solucionado quando se descobriu que

peças inclinadas e encaixadas nos tramos conferiam à original a sua rigidez. A descoberta da triangulação significa para esta técnica construtiva o mesmo eu a roda para os transportes. Ela é o princípio básico da estática sobre o qual repousa toda a evolução posterior”

Os pisos que ainda não foram substituídos são de madeira, cimento queimado ou de ladrilhos hidráulicos. Normalmente nos dormitórios e salas de estar é utilizada a madeira e nos demais, o piso frio.

Os forros utilizados são os de madeira do tipo macho-e-fêmea ou saia-e-blusa e as telhas, do tipo francesas.

Desta maneira, retomando e simplificando ao máximo o apresentado até aqui, temos como permanências na arquitetura produzida pelos netos dos imigrantes pomeranos na Serra dos Tapes: a organização das funções no sítio – preservação da mata nativa, afastamento da via pública, cultivo de jardim, pomar e horta próximos à residência, potreiro contíguo à área da sede e Hofes com funções definidas pelos prédios adjacentes – e das funções na residência – cozinha como ambiente integrador, além de juntamente com a sala de estar distribuir aos demais cômodos, inexistência de corredor e dimensões favorecendo a cozinha sobre a sala de estar – e; alguns dos sistemas estruturais – nos telhados de caibros e nas paredes de enxaimel primitivo dos galpões.

Contudo, devido à carência de material de construção adequado ou por desejo próprio, simplesmente, foram necessárias algumas adaptações no modo com o qual eles estavam habitados a construir. Foram utilizados tijolos e telhas cerâmicas. Os tijolos os próprios construtores – proprietários dos sítios – fizeram em seus terrenos.

Na antiga Pomerânia, de acordo com Weimer (2005), algumas casas apresentavam varandas nos acessos. Tais elementos

construtivos são atribuídos ao frio rigoroso daquela região. No Rio Grande do Sul, conforme o mesmo autor, estas varandas deixaram de ser elementos obrigatórios, pois aqui o frio é relativamente ameno. Todavia, nos sítios estudados, este elemento intermediário entre o exterior e o interior retorna. Porém, neste momento, esta deixa de ser uma característica pomerana e assume o caráter pelotense, ou seja, de acordo com testemunhos, a varanda ressurgiu para proteger as esquadrias das intempéries, visto que as melhores portas da residência são as do acesso principal e para amenizar as temperaturas intensas às quais são submetidos os moradores do sul do Brasil, tanto do frio do inverno como do calor do verão. Esta característica é dita pelotense, pois, não raro, ao percorrer as estradas rurais do município, na região da Serra dos Tapes, pode-se deparar com casas avarandadas.

Considerações Finais

Os imigrantes alemães, expulsos de sua terra natal, devido às tensões internas centro-européias, foram figuras importantes para a consolidação do território rio-grandense e, tendo abandonado seus locais de origem, muitas vezes apenas com um pequeno baú com objetos pessoais, roupas, ferramentas e expectativas, tentaram recriar um espaço com características semelhantes às dos aldeamentos centro-europeus.

Da mesma forma, os descendentes desses imigrantes seguiram repetindo o modelo organizacional dos sítios e das residências e, ainda utilizando técnicas construtivas amplamente conhecidas pelos seus grupos de origem. Muitas vezes, através da complementação de conhecimentos.

O descendente teuto-gaúcho, na sua grande maioria, não conhecia, ou não dominava a técnica da alvenaria e quando, por necessidade ou opção, essa forma de construir era utilizada, ele não tinha voz de comando no canteiro de obras. Porém, quando se tratava do emprego da madeira, em qualquer que fosse a etapa da

construção - execução da estrutura, das vedações, do piso, do madeiramento do telhado ou na edificação das benfeitorias - quem impunha o conhecimento era o imigrante ou o seu descendente.

Os estudos de caso apresentaram sítios que seguem diversas dessas características, no entanto com algumas peculiaridades. Os entrevistados sempre falam sobre a inexistência de madeira de qualidade para a construção e sobre a vantagem na relação custo x benefício da construção em alvenaria, por isso, os construtores da época obrigaram-se a fabricar os seus tijolos e contratar mão-de-obra. Mesmo assim, embora as características estéticas sigam padrões que não são amplamente reconhecidos como germânicos, em diversos pontos se percebe a presença da cultura arquitetônica característica da imigração alemã. Todavia, por motivos diversos, quer sejam falta de determinados materiais de construção, desconhecimento de alguma técnica construtiva ou o simples desejo de alteração, integrando-se ao entorno, algumas características foram adaptadas na nova localidade à realidade daquela região.

Figuras

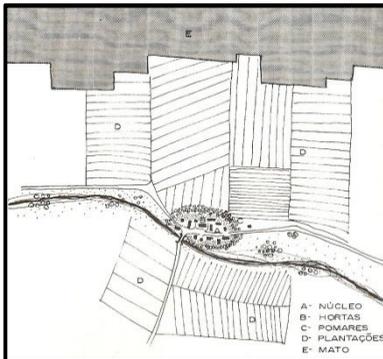


Figura 01
A Ideia Alemã

(Fonte: Weimer, Günter.
A Arquitetura no Rio Grande do Sul,
1983, p. 98)

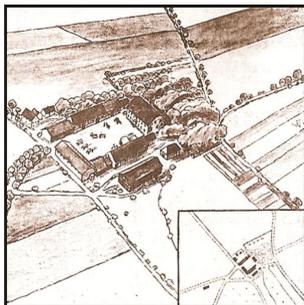


Figura 02
Um "sítio" (Hof) isolado

(Fonte: WEIMER, Günter.
Arquitetura Popular da Imigração
Alemã. 2005, p. 40)



Figura 03
Weiler franco de quatro "sítios"

(Fonte: WEIMER, Günter.
Arquitetura Popular da Imigração
Alemã. 2005, p. 41)

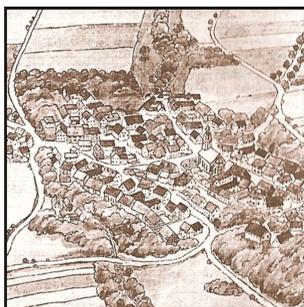


Figura 04
Haufendorf

(Fonte: WEIMER, Günter.
Arquitetura Popular da Imigração
Alemã. 2005, p. 42)

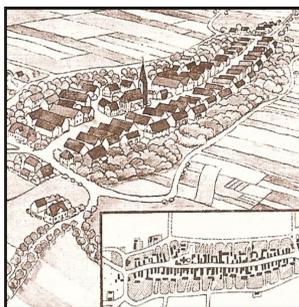


Figura 05
Strassendorf

(Fonte: WEIMER, Günter.
Arquitetura Popular da Imigração
Alemã. 2005, p. 43)

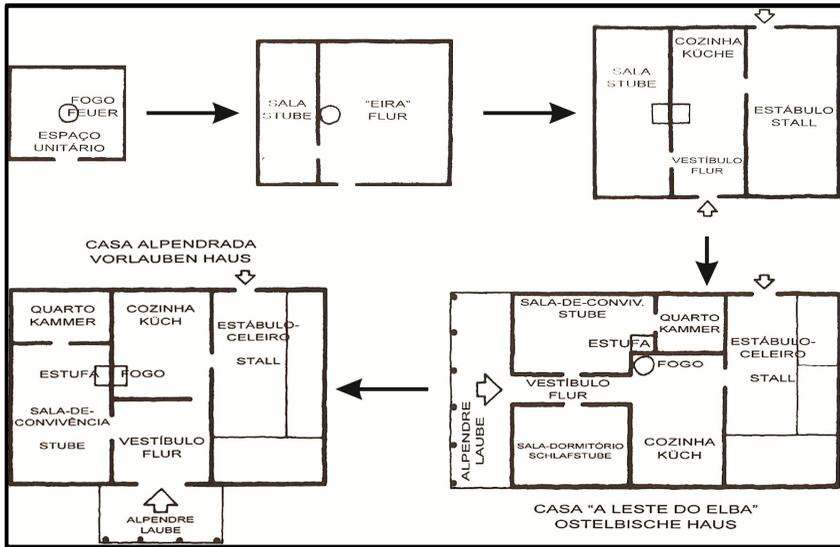


Figura 06

Evolução do partido pomerano.

(Fonte: WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular da Imigração Alemã*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 80-81)

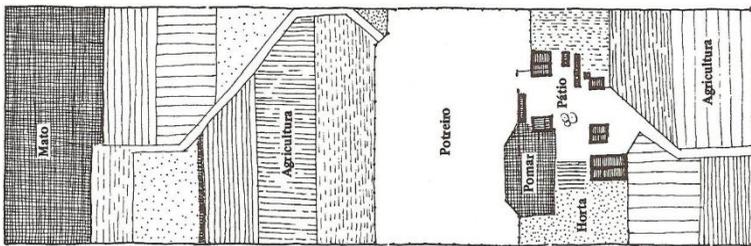


Figura 07

Esquema de um "sítio" teuto-brasileiro.

(Fonte: Weimer, 2005, p. 341)

**A arquitetura produzida pelos descendentes
de pomeranos na serra dos Tapes**

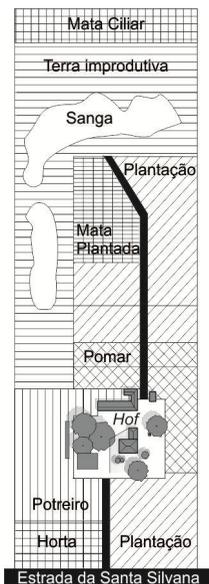


Figura 08
Sítio Patzlaff.
Levantamentos 2009

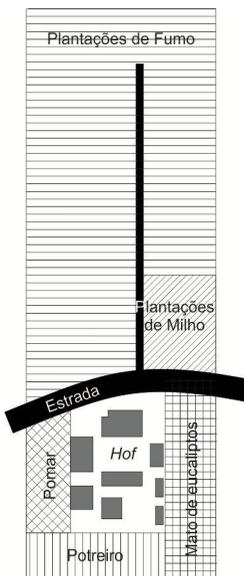


Figura 09
Sítio Könzgen
Levantamentos 2011

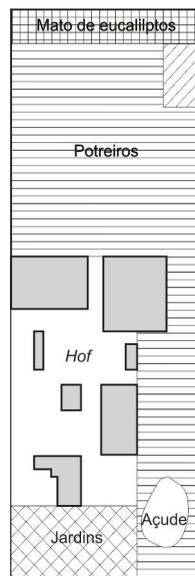


Figura 10
Sítio Holz
Levantamentos 2011



Figura 11
Planta Baixa Patzlaff.
(Fonte: levantamentos 2009).

Figura 12
Planta Baixa Holz.
(Fonte: levantamentos 2011).



Figura 13
Planta Baixa Könzgen.
(Fonte: levantamentos 2011)



Figura 14
Fachada Patzlaff
(Fonte: levantamentos 2009).

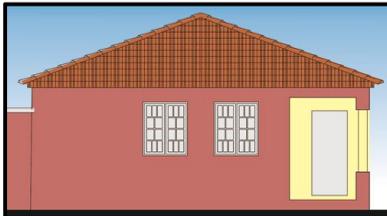


Figura 15
Fachada Holz
(Fonte: levantamentos 2011)



Figura 16
Fachada Könzgen.
(Fonte: levantamentos 2011)

Bibliografia

- ARÉVALO, J. Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. In: http://www.dipbadajoz.es/publicaciones/reex/rcex_3_2004/estudios_02_rcex_3_2004.pdf. Acesso em 14 de setembro de 2009.
- CANAU, Jöel. Memoria e Identidad. Buenos Aires: Del Sol, 2001.
- CANAU, Jöel. Antropologia de La Memória. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.
- HALBWACHS. Maurice. A Memória Coletiva. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A Invenção das Tradições. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- ROCHE, Jean. A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 2 v., 1969.
- Silva, Wilton C. L. História (São Paulo). 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742010000100024>. Acesso em dezembro de 2011.
- WEIMER, Günter. Arquitetura Popular da Imigração Alemã. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- WEIMER, Günter. A Arquitetura rural da imigração alemã. In: BERTUSSI, Paulo I. (Org.). *A Arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- WEIMER, Günter (Org.). Urbanismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- WEIMER, Günter. A Arquitetura. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

Recebido em: 01/08/2011

Aprovado em: 14/10/2011

Publicado em: 06/12/2011

A festa de navegantes na Colônia Z-3 de Pelotas: uma questão de identidade e fé

Alessandra Buriol Farinha¹
Jerusa Oliveira Michel²
Claudio Baptista Carle³

RESUMO: O presente ensaio é do estudo da identidade religiosa dos moradores da Colônia Z-3 em Pelotas, RS a partir de artigos publicados no jornal comunitário "O Pescador". São apresentados aspectos sobre a religiosidade popular local, principalmente ao que se relaciona à devoção a Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira dos trabalhadores do mar. A Festa de Navegantes ocorre na cidade de Pelotas desde o ano de 1932, vinculada a paróquia Sagrado Coração de Jesus, no bairro portuário da cidade. Nos anos 60 foi transferida para a Colônia de Pescadores Z-3. O estudo é fundamentado em leituras sobre religiosidade e território na constituição da cultura. Foi percebida a identidade religiosa de forte influência na devoção em Navegantes na Colônia Z-3 em Pelotas. A Festa ainda ocorre anualmente, é possível identificá-la como patrimônio cultural imaterial da cidade, elevando sua importância social.

PALAVRAS-CHAVE: *identidade, navegantes, jornalismo comunitário.*

ABSTRACT: El trabajo es el estudio de la identidad religiosa de los habitantes de la Colonia Z-3, en Pelotas, RS de artículos publicados en el periódico de la comunidad "El Pescador". Aspectos se presentan en el lugar religioso popular, especialmente cuando se refiere a la devoción a Nuestra Señora de los Navegantes, la Santa patrona de los trabajadores del mar. La Fiesta de Nuestra Señora de los Navegantes ocurre en Pelotas desde 1932, vinculada al Iglesia Sagrado Corazón de Jesús en el barrio de puerto. En los años 1960 fue transferida a la Colonia de Pescadores Z-3. El estudio se basa en las lecturas sobre la religión y territorio en la constitución de la cultura.

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Turismóloga, Especialista em Patrimônio Cultural, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; CAPES. E-mail: alefarinha@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Jornalista, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. E-mail: jerusa.michel@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Arqueólogo, Professor Adjunto pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. E-mail: cbcarle@yahoo.com.br

En la identidad se percibe la devoción religiosa en una fuerte influencia de Señora de los Navegantes en la Colonia Z-3. La fiesta sigue siendo celebrada cada año, es posible identificarla como patrimonio cultural inmaterial de la ciudad, aumentando su importancia social.

KEY-WORDS: *identidad, navegantes, periodismo de comunidad.*

Introdução

O artigo é fruto de um estudo de caso sobre devoção, fé e identidade cultural que se desenvolve na Colônia de pescadores Z-3 em Pelotas, Rio Grande do Sul. O objeto de pesquisa possui forte apelo ao que se refere à fé e devoção a Nossa Senhora dos Navegantes. Constituída por pescadores profissionais e artesanais, a Colônia Z-3 fica localizada no município de Pelotas, Rio Grande do Sul e é classificada como zona rural, pertencendo ao 2º Distrito do município.

Localizada as margens da Lagoa dos Patos, a comunidade se caracteriza por uma relação muito especial entre cultura e natureza, uma vez que a relação de interdependência entre elas é muito forte. A atividade econômica principal da vila permanece sendo a pesca.

No início eram apenas 40 famílias que moravam na colônia. Olegário Costa, João Motta, Silvino Costa, Ildefonso Barcelos, Miguel Irigon, Inácio Motta, Francisco Costa e Fausto Carrenha foram alguns dos primeiros moradores (O Pescador, Ed. 02, 2000).

Mais conhecida como Arroio Sujo (O Pescador, Ed. 02, 2000) a Colônia Z3 foi fundada em 29 de junho de 1921 e em 1965 suas terras foram doadas pela firma Coronel Pedro Osório. Desde o início os pescadores enfrentaram problemas, pois os barcos eram movidos pela força dos ventos e as redes eram confeccionadas em linhas de algodão e embebidas em uma mistura de óleo de linhaça para que ficassem mais resistentes.

Na Colônia, em tempos de dificuldade, era de costume recorrer a Nossa Senhora dos Navegantes, tida como protetora dos

A festa de navegantes na Colônia Z-3 de Pelotas: uma questão de identidade e fé

trabalhadores do mar. A Santa protegia os pescadores das tempestades e perigos que o mar, as lagoas e os rios ofereciam. Pediam a Santa proteção, para retornarem aos seus lares e suas famílias em segurança, terem saúde e uma boa safra.

No início da década de 60, foi iniciada a construção do Santuário em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, construído através de doações de uma porcentagem do lucro que os pescadores obtinham com a safra. Porém, como nem sempre as safras eram boas, a igreja demorou algum tempo para ser finalizada (Eco-museu da Colônia Z3, s/p, 2011).

Até hoje os moradores da colônia Z-3 celebram com muita fé e devoção a Festa de Navegantes no dia 02 de fevereiro, sendo este o maior evento que ocorre anualmente no local. A pesquisa sobre a religiosidade popular local, principalmente em relação à devoção a Nossa Senhora dos Navegantes foi dedicada aos artigos publicados no jornal comunitário "O Pescador". O periódico em questão surge em 2000, idealizado pelos estudantes do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas. É editado mensalmente e direcionado principalmente à comunidade da Colônia de Pescadores Z-3.

A festa de navegantes: origem e história

O culto a Nossa Senhora dos Navegantes⁴ tem origens longínquas e variadas. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 86), no antigo Mediterrâneo faziam-se procissões para divindades femininas. Com o cristianismo, as celebrações tiveram continuidade, mas aos poucos as imagens pagãs foram sendo substituídas pela Virgem Maria, mãe de Deus.

Megale (2009, p. 37) coloca que a devoção a Nossa Senhora pelos navegantes (marinheiros, pescadores, trabalhadores

⁴ A pesquisa da Festa antiga e atual está sendo realizada sobre uma documentação dispersa, tratamos neste ensaio do seu fluxo no jornal comunitário, para o entendimento mais amplo da mesma usamos alguns dos outros documentos de referência deste estudo ampliado.

do mar, etc.) teve origem durante a Idade Média, no tempo das cruzadas, quando cristãos atravessavam o Mediterrâneo saindo da Palestina, a fim de defenderem os lugares santos da profanação pelos infiéis. De acordo com a autora, eles tinham conhecimento das terríveis travessias marítimas enfrentadas em embarcações frágeis da época, por isso recorriam à intercessão da Virgem Maria quando se viam à mercê das ondas.

No tempo das grandes navegações, de acordo com Megale (2009, p. 38), a devoção se desenvolveu ainda mais entre os navegadores portugueses e espanhóis, que se aventuravam no oceano imenso e desconhecido. Antes da partida das embarcações os viajantes participavam da Santa Missa pedindo a proteção da Mãe dos Navegantes na jornada.

O começo da devoção a Navegantes no Brasil possui vários títulos conferidos a Nossa Senhora: Senhora dos Mares, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora dos Navegantes, entre outros. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 90), a Festa de Navegantes pode ser considerada um significativo exemplo de processo de assimilação ritual e de transformação que ocorrem com o tempo.

A invocação de Nossa Senhora dos Navegantes é muito usada entre os pescadores, homens modestos que diariamente enfrentam o furor das ondas à procura do sustento para suas famílias. A prova disso é que os mais conhecidos Santuários da Padroeira estão situados em áreas de pescaria como: Fortaleza, no Ceará, Penedo, na foz do Rio São Francisco, e principalmente em Cananéia, o primeiro centro habitado do sul do Brasil, e Porto Alegre. Em todos esses núcleos pesqueiros a festa da Padroeira é

celebrada com animadas procissões marítimas precedidas da embarcação que leva a Virgem Maria. Entretanto, os festejos mais famosos, que atraem todos os anos milhares de turistas, são os da capital gaúcha. No dia da Festa realiza-se animado cortejo fluvial, durante o qual os devotos atiram ao Rio Guaíba flores, fitas e guirlandas como oferenda à Protetora dos Navegantes (Megale, 2009, p. 38).

No estado do Rio Grande do Sul, a celebração mais antiga de Nossa Senhora dos Navegantes é, possivelmente, a realizada em São José do Norte, cuja Matriz possui uma imagem barroca dessa invocação. A Festa em outras cidades do país tem proveniência a partir do ofício do Pescador. Vale ressaltar que a antiga Festa de Navegantes de Pelotas foge deste contexto, sendo elaborada não sob o contexto do trabalho do pescador, mas pela proximidade do bairro ao Porto de Pelotas, onde ocorria intensa atividade comercial na cidade.

De acordo com Braga (1998), a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Alegre⁵ é a maior festa de devoção popular do estado e uma das maiores manifestações religiosas do País. A procissão do dia 02 de fevereiro chega a reunir, de acordo com Steil (2004, p. 13), cerca de um milhão de peregrinos.

⁵ De acordo com Cavedon (1992, p. 31), a primeira imagem de Nossa Senhora dos Navegantes chegou a Porto Alegre em janeiro de 1871, encomendada por portugueses residentes em Porto Alegre de um escultor português radicado às margens do Rio Douro, na cidade de Porto, em Portugal. Como estava próximo o dia 2 de fevereiro daquele ano, considerado pela Igreja Católica como o “Dia da Purificação de Nossa Senhora”, esse dia foi escolhido para ser de exaltação à Nossa Senhora dos Navegantes, comemorado anualmente. A Santa ganha, pouco depois, sua capela própria, no bairro que justamente viria a se chamar Navegantes. Após um incêndio, ao que tudo indica criminoso (Cavedon, 1992, p. 43) que a destruiu, em 1910, ergueu-se o atual Santuário no ano de 1912.

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas teve origem no ano de 1932, vinculada à Paróquia Sagrado Coração de Jesus, conhecida como Igreja do Porto, na zona do Porto de Pelotas. Ela foi transferida para a Colônia de Pescadores Z-3, há 25 km do Bairro do Porto, em meados dos anos 60 (Eco-museu da Colônia Z3, s/p, 2011). O fato pode ser verificado nas FIGURAS 01 e 02, que representam souvenirs distribuídos durante a Festa de Navegantes, que mencionam o Local e Promotores do evento religioso.

A documentação sobre a Festa, fora o jornal foco desse estudo é diversificada e sendo que este estudo possibilitou um amplo inventário destes. Este estudo de caso traz alguns destes outros documentos para aprimorar a interpretação evidenciada pelo jornal “O Pescador”. Os Santinhos ou *Souvenir's* da Festa de Navegantes de Pelotas oferece uma narrativa do envolvimento de devoção que a Festa proporciona a população da cidade.

Desde sua criação, a Festa de Navegantes já contava com a participação de moradores da Colônia Z-3, que vinham, em sua maioria de barco para acompanhar a procissão fluvial e programações que envolviam a Festa⁶. Talvez um dos motivos para a transferência da Festa para a Colônia de Pescadores tenha sido pela intensa participação dos moradores na Festa de Navegantes que era realizada no Porto.

Estuda-se também a documentação fotográfica produzida anteriormente e pela pesquisa hoje. A FIGURA 03 representa o momento inicial da missa festiva no Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes, na Colônia Z3 no ano de 2011. Indica a forte participação popular, tanto de moradores da colônia de pescadores quanto de integrantes de comunidades do centro e de outros bairros de Pelotas. Encontravam-se na celebração, pessoas de idade avançada, crianças, famílias inteiras. Havia oferenda de flores para a Santa. Do lado de fora do Santuário, outra multidão participava da

⁶ Dados colhidos através de entrevistas com paroquianos da Igreja Sagrado Coração de Jesus, moradores do Porto, e devotos de Navegantes que participavam da Festa no começo do século XX. Parte da dissertação de mestrado da autora Alessandra Buriol Farinha.

missa festiva em pé, sobre a incidência do sol forte das 10h30min da manhã. A maioria da assembleia permanecia em pé durante a celebração da missa.

À frente, no altar estão as lideranças da Igreja Católica de Pelotas, o Bispo Arquidiocesano, pároco do Santuário, clérigos e ministros da Igreja. A imagem da Santa que se vê ao fundo da Igreja, à esquerda é a Imagem original da primeira Festa de Navegantes do Porto, de 1932. Durante toda a Festa na Colônia Z3 os fiéis tocam na Santa, fazem pedidos e orações, oferecem flores, entoam cânticos. Observamos que esta antiga imagem não sai do Santuário.

Às 15h uma imagem menor é embarcada na colônia de pescadores e segue pela Lagoa dos Patos rumo ao Cais do Porto de Pelotas. Ao chegar no Porto de Pelotas, a imagem segue em procissão terrestre até a Paróquia do Porto, acompanhada de fiéis moradores do bairro portuário, onde é celebrada a missa de encerramento da Festa de Navegantes. Encerra assim um dia inteiro de festividades em devoção à Nossa Senhora dos Navegantes na cidade de Pelotas. Festa que envolve várias regiões, municípios, clérigos e fiéis em procissão motorizada, terrestre, fluvial e celebrações em homenagem à Santa.

Jornal comunitário e memória coletiva

É através da comunicação que o ser humano se diferencia das outras espécies. A comunicação propicia a formação das identidades, a cada geração, nas tradições, na cultura, que se modificam com o decorrer dos anos, conforme a dinâmica de cada grupo. A linguagem pode marcar a estrutura da identidade justamente por ser capaz de perpetuar formas de fazer, de entender e de ser no mundo. O aprendizado através da comunicação verbal, gestual, escrita, auxilia a inserção de determinado indivíduo em grupo específico. Este indivíduo aprende o que é a identidade do grupo e incorpora os saberes de forma

sinérgica, às vezes aperfeiçoando-os conforme a dinâmica sócio-cultural do grupo.

O jornalismo desde seu surgimento tem se revelado um campo particular de estudos ao pensarmos sua relação com a sociedade e com os grupos sociais, pois ele existe em função ou por influência dos mesmos. O jornal, como meio de comunicação massivo, configura-se como espaço discursivo, pois materializa o discurso midiático a partir de condições linguísticas e sociais próprias. Sua significação é produzida construindo ou reconstruindo a informação que transmite de acordo com essas condições e pela forma como os elementos se apresentam no contexto sócio-cultural de onde se originam.

Um jornal comunitário pode auxiliar a população na socialização do indivíduo, por ser, de forma diferente da grande imprensa (Marcondes Filho, 1987; Guareschi, 2004), humanizador do sujeito como um ser importante no grupo. O jornal comunitário constitui um espaço de realização individual e coletivo, onde as vivências e experiências são relatadas de maneira informal. O jornal comunitário pode ser, portanto, um documento representativo da memória coletiva de determinada comunidade.

Essa posição sobre o jornalismo comunitário como humanizador do sujeito e como espaço de realização do próprio indivíduo, e do grupo, encontra eco no pensamento de Claval (1999, 2001) quando o autor coloca que aquilo que é escrito cria um novo tipo de memória, que é objetiva, material.

De acordo com o autor, ao conservar discursos, essa memória tem uma característica importante que é de ser cumulativa, assim permitindo que os saberes se desenvolvam mais ricos, mais diferenciados, eruditos. A forma cumulativa também auxilia nos estudos da dinâmica da mudança de comportamento cultural com o passar dos anos ou, a permanência de ações, crenças, fazeres que se perpetuam através de gerações.

A comunicação traz à tona fatos que marcam a memória coletiva dos grupos em todas as épocas. A cobertura jornalística de

diferentes grupos sociais, o registro pela mídia, e a vivência direta dos acontecimentos dos grupos envolvidos constroem a memória coletiva local.

Na medida em que a ação humana não é fundamentada diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normatizado e canalizado pela cultura, ela supõe memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. As formas que revestem a memória são múltiplas. (Claval, 2001, p. 83)

Paul Claval, intrincado na geografia cultural, entende que o fato humano é fruto de uma ação contextualizada, ou seja, constituída por um compromisso dos atores com suas ações, compromisso este formalizado pela cultura. A ação é entendida como normatizada e canalizada pelas tradições e pelas manutenções das formas de fazer e de pensar. Há, para este autor, uma memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos, ou seja, as ações não são casuais, são sempre envoltas por um pensamento coletivo e um fazer coletivo que efetivado em grupo ou individualmente.

Assim entende que as “formas que revestem a memória” são de diferentes dimensões e campos do contexto. A perpetuação da cultura é posta em prática, inicialmente, pela memória verbal, por meio do relato. Ou seja, é pensada, pois o pensar se efetiva nas verbalizações. A memória visual, como um segundo momento, o ver para entender e repetir as ações, esta memória desenvolve-se através do olhar, podendo apoiar-se em procedimentos verbais, e posteriormente pode ser objetiva em função da escrita. E neste sentido o jornal comunitário é um meio explícito, de manutenção de memórias coletivas, pela forma como é constituído.

Os objetos não são simplesmente suportes da memória funcional. Eles tomam frequentemente uma forma simbólica [...] A cultura de um grupo não se confunde mais com a soma de conhecimentos e práticas que as pessoas têm presentes hoje na sua memória – um conjunto relativamente frágil e limitado. Ela comporta também todo saber latente depositado nos livros (moles, 1967) e que pode ser reanimado a qualquer momento. [...] Ao contato de civilizações dotadas de escrita, as sociedades orais modificam-se: seus membros aprendem a se apoiar em documentos elaborados e conservados pelos outros para assentar sua influência e ter acesso ao poder (Amselle, 1990 Apud. Claval, 2001, p. 84-85)

A materialização da memória em objetos não os destina à condição de meros “suportes da memória funcional”. Há uma re-significação da memória objetiva imbricada nos documentos escritos, porém estes, quando lidos diretamente, trazem o teor das imagens sociais de quem os criou. Portanto, o jornal comunitário pode ser re-lido no presente pelos criadores e re-significados, mas o seu significado original ainda está nele.

O que é importante é a forma simbólica que estes objetos de memória se constituem, pois sua criação objetiva, fruto da linguagem escrita, é base pra a manutenção daqueles antigos significados. A fragilidade e limitação da memória atual são compensadas pelo conhecimento patente e latente (simbólicos) depositado nos textos, que são re-significantes de um passado no presente.

A escrita nas sociedades, que era tipicamente oral, propicia o apoio à sua memória que se mantinha por intensas repetições. Hoje estas já podem ser re-lidas, e o acesso a elas é mais universalizado.

Verifica-se, então, que as matérias e artigos veiculados em um jornal comunitário trazem geralmente comentários sobre temas que atingem ou fazem parte da vida da comunidade. Esta sinergia oportuniza sua compreensão pela redação, que costuma usar linguagem mais informal e coloquial, principalmente quando o público leitor tem baixo nível de instrução formal, contribuindo para a formação de sua memória objetiva. Isto fortalece também a inclusão e participação da coletividade a que se dirige.

O veículo de comunicação utilizado como um dos objetos de estudo deste artigo, o jornal comunitário "O Pescador", surgiu na Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas – no curso de Jornalismo, por uma reivindicação dos próprios alunos, com o objetivo de discutir e desenvolver o jornalismo comunitário, ou seja, de novas formas de ação jornalística, a partir de um processo comunicativo horizontal, alternativo, participativo e inclusivo. Trata-se da produção de um jornal comunitário impresso, de periodicidade mensal, direcionado à comunidade da Colônia de Pescadores Z3, bairro periférico da cidade de Pelotas.

O projeto que se desenvolve desde o ano 2000, tendo como ideal o desenvolvimento de novas formas de comunicação, baseado nas teorias do jornalismo comunitário, ou seja, propor um veículo alternativo e popular, voltado para os interesses da comunidade. O principal, no entanto, é que o jornal deveria ser feito a partir dos moradores, que sempre tiveram uma participação forte e decisiva na sua elaboração. Este veículo toma como simbólico destes pescadores a Festa de Navegantes, tema deste ensaio como podemos perceber a seguir.

A devoção dos moradores da colônia Z-3 nas páginas do jornal “O pescador”

A devoção mariana em relação à imagem relacionada ao espaço naval, como indicamos acima, aparece em Pelotas ligada a uma procissão não diretamente vinculada aos pescadores, apesar da presença dos mesmos naquela atividade. Mas quando esta toma força no espaço da sua Comunidade, a Colônia de Pescadores Z3, a efetivação simbólica desta ação na memória deste grupo é evidenciada. Os textos e apelos da comunidade no veículo midiático do jornal tomaram vulto e representam, até hoje, foco de preservação da identidade desta comunidade com esta devoção.

Desde que se iniciou o jornal “O Pescador”⁷ oferece atenção especial à procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, sendo este o tema que ocupa quase a totalidade da capa da edição número 17 do jornal (FIGURA 04).

A música de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, lançada em 1993, Nossa Senhora, estampada na capa da edição retratada na Figura 04, exprime a fé dos devotos e o caráter da procissão que envolve centenas de pessoas todos os anos, desde o seu início em 1932, e que renovam sua fé no dia da padroeira. Cabe lembrar que a edição final sempre é revisada pelas lideranças da comunidade ou por pessoas destacadas pela comunidade para isso. Desta forma se assegura a preservação dos argumentos que são sempre validados pela comunidade.

Segundo o Bispo Auxiliar de Pelotas, em declaração fornecida ao jornal “O Pescador”, na edição número 17, de janeiro e fevereiro de 2003, “Nossa Senhora representa a mãe que cuida, a quem sempre podemos recorrer. Na companhia dela a gente se sente mais filho de Deus e irmão um do outro. Estar com ela é sentir-se em casa com a nossa mãe”. Este pensamento reflete a

⁷ O jornal, como veículo de memória objetiva pode ser apreciado nestas escolhas que a pesquisa proporcionou, temos como foco o simbólico da Festa de Navegantes.

***A festa de navegantes na Colônia Z-3 de Pelotas:
uma questão de identidade e fé***

interação que o povo tem com este fato simbólico que é a Festa. A publicação da fala reflete o interesse que a comunidade tem com o universo de irmandade proposto pela mesma. Irmanar-se como símbolo de união dos pescadores numa imagem que os conduz em seus espaços de trabalho diário que é o espaço naval.

Em enquete realizada pelo jornal “O Pescador”, na edição número 27, de março de 2004, sobre o significado da Festa de Navegantes, percebe-se que a Festa é um evento consolidado e de valor inestimável não só para a comunidade da Colônia Z3, mas para todos os que são devotos da Santa. Abaixo elencamos alguns destes depoimentos⁸:

Eu entendo que a festa de Navegantes, que conheço desde o fim da década de 40 quando vim estudar em Pelotas, vejo que hoje damos muito mais valor por ela representar o povo que trabalha no mar, na Lagoa... Ela é muito importante, pois hoje está associada ao turismo, já que essas pessoas vêm do interior do Estado, para participar do evento, visto que em suas cidades não há festa igual a esta. (Erico Ribeiro, Deputado Federal).

Homenagear Nossa Senhora dos Navegantes, na qual depositamos muita esperança e os pescadores. A fé fortalece a alma. (Edailson Silva, Presidente do Salão Paroquial).

Sou devoto de Nossa Senhora dos Navegantes e navegante, e para mim é uma manifestação de fé. Ela é uma marca

⁸ Depoimentos transcritos do Jornal “O Pescador”, edição n° 27.

da cidade de Pelotas, é um patrimônio cultural. Evidentemente, tem um impacto econômico na Z-3, não só porque festejam ou lamentam a safra, mas renovam a fé e a esperança de cada dia. (...) A tradição da culinária local é diferenciada e esse fator é capaz de alavancar o turismo. A Z-3 tem muito a oferecer a pelotas e aos visitantes da comunidade. (Fernando Marrone, Prefeito Municipal de Pelotas).

A partir dos depoimentos observados acima, podemos perceber que a Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes é parte fundamental da cultura e da identidade social dos moradores da Colônia de pescadores Z-3. Percebe-se também que a devoção em Nossa Senhora, pelos navegantes representa para alguns, uma esperança de reconhecimento do potencial do turismo religioso, cultural e gastronômico da Colônia Z-3 como forma de desenvolver econômica e socialmente o local. Para outros, ela faz parte da identidade social e cultural da comunidade em que estão inseridos.

Pode-se dizer que a *Identidade Social* é essencialmente caracterizada pela forma como nós próprios nos vemos, é um sentido do “eu” ancorado num modelo com o qual nos identificamos, conjugada com a forma como os outros nos vêem. Isto quer dizer que a identidade social requer um certo grau de escolha, ao mesmo tempo que exige um nível de conscientização. Por identidade, entende-se, conforme Pollack, “a imagem de si, para si e para os outros”, isto é

A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para

ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (Pollack, 1992, p. 204).

De acordo com estudos contemporâneos o indivíduo possui várias fontes identitárias, identidade de gênero, nacional, etária, étnica, profissional, entre outras. A identidade social é algo que se constrói individualmente, mas é algo que é dinâmico e é influenciada pelas relações sociais entre os indivíduos que compõem essa mesma sociedade. Isto porque “[...] a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros” (Pollack, 1992, p. 204).

Percebe-se através do estudo realizado que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes está inserida na cultura da comunidade que constitui a Colônia de Pescadores Z3, que influencia e é influenciada pelos indivíduos que a compõe, por isso está presente na construção da identidade individual e coletiva, e que ao ser evidenciada no contato com outros grupos sociais, é aceita e possui credibilidade, reforçando o caráter identitário.

Considerações Finais

A cultura está no espaço. Não depende dele para existir, mas sua ligação é intrínseca. De acordo com Castells (1999), a cultura é fruto de significados, atributos culturais, relacionamentos que se constituem em determinado espaço. O lugar de viver dos humanos, que se dá o nome de espaço, é onde eles se identificam entre si, se agregam, ou pelo contrário, se segregam.

Em um mesmo espaço podem existir várias identidades que se relacionam entre si, formando a coletividade. Castells (1999) coloca que toda a identidade é construída; esta construção se dá no

espaço de vivência, de convivência. O espaço pode agir como fomentador, incentivador de determinada manifestação cultural.

A pesquisa no periódico “O Pescador” demonstra que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, fenômeno religioso que ocorre na Colônia Z-3 é algo com que a comunidade se identifica e dá sentido de pertença, tanto pela fé quanto pela história da antiga devoção com relação aos trabalhadores do mar. O espaço, portanto age como incentivador da manifestação popular.

A Festa ainda ocorre anualmente em Pelotas, na Colônia Z3. Por ser tradicional na cidade, completando 80 anos de existência no ano de 2012, é possível considerá-la um patrimônio da cultura imaterial da cidade de Pelotas, elevando sua importância social.

O patrimônio cultural pode ser reconhecido pelo senso comum como ícones de representação de um coletivo. Muitas vezes a memória e a identidade estão arraigadas na sociedade de forma subjetiva. Já no senso comum, o que é representativo é a questão pessoal, o sentimento, lembranças, vivências. O estudo realizado através do Jornal comunitário “O Pescador”, indica que existe uma identidade religiosa de forte influência da devoção a Nossa Senhora, pelos navegantes na Colônia Z-3 em Pelotas.

Figuras



Figura 01
Souvenir da Festa de Navegantes de Pelotas, 1968.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

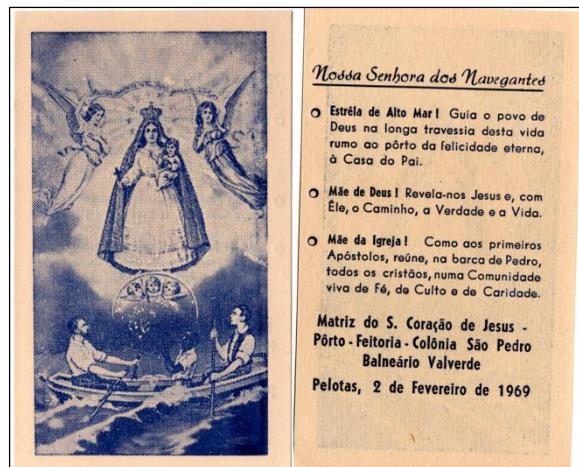


Figura 02
Souvenir da Festa de Navegantes de Pelotas, 1969.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.



Figura 03

Missa Festiva da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Colônia Z3, em Pelotas, 2011.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.



Figura 04

Jornal "O Pescador" edição número 17 – Janeiro/Fevereiro de 2003

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

Bibliografia

- ARANTES, Antonio Augusto. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. In: *Revista DaCultura*, ano IV, nº7. Disponível no site da Funceb: <http://www.funceb.org.br/pdf.html>. Acesso em 14 jun 2011.
- BRAGA, Reginaldo Gil. Batuque jeje-ijexá em Porto Alegre – A música no culto aos Orixás. Porto Alegre: Fumproarte, Secretaria Municipal de Cultura, 1998.
- CANDAU, Joel. Antropologia de La memória. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.
- CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio Imaterial no Brasil: Legislação e Políticas estaduais. Brasília: UNESCO/ Educarte, 2008.
- CAVEDON, Neusa R. Navegantes da esperança: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre. 1992. Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- CLAVAL, Paul. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- CLAVAL, Paul. Transmissão da experiência coletiva e Gênese das culturas. In: *A geografia cultural*. 2ª edição. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.
- GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994
- MARCONDES FILHO, Ciro. Jornal comunitário e mobilização popular. In: *Quem manipula quem: poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

- PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. O que é Patrimônio cultural Imaterial. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- PESCADOR, O. Edição número 02, de junho de 2000.
- PESCADOR, O. Edição número 17, de janeiro e fevereiro de 2003.
- PESCADOR, O. Edição número 27, de março de 2004.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992.
- IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/>. Acesso em 14 jun 2011.
- ECO-MUSEU DA COLONIA Z3. Disponível em: <http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/>. Acesso em 14 jun 2011.
- TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e estória. Lisboa: Vega, 1993.

Recebido em: 11/08/2011

Aprovado em: 25/10/2011

Publicado em: 06/12/2011

Relatório de pesquisa do projeto Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das Populações Pré-Coloniais na Bacia Hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim

*Rafael Guedes Milheira*¹

Introdução

Neste texto relatamos atividades de campo desenvolvidas no primeiro ano do projeto *Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das Populações Pré-Coloniais na Bacia Hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim*, coordenado pelo Prof. Dr Rafael Guedes Milheira, registrado no COCEPE (nº: 7.04.00.004) e com portaria do IPHAN (nº processo 01512.001161/2011-74).

A margem da Laguna dos Patos e a região da serra do Sudeste referente ao município de Pelotas e municípios vizinhos tem sido pesquisada pela arqueologia desde a década de 1960 através das pesquisas do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). Mais recentemente, o levantamento de sítios arqueológicos e o seu entendimento vem sendo desenvolvido na referida região desde o ano de 2002, através do Projeto de Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região, em desenvolvimento pelo LEPAARQ-UFPEL, registrado no IPHAN sob número de processo 01512.000006/2005 – 92 e, mais recentemente, através do projeto em questão. A partir desses trabalhos realizados, já foram identificados sítios Guarani e Cerritos, bem como sítios de ocupação histórica, tanto no ambiente litorâneo como serrano, o que foi realizado através de Levantamento Arqueológico, notícias da comunidade e doações de artefatos. Estes sítios arqueológicos identificados e estudados

¹ Professor do curso de bacharelado em Antropologia/Arqueologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL), Brasil. E-mail: milheiraraafael@gmail.com.

demonstram que o processo de ocupação indígena regional foi bastante intenso, o que se transfigura num cenário sócio-cultural de uma história indígena de longa duração que ultrapassa um horizonte cronológico de mais de 1500 anos de ocupação.

A partir deste trabalho inicial de mapeamento de sítios arqueológicos vários estudos foram elaborados em vias de entender os aspectos sociais e culturais que envolvem os grupos pré-coloniais da região de Pelotas (Milheira 2005, 2008a, 2008b, Milheira & Alves 2009, Milheira, Appoloni e Parreira 2009, Loureiro 2008, Belletti 2010, Ulguim 2011, Garcia 2010). Atualmente vemos a necessidade em estudar mais especificamente a arqueologia de cada grupo pré-colonial que compõe o cenário sócio-cultural da região da serra e litoral da porção meridional da Laguna dos Patos. Com este objetivo central é que propomos, em novembro de 2010 o projeto *Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das Populações Pré-Coloniais na Bacia Hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim*, que visa a partir de uma abordagem regional identificar e analisar sítios arqueológicos Guarani e cerritos, mapear e definir as situações de conservação dos mesmos, compreender questões particulares e gerais da ocupação de ambas as culturas e entender os aspectos históricos que envolveram a relação entre estas culturas indígenas. Outro objetivo que deve ser destacado é a intenção em traçar um panorama histórico das populações indígenas na época pós colonização ibérica. Sabe-se que os grupos indígenas que habitavam a região de um modo de vida tradicional ingressaram no modo de vida urbano em formação na região de Pelotas a partir do século XVIII, logo, cabe um questionamento sobre como se deu este processo e quais as suas consequências sociais atuais.

Como um primeiro passo da pesquisa, as atividades prospectivas de campo têm sido intensificadas, integrando a equipe do LEPAARQ e instituições parceiras. No presente relatório, focamos o texto em atividades relacionadas ao levantamento de campo realizadas na várzea do canal São Gonçalo e em a novos achados

arqueológicos identificados na lagoa do Fragata, ambas áreas dentro do município de Pelotas.

Relatório de atividades de prospecção arqueológica

a) Prospecção na margem do canal São Gonçalo

As atividades prospectivas na várzea do canal São Gonçalo ocorreram entre os dias 13 e 15 de janeiro de 2011. O trabalho foi desenvolvido na margem direita do canal São Gonçalo, num polígono limitado a sul pelo canal São Gonçalo, a leste pela margem esquerda do arroio Pelotas, a norte pela Av. Ferreira Viana e a oeste pela malha urbana do bairro da Balsa e bairro Navegantes (FIGURA 01).

Esse é um recorte geográfico prospectado por dois motivos:

1) até o momento não haviam sido feitas prospecções nesse polígono e, além do patrimônio histórico relativo ao sítio charqueador amplamente divulgado, é uma área com grande potencial para achados arqueológicos pré-históricos, visto que é uma zona de banhados e terrenos alagadiços, típicos de implantação dos cerritos. 2) Além disso, essa área da cidade de Pelotas vem sendo foco de empreendimentos imobiliários de médio e grande porte na cidade de Pelotas, como um Shopping Center, diversos loteamentos residenciais e um estaleiro que, segundo as projeções divulgadas na mídia local, fará parte de um polo industrial naval, a ser implantado na várzea do canal São Gonçalo.

Neste sentido, tal prospecção arqueológica soma-se a vários pontos do município já foram prospectados. No litoral, foram prospectados diversos pontos de confluência do arroio Pelotas; margem do canal São Gonçalo e do arroio Pelotas; praias do Totó, Barro Duro e colônia de pescadores Z-3; Ilha da Feitoria e Lagoa do Fragata. Na região de Serra foram prospectadas as regiões do vale do arroio Andrade, na bacia do arroio Pelotas e a região da Colônia Maciel. Estas atividades de prospecção têm permitido compor um

panorama de ocupação histórico e arqueológico que vem sendo aos poucos refinado (Milheira 2005, 2008a, 2008b, Milheira & Alves 2009).

Características ambientais da área de pesquisa

Em termos ambientais, a região da pesquisa pode ser caracterizada como a planície de inundação ou várzea do canal São Gonçalo, o qual, por sua vez, liga a laguna dos Patos à lagoa Mirim. O canal estende-se através de uma planície sedimentar de formação recente (Holoceno), com um curso particularmente sinuoso. Possui uma extensão de 75 km, com larguras variáveis em torno de 200 metros e profundidades também variáveis, numa média de 6 metros. Próximo às margens do São Gonçalo ocorrem diversos banhados e pântanos de água doce. A litologia mais importante desta planície é constituída de material clástico, representada por areias quartzosas, argilas e conglomerados (Rosa 1985, p. 103).

A composição vegetal nessa região é típica de **Formações abertas** onde predominam a vegetação pioneira e campos (Rosa 2006, Mauhs & Marchioretto 2006).

As **Formações Abertas** ocupam grande parte do terreno do litoral do Rio Grande do Sul e se dividem em vegetação pioneira, campos e parques de butiás. Os **Campos Litorâneos** ocupam grande parte da área de pesquisa e são procurados como espaços para o plantio de culturas irrigadas, como arroz, soja, melancia, etc. São formados, em sua maioria, por ações antrópicas atuais decorrentes da exploração agrícola; sua fauna e flora atuais são o resultado dos processos afetados por essas atividades. Se caracterizam pela presença de gramíneas (Rosa 2006; Mauhs & Marchioretto 2006).

A **vegetação pioneira** se caracteriza como a vegetação que ocupa os solos recém formados. Na região meridional da laguna dos Patos, esta vegetação ocupa grandes extensões na faixa de dunas, que separa a linha da praia oceânica e as lagoas. As espécies vegetais que predominam neste ambiente são as gramíneas.

Mesmo com a vegetação, o solo é arenoso na maior parte (Mauhs & Marchioretto 2006).

Os **banhados** apresentam diversos micro-ambientes palustres. A vegetação se localiza nas margens das lagoas e ao se colmatar se transforma em banhados, que também devem ser classificados como formações pioneiras dominados por ciperáceas (*Scirpus spp*, *Cladium jamaicensis Crantz*, *Cyperus californicus*, *Cyperus giganteus Vahl.*), conhecidas popularmente como juncos, que deveriam ter sido de extrema importância para as populações indígenas, pois são excelente matéria prima para confecção de cestaria e coberturas arquitetônicas (Mauhs & Marchioretto 2006).

Estruturas identificadas

Do ponto de vista histórico esta região é amplamente conhecida devido ao seu patrimônio histórico relativo ao sítio charqueador de Pelotas. É conhecida ao longo da margem esquerda do arroio Pelotas uma série de charqueadas construídas ao longo do século XIX, período em que a cidade de Pelotas viveu seu apogeu econômico com base na produção saladeril. “Em 1911, um dos descendentes dos proprietários da fazenda e charqueada da Graça, o escritor, João Simões Lopes Neto, arrolou 23 fábricas, na margem direita do arroio Pelotas, e, oito, na orla norte do canal São Gonçalo. Algumas charqueadas ainda permanecem, como é o caso das famosas charqueadas: Charqueada São João, Charqueada das Flores (Colônia Mazza) e Charqueada Santa Rita. Além destas charqueadas, outras jazem em situação de avançado grau de impactação, sendo suas estruturas conhecidas parcialmente no terreno ou apenas através da documentação histórica (Gutierrez 2001).

Neste contexto histórico referente ao século XIX a prospecção possibilitou a identificação de duas estruturas que chamaram a atenção.

- 1) A primeira estrutura é uma elevação no terreno construída

pelo aterramento e edificação da estrutura. De acordo com vizinhos, o alicerce teria sido de uma antiga charqueada “mais antiga que a própria cidade de Pelotas”. Localização UTM (22 J) 375357/6483679. (FIGURAS 02 e 03)

2) A segunda estrutura não foi identificada em campo, mas através de informações colhidas no software Google Earth. Na UTM (22J) 377817/6485469 foi publicada uma foto de um “geoglifo gaúcho”. É uma estrutura circular feita com terra, normalmente constituída para o confinamento do gado (FIGURAS 04 e 05).

b) Prospecção na região da Lagoa do Fragata

Entre os dias 10 e 11 de fevereiro de 2011 foi realizada uma atividade de prospecção arqueológica na região da lagoa do Fragata, Pelotas-RS. Primeiramente, a atividade teve interesse na identificação do sítio arqueológico onde foi encontrada a coleção lítica “Carla Rosane Duarte Costa”. Esta coleção é composta por dois zoólitos (uma escultura em forma de pomba e uma em forma de tubarão), dois bastonetes polidos, uma lâmina de machado, duas bolas de boleadeira mamilares e uma mó (ver estudos sobre essa coleção em Ribeiro *et al.* 2002 e Milheira 2005).

Este trabalho foi instigado pelo fato de que, no ano de 2010, durante uma saída de campo na região do campus universitário, localizamos dois senhores que disseram ter sido os responsáveis pela coleta dos materiais nos anos 1980. Os senhores contaram-nos detalhes sobre o contexto do achado arqueológico. Comentaram que as peças teriam sido retiradas quando da construção das sapatas para a construção do alicerce de um galpão, numa casa próxima da estrada do campus universitário.

Segundo os entrevistados, na medida em que encontravam materiais escavavam mais intensivamente o terreno em busca de objetos de valor econômico ou estético, sendo deixados fora aqueles que não atendiam o seu interesse imediato, como, por exemplo,

objetos de cerâmicas e instrumentos líticos sem apelo estético. Essa versão “em primeira pessoa” dos fatos corrobora a versão da Sra. Carla Rosane Duarte Costa, a qual já havia indicado que a região de areais próxima do campus universitário teria sido o local de origem da coleção. Porém, segundo os entrevistados, essas peças que compõem a coleção não teriam coletadas com uso de retro-escavadeira, como consta em Ribeiro *et al.* (2002), mas, sim, com escavadeiras manuais. Logo, supomos que talvez algum tipo de material ainda pudesse ser identificado *in situ*.

Em busca de registrar o contexto arqueológico através de técnicas científicas e profissionais, nosso trabalho foi desenvolvido no terreno indicado pelos responsáveis pelo achado. Realizamos no terreno uma série de 58 sondagens com uso de escavadeira manual (FIGURAS 06, 07 e 08). As sondagens foram escavadas de forma equidistante, orientadas em linhas paralelas no sentido sudoeste-nordeste. No entorno do alicerce do galpão, onde foi indicado pelos informantes, foi concentrado um trabalho de sondagens aleatórias. Além de um controle superficial do terreno e de uma série de sondagens que cobriram toda área, nenhum tipo de vestígio pré-colonial foi identificado, impedindo afirmar que aquele local seja realmente o sítio arqueológico onde fora encontrada a coleção lítica. Continua a dúvida se houve algum equívoco na informação que nos foi passada ou se, no momento da retirada das peças ainda nos anos 1980, o contexto foi totalmente impactado.

Esta percepção em campo nos levou a conversar novamente com os trabalhadores que encontraram a coleção lítica nos anos 1980. Ao reencontrar o Sr. Marcos Antonio Oliveira de Oliveira e Sr. Rudimar de Oliveira, no dia 03 de junho de 2011, os mesmos apontaram novos dados que corroboram que a área onde a coleção lítica foi identificada está completamente impactado.

Segundo os entrevistados, faz aproximadamente 20 anos que o Sr. Marcos e o Sr. Rudimar encontraram a coleção ao escavar as sapatas do galpão. Depois, disso, varias pessoas continuaram escavando para encontrar mais coisas. Pedras, esculturas,

fragmentos de cerâmica. “Era comum encontrar painéis fragmentados e inteiros nos areais. Também se achava muito machado de pedra”.

A coleção estava mesmo em contexto em uma área de aproximadamente 2m². Profundidade de aprox. 1m. Hoje em dia o local está completamente destruído pelo uso intensivo dos terrenos para extração de areias. De acordo com o Sr. Rudimar, o contexto era muito mais denso, havendo outras peças que não foram preservadas. Não havia ossos humanos no contexto, inclusive nunca acharam ossos humanos nos areais.

Durante a atividade de sondagens no terreno, realizamos também uma prospecção assistemática na região em torno da lagoa do Fragata, onde, segundo o arrendatário do terreno, seria a única área intocada pelas atividades de extração de areia. A região da pesquisa é caracterizada por um imenso terreno que foi utilizado ao longo de mais de duas décadas como área de extração de areia. O resultado desta atividade econômica foi uma radical transformação de uma área de aproximadamente 8km² (um retângulo de 4km x 2km) em torno da lagoa do Fragata. Atualmente, esta atividade está proibida nesta área, sendo os terrenos utilizados apenas como áreas de moradia e de pecuária.

Realizamos uma prospecção numa área em que foi indicada pelos moradores locais como um dos únicos pontos intocados pela extração de areia. Trata-se de uma linha de matas marginais ao banhado da lagoa do Fragata e que margeia um pequeno córrego que deságua, por sua vez, no arroio Moreira. Realizamos um caminhamento assistemático, buscando um controle superficial do terreno. Desta forma, conseguimos identificar dois Cerritos próximos um ao outro e ficam à beira da área de banhados da lagoa do Fragata. Para fins de registro, apenas fizemos o georeferenciamento e fotos dos sítios, sem ter realizado nenhum tipo de coleta de materiais arqueológicos.

Dando continuidade às atividades de prospecção na região, realizamos outras atividades de campo para identificação de outros

cerritos na mesma área. Ao total, foram identificados, até o momento, 05 cerritos em torno da lagoa do Fragata, em torno da EMBRAPA e do campus da UFPEL, demonstrando um grande potencial de pesquisa. Nesse relatório apresentaremos apenas dois dos cinco cerritos identificados (ver vista panorâmica da área em FIGURA 09 e mapa com a localização dos cerritos em FIGURA 16).

1) Cerrito Lagoa do Fragata 02

Cerrito de aproximadamente 1m de altura, com um formato elíptico e orientação no sentido leste-oeste. O eixo maior tem aproximadamente 22m no sentido leste-oeste e 10m no sentido norte-sul. Foram identificados fragmentos de cerâmica e lítico lascado e fauna ictiológica em meio a uma porção bastante significativa de conchas bivalves. O sedimento escuro é resultado da decomposição orgânica dos materiais arqueofaunísticos que compõem os cerritos. O sítio encontra-se no interior de uma mata em regeneração à borda da área de extração de areia, o que leva a crer que outros sítios de mesma natureza poderiam ter existido próximos, mas que foram destruídos pela atividade extrativista (ver vista geral do sítio em FIGURA 10 e materiais encontrados *in situ* em FIGURAS 11 e 12).

2) Cerrito Lagoa do Fragata 03

Cerrito de aproximadamente 1m de altura, com um formato elíptico, com uma orientação norte-sul. O eixo norte-sul tem aproximadamente 28m e o eixo leste-oeste 20m. Foram identificados fragmentos de cerâmica típicas da tradição Vieira, pequenos seixos e várias conchas bivalves. O sedimento é escuro/preto, resultante da decomposição de matéria orgânica que compõe o sítio. (ver vista geral do sítio em FIGURA 13 e materiais encontrados *in situ* em FIGURAS 14 e 15).

MUNICÍPIO	SÍTIO	SIGLA	COORDENADAS	ATIVIDADES
Pelotas	Lagoa do Fragata 02	PSGMF-02	22J 368475/6480924	Registro
Pelotas	Lagoa do Fragata 03	PSGMF-03	22J 368161/6480648	Registro
Pelotas	Lagoa do Fragata 04	PSGMF-04	22J 367903/ 6480481	Registro
Pelotas	Lagoa do Fragata 05	PSGMF-05	22J 367876/ 6480474	Registro
Pelotas	Lagoa do Fragata 06	PSGMF-06	22J 367198/6480187	Registro



FIGURA 01

Imagem de satélite com demarcação do polígono da área de prospecção na margem do canal São Gonçalo. Nota-se no canto direito da imagem a localização do sítio Guarani PSG-17-Las Acácias. Base: Google Earth 2011.



Figuras 02 e 03

Foto panorâmica e foto em detalhe da estrutura de alicerce possivelmente de uma charqueada. Fotos: acervo LEPAARO.



Figura 04

Imagem do “geoglifo” coletada através do Google Earth em 10 de janeiro de 2011.



Figura 05

Imagem de satélite do “geoglifo” coletada através do Google Earth em 10 de janeiro de 2011.



Figura 06

Imagem de satélite com a localização das sondagens realizadas ao longo do terreno. Base Google Earth 2011.



Figura 07

Linha de sondagens realizada ao longo do terreno de onde teria sido retirada a coleção lítica “Carla Rosane Duarte Costa”. Foto: acervo LEPAARQ.



Figura 08

Vista panorâmica do Piso do galpão de onde teria sido retirada a coleção lítica “Carla Rosane Duarte Costa”. Foto: acervo LEPAARQ.



Figura 09

Vista geral da região da lagoa do Fragata. Ao fundo nota-se a cidade de Pelotas e a ponte sobre o canal São Gonçalo. Foto: acervo LEPAARO.



Figura 10

Vista geral do cerrito Lagoa do Fragata 02. Foto: acervo LEPAARO.



Figuras 11 e 12

Fragmentos de cerâmica e ossos de peixe e conchas na superfície do cerrito Lagoa do Fragata 02. Fotos: acervo LEPAARQ.



Figura 13

Vista panorâmica do cerrito Lagoa do Fragata 03. Foto: acervo LEPAARQ.



Figuras 14 e 15

Fragmento de cerâmica e material lítico bruto em quartzo, localizado na superfície do cerrito Lagoa do Fragata 03. Fotos acervo LEPAARQ.

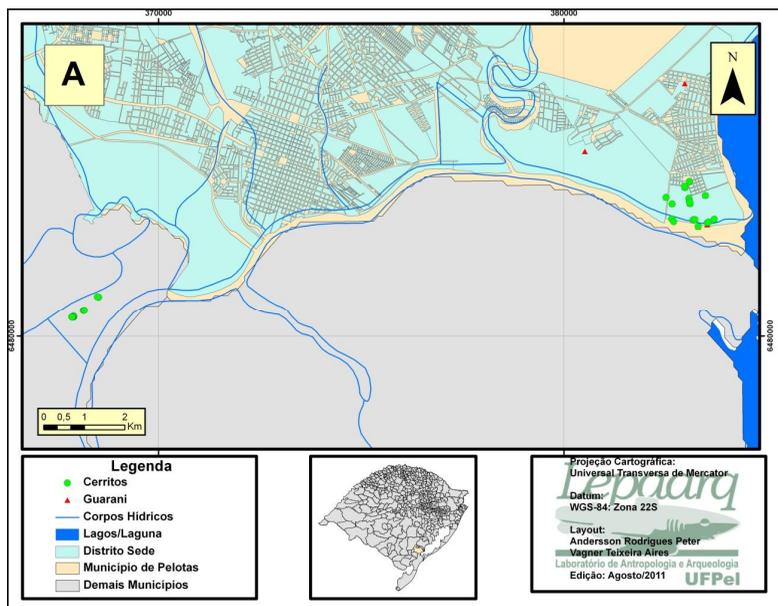


Figura 16

Mapa da cidade de Pelotas com a localização dos sítios arqueológicos da região do banhado do Pontal da Barra (18 sítios locados à direita no mapa) e área da lagoa do Fragata (concentração de 5 cerritos locados à esquerda do mapa). Mapa elaborado por Anderson Rodrigues Petter e Vagner Teixeira Aires.

Bibliografia

- BELLETTI, Jaqueline da Silva. Uns caquinhos num montão de terra: o que fazer com eles? Discussões sobre cerâmica em cerritos no sudoeste da laguna dos patos (Rio Grande do Sul–Brasil). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010. (monografia).
- GARCIA, A. M. As Cadeias Operatórias de uma indústria tecnológica lítica: sítio arqueológico PT-02 (Cerrito da Sotéia), Pelotas-RS. Universidade Federal de Pelotas. 2010. (monografia).
- GUTIERREZ, Ester. *Negros, charqueadas e olarias*. Pelotas: Ed. UFPel, 2001.
- LOUREIRO, André Garcia. Sítio PT-02-Sotéia: Análise dos processos formativos de um cerrito na região sudoeste da laguna dos Patos, RS. São Paulo: USP, 2008. (Dissertação de mestrado).
- MAUHS, Julian & MARCHIORETTO, Salete. Formações vegetais do litoral central. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. p. 115-122.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Esculturas Líticas Sambaquieiras: Algumas Possibilidades Interpretativas. Reflexões a partir de uma Coleção Lítica do LEPAARQ – UFPEL. Pelotas: UFPel, 2005. (Monografia).
- MILHEIRA, Rafael Guedes. *Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste*. São Paulo: USP, 2008a. (Dissertação de mestrado).
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Um modelo de ocupação regional Guarani no sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, nº 18, 2008b. pp. 19-46.
- MILHEIRA, Rafael Guedes e ALVES, Aluisio Gomes. O sítio Guarani PT-03-Totó: uma abordagem cultural e sistêmica. *Revista de Arqueologia*, 22 (1), 2009. pp. 15-42.

- MILHEIRA, Rafael Guedes, APPOLONI, Carlos Roberto e PARREIRA, Paulo Sérgio. Arqueometria em cerâmicas Guarani no sul do Brasil: um estudo de caso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, nº 19, 2009. pp. 355-364.
- RIBEIRO, Pedro Mentz; PENHA, Maria Angélica P.; FREITAS, Sabrina; PESTANA, Marlon. *A Ocorrência de Zoólitos no Litoral Centro e Sul do Rio Grande do Sul, Brasil*. Rio Grande: FURG, 2002.
- ROSA, André Osório. A fauna do litoral central do Rio Grande do Sul. *Pesquisas*. nº 63. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006. p. 123-133.
- ROSA, Mario. *Geografia de Pelotas*. Pelotas: UFPEL, 1985.
- ULGUIM, Priscilla Ferreira. Zooarqueologia e o estudo dos grupos contrutores de cerritos: um estudo de caso no litoral da laguna dos Patos-RS, sítio PT-02 cerrito da sotéia. Universidade Federal de Pelotas, 2010. (Monografia).

Recebido em: 28/08/2011
Aprovado em: 27/10/2011
Publicado em: 06/12/2011